

Uma Publicação da:



Ação Comunitária do Brasil
Rio de Janeiro

Giovanna Bareto
Marília Pastuk

Colaboração:
Ana Paula Degani
Cícero Nogueira
Luciana Meireles

Razão PORQUE FIQUEI O PÃO nosso DE TODOS OS Dias



Patrocínio:

PROGRAMA
PETROBRAS
DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

CURIÓ
Editora Social

RAZÃO PORQUE FIQUEI
O PÃO NOSSO DE TODOS OS DIAS

RAZÃO PORQUE
O PÃO NOSSO DE TODOS O

O PÃO NOSSO DE

RAZÃO

O PÃO NOSSO DE

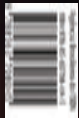
RAZÃO PORQUE FIQUEI

O PÃO NOSSO D

Uma publicação



Ação Comunitária do Brasil
Rio de Janeiro



Patrocínio

PROGRAMA
PETROBRAS
DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

CURIÓ
Editora Social

Givanna Barreto
Marta Pastuk

Colaboração:
Ana Paula Degani
Ckero Nogueira
Luciana Meireles



*Razão
PORQUE
fiquei:
o pão nosso
DE TODOS
OS DIAS*

PROJETO
AMPLIANDO HORIZONTES



2013



SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	→	PRELEÇÃO 9
CAPÍTULO 2	→	CHEGANDO JUNTO 21

- 2.1 O NASCIMENTO 25
- 2.2 OS CARAS E AS MINA 28
- 2.3 MÃO NA MASSA 33

CAPÍTULO 3	→	DESCOBRINDO TALENTOS 41
------------	---	-------------------------

- 3.1 FAZENDO ARTE 42
 - OFICINA DE CAPOEIRA E PERCUSSÃO 42
 - OFICINA DE CERÂMICA NEGRA 56
 - OFICINAS DE MODA & BELEZA 60
- 3.2 FAZENDO ACONTECER 65
 - OFICINA DE MARGENARIA 65
 - OFICINAS DE TELEMARKETING,
AUXILIAR DE ESCRITÓRIO E ALMOXARIFADO 74
 - OFICINAS DE GASTRONOMIA E GARÇOM 80





CAPÍTULO 4

DO TRIGO AO PÃO 97

CAPÍTULO 5

PAPO DE RESPOSTA 111

- ◉ ALEXANDRE MARREIROS, MONITOR DA OFICINA DE CAPOEIRA 114
- ◉ EVELYN GOMES, EDUCANDA DA OFICINA DE FOTOGRAFIA, DO PROJETO PAN SOCIAL E ATUAL MONITORA DA OFICINA DE MARGENARIA. RESPONSÁVEL POR ALGUMAS FOTOGRAFIAS DESTES LIVROS 121
- ◉ MARIA MICHELE, EGRESSA E TÉCNICA DA TV NOVO DE GASE 129
- ◉ GEORGE FOX, COORDENADOR DO CECEL, CENTRO DE CULTURA, ESPORTE E LAZER 134
- ◉ MESTRE BERG - ANTÔNIO ROSEMBERG, PSICÓLOGO, ANTROPÓLOGO E EDUCADOR DA OFICINA DE CAPOEIRA 144
- ◉ CRISTIANE ZEITOUNE, PSICÓLOGA E COORDENADORA DO NÚCLEO DE SAÚDE INTEGRAL DO NOVO DE GASE 156
- ◉ LANA AZEVEDO, ASSISTENTE SOCIAL E EDUCADORA DA OFICINA DE AUXILIAR DE ESCRITÓRIO 163
- ◉ MÔNICA BASTOS, COORDENADORA DO PROJETO PAN SOCIAL 171

CAPÍTULO 6

PALAVRA DE RESPOSTA 179





AGRADECIMENTOS

Trabalhar com jovens em cumprimento de medidas socioeducativas não é uma tarefa fácil. Ainda assim, a expressão que mais escutei dentro das dependências do DEGASE foi ‘Tamu junto’. Talvez seja porque realmente cooperamos uns com os outros, onde todos tiveram voz ativa. A própria palavra agente, por exemplo, neste espaço, escreve-se junta e separada. De fato, foi a gente. A gente os adolescentes, as famílias, as comunidades, os agentes, a coordenação, a equipes de trabalho; o DEGASE, a Ação Comunitária, a Petrobras. Sempre buscando uma sintonia, num universo de diferenças e singularidades diversas. Analisando, não poderia ser diferente, estamos falando de responsabilidade e liberdade. ‘Tamu junto’ rumo à uma utopia “vivida” de um dia sermos um espaço de trocas que ficou na memória, registrado em um livro que conta ações e depoimentos especiais, sinalizando um novo começo. E muitas dúvidas.

Como coordenador deste projeto, tentei elencar a quem agradecer. Depois de muito refletir, agradeço especialmente aos adolescentes e respectivos familiares que passaram por nós e mudaram as nossas e suas vidas de uma forma decisiva e com o horizonte ampliado. Temos outra visão. Agradeço, de um modo geral, a todas as equipes de trabalho que fizeram essa caminhada conosco, com quem sonhamos juntos e (re)significamos vidas, num trabalho de (des)construção e (re)construção diário. Complexo.

Em especial, agradeço à equipe da Ação Comunitária do Brasil, à sua superintendente Marília Pastuk, que me concedeu esta bela oportunidade de aprendizado e concebeu o projeto original em 2007, participando dos desdobramentos daí decorrentes, de forma competente e entusiasta; à Maria Celeste Sá; à Neuza Roque; ao Marco Antonio Gomes; aos coordenadores de núcleo e de projetos da ONG, sempre solidários e dispostos a colaborar, como Ana Paula Degani e Luciana Meirelles; aos educadores e monitores do Projeto Ampliando Horizontes, a quem só tenho elogios a fazer pelo seu grau de engajamento à proposta; ao Diretor Geral, Alexandre Azevedo,



à coordenação e equipe técnica do Novo DEGASE, destacando-se os prestadores de serviços, os agentes, os pedagogos e a equipe da saúde, firmes na sua decisão de (re)significar a vida desses adolescentes, desdobrando-se nesse sentido.

Finalmente agradeço à equipe de responsabilidade social do Programa Petrobras, Desenvolvimento & Cidadania, que confiou na competência e compromisso social de todos nós. Todos aqui citados foram parceiros de todos os momentos. Essa foi a ‘Razão Porque Fiquei’. Aprendendo e “aprendendo” entre a gente, com o agente e com todas as gentes. Obrigado. “Tamu junto”.

**Cícero Nogueira [Coordenador Executivo do
Projeto Ampliando Horizontes]**





Quando fui ferida,
por Deus, pelo Diabo, ou por mim mesma,
- ainda não sei -
percebi que não morreria, após três dias,
ao rever pardais e moitinhas de trevo.

Quando era jovem,
só estes passarinhos,
estas folhinhas bastavam
para eu cantar bufores,
dedicar óperas ao Rei.
Mas um cachorro batido
demora um pouco a latir,
a festejar seu dono
- ele, um bicho que não é gente -
Tanto mais eu que posso perguntar

Por que razão me bates?
Por isso, apesar dos pardais e das revoasas folhinhas
uma tênue sombra ainda cobre meu espírito.
Quem me feriu perdoe-me.

Adélia Prado





CAPÍTULO 1

PRELEÇÃO



Ampliando Horizontes consolidou uma bem-sucedida experiência realizada pela Ação Comunitária do Brasil/RJ em parceria com o Departamento Geral de Ações Socioeducativas [DEGASE] e a Petrobras, voltada para jovens em situação de conflito com a lei.

Essa experiência [de 2007 a 2009] ficou conhecida como Projeto Pan Social, contada, em 2010, na publicação *“Razão por que fiz?”*. O Pan Social, além de facilitar o processo de reinserção social de tais jovens, contribuiu para despertar e sensibilizar a sociedade para a problemática em questão e foi vencedor do Prêmio Top Social na área de Direitos Humanos, concedido pela Associação Brasileira de Dirigentes de Vendas e Marketing [ABDL] à Petrobras por conta do seu patrocínio à iniciativa, também em 2010.

A complexidade dessa problemática é significativa. Segundo Muller et. al (2009),

“O protagonismo de adolescentes com a produção de violência tem mobilizado uma série de discussões acadêmicas, sociais e legislativas. Diariamente são noticiados eventos que evidenciam o envolvimento de adolescentes com a prática de atos infracionais. É indiscutível que essa temática evoca e perpassa uma série de questões, desde os fatores de risco implicados nesse comportamento até a responsabilização e a legislação estatutária atual.”

Nesse contexto, e *“diante de casos cada vez mais alarmantes de violência praticada por menores”* (Goyano, 2013), está na pauta do dia do país o debate em torno da maioridade penal com propostas de redução da idade de imputabilidade do infrator. O artigo 228 da Constituição Federal (1988) estabelece que a pessoa até 18 anos de idade é considerada inimputável, não estando sujeita aos preceitos do Código Penal, mas sim a uma série de prerrogativas elencadas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que tem como principal objetivo a educação desse jovem, priorizando iniciativas que visem ao fortalecimento dos respectivos vínculos familiares e comunitários (ECA, art. 100).





Dessa forma, ao adolescente autor de ato infracional são aplicadas medidas socioeducativas conforme elencadas no capítulo IV do ECA: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, inserção em regime de semiliberdade, internação em estabelecimento educacional ou qualquer uma das previstas neste Estatuto. Medidas privativas de liberdade e sua efetividade são alvos de discussão por parte de diversos autores.

Existe toda uma polêmica com relação aos espaços onde estas medidas de correção são cumpridas e sobre a sua adequação com relação ao que preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente. Muller et al. (*idem*) fazem referência a esse debate:

“Brito (2003) sugeriu que o atendimento nesses espaços ainda é marcado pela punição, pela patologização do ato infracional e pela intervenção centrada no indivíduo. Por outro lado, Francischini e Campos (2005), ao abordar o caráter educativo da medida de privação de liberdade, problematizaram o significado que o ato educativo assume nesse espaço. Para eles, o ato educativo envolve uma expectativa em relação ao perfil que o educando assumirá perante a sociedade e na sociedade e, nessa direção, a medida de internação ainda não tem um papel efetivo. Poucos estudos enfatizam o outro lado dessa vertente. Apenas recentemente, Costa e Assis (2006) discutiram o contexto socioeducativo como um fator de proteção e promoção de saúde para os adolescentes em conflito com a lei. As autoras sugerem que, quando houver uma mudança no foco do atendimento prestado nessas instituições, será possível promover os processos de resiliência, especialmente por meio do fortalecimento de vínculos, da autonomia e de projetos de vida” [...]





Mas até que ponto a realidade das instituições ressocializadoras têm condições de fazer cumprir a lei? Ou, como questiona Goyano (*idem*) “o que fazer para mudar o status quo de prisões e fundações que deveriam reencaminhar o indivíduo à cidadania e não conseguem fazê-lo? Um menor infrator teve as mesmas condições de desenvolvimento social, psíquico e moral de outros jovens?”

A resposta a essa última questão em geral é negativa. A equidade de direitos é um ideal a ser conquistado em sociedades como a brasileira, onde o Estado tem um papel fundamental a desempenhar enquanto promotor do bem estar coletivo. **Nesse sentido a discrepância dos preceitos legais à realidade concreta é evidente.** De fato, “os debates no universo conceitual sobre exclusão parecem deixar em segundo plano o foco que ilumina as análises baseadas na injustiça social que propõe pensar a exclusão como processo complexo e multifacetado, do qual a inclusão é parte constitutiva”, como sugere Maria Cecília Rodrigues de Oliveira (2002).

Dentro deste cenário, tal como o Pan Social, o Projeto Ampliando Horizontes teve como objetivo maior a reinserção de jovens em conflito com a lei ao seu território, à sua família e à comunidade, buscando oferecer-lhes condições para garantir a sua efetividade. Esse projeto visou **[igualmente]** contribuir para que fossem internalizadas práticas pedagógicas inovadoras por parte do poder público. Para tanto, trabalhou na reelaboração e construção de novas práticas capazes de atualizar e qualificar iniciativas voltadas para a preparação e inserção no mundo do trabalho, via empreendedorismo individual ou solidário e outras. Tal propósito demandou a adoção de propostas que fomentassem a inclusão social, a equiparação de oportunidades, a defesa de direitos, a internalização e o respeito a deveres. Dessa forma, o Ampliando Horizontes **rompeu com o viés assistencialista**, buscando contribuir para que esses jovens em conflito com a lei fossem protagonistas de suas próprias histórias, de forma consciente e responsável. Leiam a seguir, algumas notas a respeito dessa **COMPLEXA** temática.

[...]os jovens apresentam demandas diversas e complexas decorrentes de múltiplas determinações que deixam





um determinado segmento juvenil exposto a situações relacionadas ao cometimento do ato infracional. As determinações estruturais demandam a intervenção do Estado na promoção, garantia e defesa de direitos, alguns desses já garantidos legalmente, no entanto, não efetivados na sua plenitude. Há necessidade de uma intervenção em nível individual que fortaleça a autoestima e possibilite ao jovem a reflexão crítica sobre sua história e suas potencialidades. Com o despertar do protagonismo juvenil busca-se que ele vislumbre uma perspectiva de futuro, estabeleça e alcance paulatinamente metas baseadas em um novo projeto de vida.

Observou-se que esse jovem, apesar de alguns condicionantes em sua trajetória, apresenta os mesmos desafios para o profissional que trabalha com esse segmento etário: a rebeldia, a necessidade de pertencimento social, o imediatismo, a necessidade de imposição de limites e respeito. Nesse sentido, para a efetivação do objetivo da medida socioeducativa é necessário fazê-lo refletir sobre as atitudes que o levaram à situação de infração. A prática socioeducativa será mais eficiente se baseada num relacionamento humanizado, valorizando o fortalecimento da identidade desse jovem para a desconstrução do estigma do menor. Essa prática é acompanhada de uma sensibilização social com relação a esse jovem para que ele tenha oportunidades concretas de reintegração social, acesso ao mercado de trabalho e à educação de qualidade [...] **Projeto CRESSE**

¹Os jovens em conflito com a lei: entre discursos e olhares. Instituição do Homem Novo, Projeto CRESSE. NETIJ/ESS/UFRJ 08 de Julho de 2011. Disponível em: <http://ihn.org.br/blog/wpcontent/uploads/2012/03/PESQUISA-CRESSE-RELATORIO-RELIMINAR.pdf>

O ECA E A MEDIDA DE INTERNAÇÃO

Em 1990, promulgou-se o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (MS, 1991) fruto da ratificação da Declaração Universal dos Direitos da Criança e do Adolescente da Organização das Nações Unidas (ONU), que passou a considerar a população infanto-juvenil como sujeito de direito e merecedora de cuidados especiais e proteção prioritária. Esta lei revogou o Código de Menores de 1979. Este Estatuto, considera que são penalmente imputáveis os menores de 18 anos que cometem crime ou contravenção penal. A estes jovens não podem ser perpetradas penas, e sim medidas socioeducativas de advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, inserção em regime de semiliberdade, internação em estabelecimento educacional, além de outras medidas que visem ao acompanhamento do infrator na família, escola, comunidade, serviços de saúde etc. A medida de internação é aquela que coloca o infrator sob custódia do Estado, privando-o de liberdade total ou parcial. Esta medida somente pode ser aplicada pelo juiz em caso de infração cometida por meio de grave ameaça ou violência à pessoa e no caso de reincidência de ato infracional grave. Não há previsão de tempo para a internação, contudo a permanência do jovem nesse estabelecimento não pode ultrapassar o prazo de três anos, devendo ser reavaliada a cada semestre.



REDUZIR A MAIORIDADE PENAL?

Por Cristiane da Mota Zeitouné²

O adolescente é um desafiador da lei. A solução do problema

Podemos constatar o quanto tem aumentado o grau de violência e o envolvimento de adolescentes em atos infracionais. O desprezo pela vida alheia e a introjeção dos valores da sociedade de consumo, em detrimento dos padrões morais de direitos e respeito aos outros, mostra o quanto a sociedade contemporânea, com seus ideais cada vez mais utilitários, banaliza a violência. Hedonista e permissiva, favorece uma espécie de empuxo ao fora-da-lei, fazendo da busca do prazer imediato um alvo que não encontra limites.

Freud, em “O mal-estar na civilização”, nos mostra que a civilização tem por objetivo moderar e limitar a vontade de gozo, por meio da formação dos ideais. Contudo, não estamos mais em uma época como a de Freud, em que os ideais e as ideologias estavam no zênite do social. Ao contrário, vivemos em uma época de impasses, em que as leis simbólicas, que regem os laços sociais, não têm tido consistência para assegurar as relações do sujeito com o outro, em função do declínio dos ideais.

Consequentemente, estamos confrontados com certos tipos de comportamentos de jovens que colocam as ações dos educadores em xeque e nos desafiam a novas intervenções. No Brasil, é por meio do cumprimento de medidas socioeducativas que os jovens maiores de 12 anos e menores de 18 são convocados a responder pelo ato infracional cometido. O caráter sancionatório e educacional das medidas socioeducativas envolve um modelo de atendimento articulado com o sistema de garantia de direitos e o desenvolvimento de ações educativas que visam à promoção da cidadania.

Contudo, a cada vez que a mídia dá visibilidade ao ato infracional praticado por um adolescente, a sociedade clama pela redução da maioridade penal como uma solução eficaz. Não devemos confundir inimpunibilidade com impunidade.

² Fonte: Instituto da Psicanálise Lacaniana. Disponível em: <http://www.ipla.com.br/editorias/sociedade/reduzir-maioridade-penal.html>



O que assistimos na nossa sociedade é ao incremento da sensação de impunidade. Convivemos bem com o desrespeito às leis. Nesse sentido, a solução para o problema do envolvimento do adolescente com o mundo do crime não está na produção de leis penais mais rígidas, mas em fazer cumpri-las. O adolescente é um desafiador da lei, mas ele precisa que a lei se mantenha, tanto para dar sentido à rebeldia que reintroduz, confusamente, moções de seu desejo na relação com o outro, quanto para barrar os excessos que ele quer e não quer cometer.

Jacques Lacan, seguindo Freud, aponta-nos uma direção possível na condução do trabalho com jovens envolvidos em atos infracionais e em cumprimento de medidas socioeducativas. Em “Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia”, um ensaio de 1950, ressalta a importância do assentimento subjetivo da culpa e da função de expiação do crime que tem a punição. A responsabilidade, isto é, o castigo, é função exclusiva do Estado. É um chamado ao sujeito que infringe a lei para responder por aquilo que fez. A partir da responsabilidade penal, seria, portanto, possível fazer com que o jovem assuma as consequências para o ato cometido. Nessa lógica enquadra-se, no Brasil, o cumprimento da medida socioeducativa que convoca o adolescente responder pelo seu ato. Pela lei, o sujeito poderá responsabilizar-se por aquilo que lhe escapa e que aparece realizado em ato.

No entanto, a psicanálise sustenta um caráter particular de responsabilidade que em nada se relaciona à responsabilidade jurídica ou moral. A responsabilidade do sujeito está, para a psicanálise, relacionada à coragem de deixar falar o inconsciente, esse saber não sabido, que portamos em nós por sermos seres de linguagem, parlêtres, como diz Lacan. Dessa forma, o ato, que teve como consequência uma resposta jurídica, desempenha uma função na vida do jovem e na sua relação com a civilização. É importante recuperar sua participação no ato infracional, para que ele possa responsabilizar-se por isso e retificar sua posição subjetiva perante a vida. A psicanálise lacaniana nos ensina que conduzir um trabalho nas instituições responsáveis pela aplicação de medidas socioeducativas aos jovens infratores é encontrar formas de dar um tratamento ao gozo pela responsabilidade e pelo assentimento. Promove o aparecimento de um sujeito implicado em seu ato.

No Brasil, é longa a tradição assistencial-repressiva no âmbito do atendimento à criança e ao adolescente, principalmente para aqueles em conflito com a lei. Com ações repressivas, muitas vezes







pautadas na violência, principalmente nas unidades privativas de liberdade, o adolescente se sente injustiçado, o que dificulta o assentimento subjetivo. Por outro lado, tratá-lo como vítima também impede recolher responsabilidades. Nesse contexto, é importante salientar, ainda, que embora o Estatuto da Criança e do Adolescente tenha representado um avanço do ponto de vista do marco legal, o mesmo não aconteceu na implementação de políticas públicas eficazes de promoção da cidadania de forma a garantir a doutrina de proteção integral expressa na lei.

Christiane da Mota Zeitoune,

*psicanalista lacaniana, é Coordenadora de Saúde
Integral do Departamento Geral de Ações
Socioeducativas do Estado do Rio de Janeiro*







CAPÍTULO 2

CHEGANDO
JUNTO



Chegando Junto representa a continuidade de uma caminhada que buscou facilitar o processo de reinserção social e profissional de jovens em conflito com a lei.

Certa vez, em uma entrevista, perguntaram a Eduardo Galeano³: **“para que serve o horizonte?”** e ele respondeu:

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve o horizonte? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Emile Durkheim, um dos ‘pais’ da sociologia, fala da singularidade do ser humano como ser social e capaz de criar utopia, de acrescentar algo ao real. Nenhum animal **[exceto o homem]** é capaz de utopia. **Ampliando Horizontes** foi além da qualificação profissional, focado na geração de renda **imediata** para o jovem e sua família, tendo o trabalho como princípio educativo. Além da técnica, foi imprescindível trabalhar a questão da autoestima e do protagonismo.

Como um rizoma, aquele bulbo com raízes em todas as direções, essa caminhada rumo ao horizonte estava **[está?]** repleta de entraves. A escolaridade, por exemplo, representa uma dessas direções no caso de jovens em conflito com a lei. Parafraseando o poeta, **“no meio do caminho tinha uma pedra. Tinha uma pedra no meio do caminho”**⁴. De todo modo, a proposta adotada pelo projeto buscou implementar uma pedagogia que, a despeito das oportunidades desiguais, contribuísse para a emancipação desse jovem, sujeito de direitos e deveres.

Na presente publicação, serão apresentadas oficinas que deram vida ao projeto e, num **Papo de Resposta**, a palavra de alguns de seus protagonistas. Histórias de invisíveis que merecem ser contadas.

³Eduardo Hughes Galeano (Montevideu, 03 de setembro de 1940), jornalista e escritor uruguaio, é autor de mais de 40 livros, traduzidos em diversos idiomas.

⁴ANDRADE, Carlos Drummond. Alguma poesia, in Revista de Antropofagia, 1928.





As mudanças podem parecer sutis, mas são significativas quando se desperta para elas. Para os estudiosos da antroposofia, ciência que estuda a natureza psíquica do homem de forma holística, a simples experiência de ouvir uma história, não importando seu conteúdo, pode ser curativa: **todas as histórias são potencialmente terapêuticas ou curativas**. Nas palavras de Alexandre Marreiros, egresso do sistema e hoje monitor no projeto Ampliando Horizontes:

“No morro eu só escutava aquela frase: pau que nasce torto morre torto. Ninguém acreditava em mim, ninguém olhava pra mim. O Mestre Berg [educador da oficina de capoeira] foi o primeiro que me deu confiança. Depois disso eu mudei.”

Alexandre tem 26 anos, é pai de dois filhos, cumpriu medida internado e hoje sobrevive do seu trabalho como monitor de capoeira, ofício que aprendeu durante sua passagem pelo DEGASE e participação **voluntária** na oficina de capoeira do Ampliando Horizontes. O Projeto creditou confiança no potencial e na capacidade de Alexandre e de diversos jovens, que transformaram suas trajetórias a partir daí. Ou seja, **da sua própria vontade de mudar**.

Em 1845 Karl Marx, também considerado um dos fundadores da sociologia juntamente com Emile Durkheim e Max Weber, escreveu suas famosas 11 teses sobre Feurbach, publicadas somente em 1888 por Engels. Na sexta tese Marx afirma que **“a essência humana é o conjunto das relações sociais”**. Partindo-se dessa máxima, ao leitor, propõe-se um debate reflexivo, qualificado e transparente a respeito da qualidade das relações sociais cultivadas e dos desejos de mudança.

A percepção da importância desse debate é essencial para despertar novas reflexões e ações a fim de mobilizar políticas públicas voltadas para o efetivo cuidado do menor infrator. **“O cuidado assume duas funções: previne danos futuros e repara e regenera os danos passados”⁵**.

⁵Leonardo Boff, teólogo, escritor e professor universitário.

Mais uma vez, recorre-se a Alexandre Marreiros:

Quando eu entrei no DEGASE eu era muito marrento. Aí o Mestre Berg botou meu número lá e no sábado eu desci pra jogar capoeira. Cheguei lá todo marrento, metendo broncão. Nem eu entendo porque eu era assim. Mas acho que mudei quando as pessoas começaram a acreditar em mim [...]

O projeto chegou junto aos jovens e comunidades através dos núcleos localizados nos bairros da Ilha do Governador, Bangu, Maré [comunidade da Vila do João] e Cordovil [Conjunto Habitacional da Cidade Alta] no município do Rio de Janeiro e também em uma unidade do DEGASE no município de Belford Roxo, no Centro de Atendimento Intensivo da Baixada Fluminense [Cai-Baixada].





2.1. o nascimento

O Projeto Ampliando Horizontes nasceu na ACB/RJ, a partir da experiência profissional acumulada por profissionais da mesma. Nasceu ainda dentro da nova estrutura do DEGASE que, vinculado à Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, é o órgão responsável pela execução das medidas socioeducativas preconizadas pelo ECA, aplicadas pelas Varas da Infância e da Juventude do Estado. Tais medidas têm um caráter pedagógico e de responsabilização e, diferentemente das penas, incluem medidas de proteção, como o direito à convivência familiar e comunitária a partir dos territórios onde jovens infratores estão inseridos, sua matrícula no ensino formal e inclusão em programas sociais.

Vale destacar que a partir de 2006 ocorreram uma série de reformulações no âmbito Federal, Estadual e Municipal na política de atendimento ao jovem infrator com o objetivo de atender às diretrizes preconizadas pelo Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), visando à promoção da inclusão e à responsabilização desse jovem. Assim, tendo em vista a complexidade do tema, é o SINASE quem pontua questões relacionadas ao jovem que comete ato infracional no país e que deve ser atendido por medidas socioeducativas em meio fechado ou aberto (**liberdade assistida ou prestação de serviços à comunidade**). As três esferas de governo possuem competências comuns e outras específicas, cabendo à União coordenar este Sistema.

Inserindo-se nessa nova lógica de resposta a atos infracionais, as oficinas do projeto **Ampliando Horizontes** traduziram-se em um ambiente propício para a reflexão sobre direitos e deveres, na busca do desenvolvimento pessoal e profissional daqueles (as) envolvidos(as) com essa temática. Desde sua concepção, Ampliando Horizontes foi pensado de maneira extremamente cuidadosa: elaborado e reelaborado com a participação e o envolvimento de todos os atores e avaliado de maneira permanente. Para cada oficina e, de acordo com as particularidades de cada unidade



onde o projeto foi executado, as avaliações permitiram contínuas adequações a partir dos diálogos travados e arranjos propostos.

Esse cuidado também se refletiu na criteriosa escolha dos profissionais em todos os seus níveis de hierarquia: desde a coordenação até os colaboradores responsáveis pela monitoria das oficinas. O corpo técnico foi formado por uma equipe interdisciplinar composta por psicólogos, pedagogos, psicopedagogos, sociólogos, assistentes sociais e comunicólogos. Como tempero, **contratou-se monitores de favelas onde a Ação Comunitária do Brasil já estava presente**. E como ingrediente fundamental desse aquecimento pré-projeto, a equipe também foi instrumentalizada recebendo um curso específico sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA] promovido pelo Centro de Capacitação Profissional do DEGASE, o CECAP.

Do ponto de vista metodológico, o projeto prezou pelo diálogo e a troca contínua entre gestores, educandos e educadores, contribuindo para a edificação de projetos de vida que contribuíssem para diminuir o número de reincidências. De maneira sucinta, tal como o Pan Social, o **Ampliando Horizontes** pretendeu:

- ◉ Ser inovador, na medida em que apostava na autonomia dos sujeitos envolvidos;
- ◉ Ser progressista, já que partia de uma concepção ativa de cidadania;
- ◉ Contribuir para a educação cidadã de jovens desenvolvendo sua capacidade de diálogo, de respeito à diversidade, através da valorização de suas experiências, expressões e manifestações, de forma a contribuir para a construção e o resgate de valores éticos, políticos, sociais e culturais;
- ◉ Contribuir para a geração de trabalho e renda para o adolescente em conflito com a lei e sua família, melhorando sua qualidade de vida e das comunidades onde estavam inseridos;





- **Servir como referência para outros projetos de natureza similar e para o desenho de políticas públicas sociais inclusivas.**

Reza a Constituição Brasileira (1988) que aos 18 anos, os jovens já tenham concluído o ensino médio e profissionalizante, estando preparados para inserção no mercado de trabalho. Mas a realidade mostra que grande parcela de jovens em conflito com a lei no país **demand**a uma preparação para a inserção produtiva.

Nesse sentido, as oficinas de qualificação profissional previstas no projeto, buscaram **estender** seu raio de ação também junto aos **jovens egressos** do sistema, **dando continuidade ao trabalho** e à construção de projetos de vida que pudessem favorecer uma mudança de trajetória rumo à legalidade e à autonomia. Aproveitando a estrutura e a experiência acumulada pela Ação Comunitária, que há décadas desenvolve iniciativas para a geração de renda em comunidades cariocas, e dentro dessa perspectiva de **ampliação**, o projeto buscou beneficiar também a população residente nos territórios onde oficinas afins foram desenvolvidas: na Vila do João, no Complexo da Maré, e na Cidade Alta, no bairro de Cordovil.

Dessa forma, as ações do Ampliando Horizontes consistiram em atividades inovadoras voltadas para a reinserção social e profissional através de oficinas de arte e cultura, de qualificação profissional e empreendedorismo, bem como a realização de eventos e workshops voltados para um público mais amplo. Essas ações, por sua vez, se desdobraram numa série de outras ações correlatas e/ou complementares. Sintetiza-se da seguinte forma:

- Oficinas de empreendedorismo voltadas para arte e cultura; para a capacitação profissional e geração de renda, tais como: Cerâmica Negra; Capoeira e Percussão; Cabelo Afro; Corte, Costura, Customização, Bordado, Serigrafia; Batik e Tie-dye; Marcenaria; Gastronomia e Garçom; Telemarketing; Auxiliar de Escritório e Almoxarifado
- Seminários e workshops visando ao empreendedorismo, à melhoria da qualidade de vida e à educação para a cidadania.





2.2. OS CARAS e as mina

Quem são esses jovens infratores?
Como promover uma mudança subjetiva
nesses jovens capturados pela pobreza
e pela fragilidade dos laços sociais? À
que esse ato infracional vem responder?

O público-alvo do projeto Ampliando Horizontes foi o jovem em conflito com a lei, acautelado e cumprindo medidas socioeducativas, o egresso do sistema e seus familiares, e moradores da Vila do João, localizada no Complexo da Maré e Cidade Alta, no bairro de Cordovil. As atividades, além das oficinas oferecidas para a comunidade da Maré e Cordovil, foram realizadas nas unidades do DEGASE da Ilha do Governador, Bangu e na unidade localizada no município de Belford Roxo, na Baixada Fluminense.

“Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice esta vida era só o desmoronamento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse - se as coisas fossem outras. E fui tomando ideia.”

Guimarães Rosa, A Terceira Margem do Rio

O Projeto atendeu diretamente 2.400 pessoas. Dentre os internos no DEGASE, a grande maioria foi de homens, **(mais de 60% se identificaram como afrodescendentes)** e não têm o ensino fundamental completo,





sendo significativo o percentual daqueles analfabetos funcionais. A maior parte estava situada na faixa etária de 16 a 18 anos, sendo alguns reincidentes e muitos realizaram infrações relacionadas direta ou indiretamente com o tráfico e/ou uso de drogas.

De fato, segundo Zeitoune (*idem*), grande parte dos jovens chega ao DEGASE com idade entre 16 e 17 anos. A maioria é do sexo masculino, morador de comunidade pobre do Rio de Janeiro ou do interior do Estado, **negros**. Isso não significa que os jovens de classe média não tenham relação conflitiva com a lei, mas são poucos os que entram no sistema socioeducativo. Outro aspecto importante é o **alto índice de evasão escolar** que se observa entre os adolescentes que estão cumprindo medida socioeducativa. A autora chama atenção para o fato de que **73%** destes jovens estavam fora da escola quando se envolveram com atos infracionais; **30,4%** interromperam os estudos na 5ª série do ensino fundamental (6º ano do novo ciclo fundamental); muitos são analfabetos funcionais e são poucos, **apenas 7,1%**, os que chegaram ao ensino médio.

Pesquisadores do Projeto CRESSE/UFRJ (2010) entre outros, também apontaram para essa problemática:

*“Em linhas gerais, pode-se concluir que o baixo nível de escolaridade destes jovens em conflito com a lei tem como causa, em grande medida, as insuficientes condições de acesso e permanência no ensino fundamental, que resultam em sucessivas reprovações, evasão escolar e elevada defasagem educacional, tanto do ponto de vista quantitativo quanto em termos qualitativos. Estas defasagens são agravadas pelas precárias condições socioeconômicas que concorrem para manter baixo o rendimento dos estudantes e, não raro, ampliar as taxas de abandono escolar. O baixo nível de escolaridade dos jovens aumenta o desafio dos profissionais que trabalham com esse público. O argumento mais difundido para a reintegração social do jovem é o **binômio profissionalização e acesso ao mercado de trabalho**. No entanto, os critérios de elegibilidade dos cursos profissionalizantes, sendo o principal a escolaridade, limitam o acesso de grande parte destes jovens”.*





Com relação à configuração familiar dos jovens que dão entrada no sistema socioeducativo, **37%** foram criados pela mãe; **36%** pelos pais (pai e mãe) e **15%** pelos avós. Entretanto, em algum momento de suas vidas ocorrem rupturas e cisões nas relações familiares. Quando se envolvem com o ato infracional, não são poucos os que estão vivendo com madrastas, padrastos, avós, sozinhos ou com companheiras. Muitos jovens já são pais sem estarem preparados para exercer esta função, evidenciando a fragilidade da família e sua impotência na condução da educação dos filhos.

“Eles nem foram filhos e já têm filhos.”

Lana, educadora da oficina de Auxiliar de Escritório e Almojarifado.

Tal configuração se aproxima daquela levantada em 2012, pelo Conselho Nacional de Justiça, segundo o qual, **14%** dos jovens em processo de ressocialização no País declararam ter filhos; **43%** afirmaram ter sido criados pela mãe; **4%** pelo pai; **38%** por pai e mãe e **17%** pelos avós. Aproximadamente **75%** eram usuários de drogas ilícitas.

Ainda sobre o perfil do público atendido, é importante não perder de vista a perspectiva da condição peculiar de seres humanos em formação, os quais necessitam de cuidados, educação, saúde e também de diversos outros tipos de atenções para que se desenvolvam plenamente como indivíduos e como cidadãos. Sobre este aspecto, vale lembrar a Constituição da República Brasileira:

“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.”

Mesmo tendo ganhado a alcunha de Constituição Cidadã pela tentativa de normatizar e expandir direitos em diversos níveis,





ainda são comuns os problemas da falta de conhecimento, da garantia e extensão de tais direitos a todos e todas cidadãos e cidadãs brasileiros (as).

“O Ampliando Horizontes trabalhou com três vertentes de medidas socioeducativas: arte, geração de renda e qualificação profissional. Entendemos que cada cidadão que chega às unidades de internação são seres únicos e protagonistas da sua própria história. O problema é que na maioria das vezes é uma história sem nenhum histórico de oportunidades. Todos merecem uma nova chance. Aliás, não podemos sequer falar em segunda chance. Muitos não tiveram chance nenhuma. Nunca puderam experimentar o aconchego do lar, da família, o respeito dos amigos e da sociedade, têm poucos ou nenhum vínculo.” **Cícero Nogueira, coordenador executivo do projeto Ampliando Horizontes**

A seguir disponibiliza-se alguns dados referentes ao Estado do Rio de Janeiro para reflexão crítica:

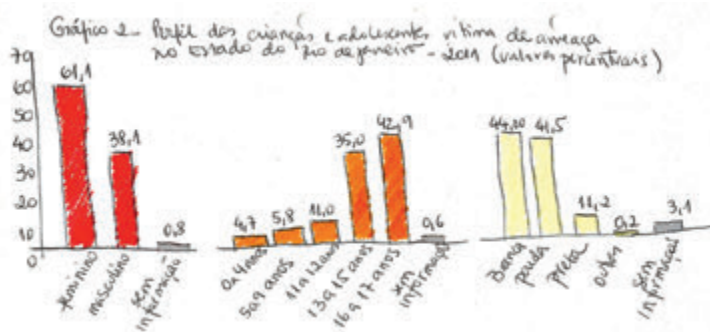
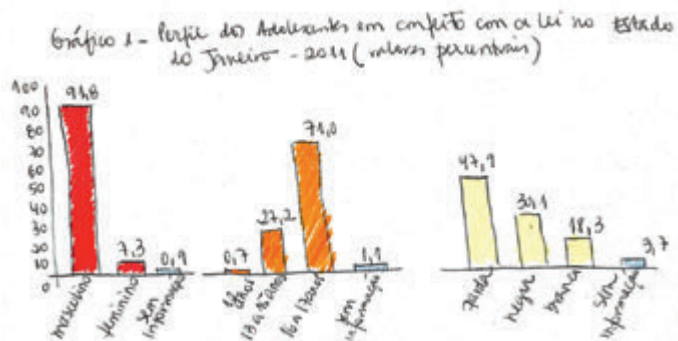
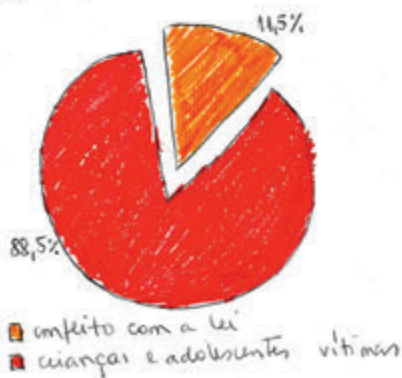
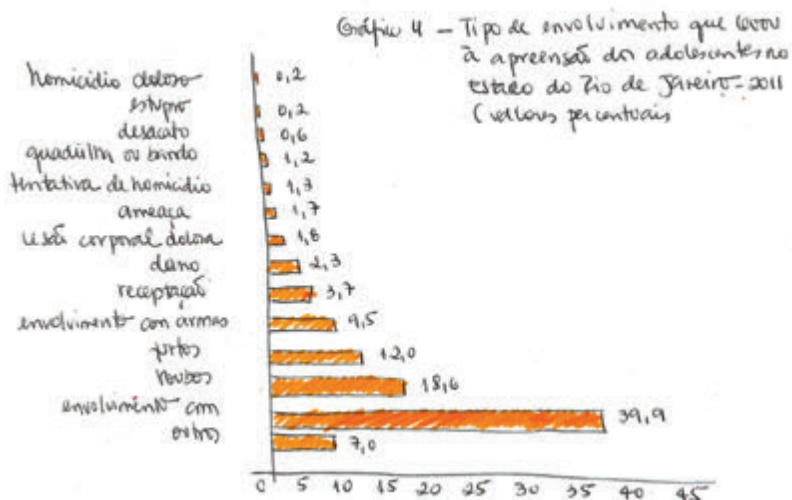


Gráfico 3 - Proporção de crianças e adolescentes vítimas e em conflito com a lei no Estado do Rio de Janeiro - 2011 (valores percentuais)





Esses jovens são de um modo ou de outro, vitimizados frente à sociedade que os relega, ora como vítimas ora como produtores de atos infracionais, ao abandono e ao desrespeito dos seus direitos adquiridos como cidadãos.

(Dossiê Criança & Adolescente 2012)

2.3. mão na massa

Educai as crianças para que não seja necessário punir os adultos.

Pitágoras

Com as ideias na cabeça, a ACB/RJ colocou a **mão na massa** desde o momento que começou a desenhar uma proposta pedagógica inovadora com vistas à ressocialização de jovens em conflito com a lei. Apostando na sua formação integral, **destacou a importância da escolaridade**, incentivando a frequência às aulas e o desenvolvimento da cidadania ativa. Tal prática pautou-se nos



referenciais teórico-metodológicos do educador Paulo Freire, os quais preconizam um ambiente de diálogo que respeita vivências e **diversidades culturais** e tem o trabalho como princípio educativo. Em função deste, privilegiou-se o vínculo entre o educador e o educando tendo como estratégia fundamental o estabelecimento de relações dialógicas, mediadas por oficinas pedagógicas. Assim, as ações do projeto Ampliando Horizontes tiveram seu enfoque na participação social, nas trocas e na interação entre [educador/educando/comunidade/sociedade] através de uma abordagem que garantiu a interdisciplinaridade.

Essa proposta metodológica converge com o conceito de competências básicas que, por sua vez, afina-se intimamente com a ideia de empregabilidade [**desenvolver habilidades e competências para o trabalho**] e de protagonismo juvenil [**participação comunitária responsável e consciente**]. Perpassa ainda as várias ocupações ou áreas profissionais, propiciando o **saber-fazer e o saber-ser**, que se traduzem em processos de emancipação individual, na organização de formas coletivas de geração de renda e na elevação da autoestima.

Em termos operacionais, várias reuniões foram realizadas com o intuito de capacitar os profissionais para o trabalho com jovens em conflito com a lei, além de inseri-los no contexto e cotidiano das unidades do DEGASE, respeitando suas regras e especificidades afins. Além disso, educadores e monitores do Ampliando Horizontes, com a colaboração dos coordenadores de cada unidade do DEGASE onde o projeto aconteceu, assinaram um “Termo de Compromisso e Convivência” ressaltando os principais valores que seriam trabalhados, como a solidariedade e o respeito, a convivência pacífica, a valorização do ser humano e a luta contra estigmas e discriminações.

Com a **mão na massa**, foi feita a apresentação das oficinas pelos educadores e monitores para os jovens em cada um dos espaços onde o Ampliando Horizontes seria implementado. As oficinas foram selecionadas e distribuídas com seus respectivos planos pedagógicos, respeitando a grade horária estruturada junto à





direção do DEGASE e a equipe de cada unidade. A construção do quadro de horários levou em consideração as ações predecessoras e sua rotina, priorizando as atividades escolares.

Outro aspecto importante diz respeito aos critérios definidos para a seleção dos adolescentes que se inscreveram para participar das oficinas. A definição e execução de tais critérios demonstram por si só a complexidade em torno da temática do jovem em conflito com a lei. Alexandre Nascimento, coordenador das oficinas pedagógicas e de capacitação do Centro de Atendimento Intensivo Belford Roxo (CAI Baixada), em entrevista concedida para a Ação Comunitária, explicou como esse processo de triagem é feito:

“Uma coisa é fato: pra escola ele tem que ir, gostando ou não gostando, isso faz parte da reinserção dele na vida social e a educação é a base fundamental, até porque faz parte das determinações judiciais quando eles chegam aqui. Os cursos vão sendo inseridos conforme a vontade deles, por exemplo, eu tenho um leque de atividades e eu exponho para eles que tenho vagas para ‘X, Y e Z’ e pergunto: o que você deseja fazer? Eu quero ‘X’; eu quero ‘Y’; eu quero ‘X, Y e Z’. Aí eu tenho que usar critérios tanto objetivos e práticos, mas também saber dosar esses critérios objetivos. O critério principal que eu utilizo é o tempo de unidade.

Todavia esse critério pode ser mudado mediante determinadas circunstâncias e aí entram os critérios subjetivos. Apesar do adolescente A estar aqui há um mês e o adolescente B há uma semana e o curso que os dois pretendem fazer leva três meses de duração e esse adolescente A vai embora daqui a um mês e o adolescente B só vai embora daqui a seis meses, qual a lógica de colocar o adolescente A que vai ficar um mês e o curso leva três e não colocar o adolescente B que vai levar seis meses na unidade? Por que quem vai ter condições de completar o curso, o adolescente A ou o adolescente B? O que é mais lógico? Tem que haver um equilíbrio nessas circunstâncias,





por isso, eu tenho sempre que pensar em todas as características de cada adolescente. É um trabalho fácil? Não. Pelo contrário, é muito complexo porque eu acabo tendo que conhecer todos os adolescentes, acabo tendo que conhecer todas as características, saber quais são as medidas que estão cumprindo...”

É importante ressaltar a **não obrigatoriedade dos jovens internos** em cursarem as oficinas. A sua participação esteve sempre condicionada à sua vontade de estar ali. **Ampliando Horizontes** esteve presente em seis unidades do DEGASE localizadas na da Ilha do Governador, Bangu e no município de Belford Roxo:

- Centro de Socioeducação Dom Bosco
- Centro de Socioeducação Professor Antônio Carlos Gomes da Costa (unidade feminina de internação)
- Escola João Luiz Alves
- Centro de Recurso Integrado de Atendimento ao Adolescente **[CRIAAD]** Ilha do Governador
- Educandário Santo Expedito
- Centro de Atendimento Intensivo Belford Roxo [Cai-Baixada]

Ampliando Horizontes foi elaborado para ser executado em rede. Assim, cada unidade do DEGASE onde o projeto foi desenvolvido foi percebida como um nó, costurando tecidos para fortalecer as relações. Assim, ao entrar na unidade de triagem, o Centro de Socioeducação Dom Bosco, os jovens eram recebidos com oficinas como capoeira e percussão e ao serem encaminhados às unidades de destino, eles tinham a possibilidade de dar continuidade às oficinas iniciadas. Da mesma forma, todos os jovens que passavam a cumprir medidas em semiliberdade e eram encaminhados para os Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente **[CRIAADS]** e para o Centro de Capacitação Profissional **[CECAP]**, também tinham acesso às atividades pedagógicas iniciadas durante o seu período de internação.





Todavia, apesar do desenho e procedimento cuidadoso, a perenidade do acompanhamento do egresso ainda é o ponto **nevrálgico** da relação entre os jovens em conflito com a lei com o sistema socioeducativo. Tal aspecto é destacado pelos educadores nas entrevistas que dão o tom dessa publicação.

Como ferramenta de medição qualitativa, instrumentos de monitoramento e avaliação foram construídos e a cada trimestre, análises a respeito do andamento do projeto eram elaboradas. Além disso, os educadores também faziam seus planos de aula e relatórios, o que facilitou o planejamento, execução e avaliação do trabalho proposto.

e como a comunidade participou do projeto?

Uma vez constatada que a efetiva reinserção social de jovens em conflito com a lei só é possível quando se **integra a comunidade externa** nas ações desenvolvidas, a continuidade do projeto foi pensada com o intuito de ampliar o escopo de atuação a partir da experiência pretérita com o projeto Pan Social. **Ampliando Horizontes** buscou integrar estes atores [família e comunidade] no âmbito das diferentes oficinas oferecidas aos adolescente.

[educadores e educandos relataram momentos importantes vivenciados no âmbito do Projeto anterior como cerimônias de batizados e trocas de cordão de capoeira em que a família e a comunidade participaram, fortalecendo esse simbólico momento de conquista e de superação]

Para tanto, a viabilização de um espaço apropriado como o do Centro de Capacitação Profissional **[CECAP]** do DEGASE permitiu que familiares e a comunidade do entorno **[Ilha do Governador]** fossem integrados como beneficiários diretos através de oficinas de arte e cultura e de qualificação profissional. Práticas e conhecimentos específicos e diversificados, equipe composta por profissionais





motivados, além de um trabalho intensificado de divulgação, foram ingredientes que contribuíram para estimular o interesse e aproximar família e comunidade para as oficinas.

Usado como principal ingrediente das atividades diárias, o **diálogo** contínuo foi a principal ferramenta metodológica do Projeto. A escuta foi a habilidade mais exercitada, o que permitiu identificar e qualificar os vínculos mantidos pelos jovens com a sociedade **[através de parentes diretos, indiretos ou de amigos]**. Uma vez identificado, buscou-se estimular o fortalecimento desse vínculo, o que favoreceu sobremaneira a participação destes indivíduos **[família e/ou amigos]** nas oficinas de capacitação e em apresentações culturais, entregas de diploma, etc. Ao final, tudo indica que esses momentos foram apreciados como marco simbólico, materializando oportunidades de transição, funcionando como ritos de passagem daqueles que se propuseram a participar ao menos de uma oficina.

Outra ação que resultou em participação efetiva da comunidade foi o estabelecimento do Centro de Referência para egressos do DEGASE. Este Centro foi reconhecido, gerenciado e divulgado como um Centro de Convivência, oferecendo atividade cultural, qualificação e inserção profissional a indivíduos de diferentes faixas etárias, oriundos de todo o município e região metropolitana. Dessa forma, jovens egressos puderam contar com um espaço de referência em atividades produtivas e ocupacionais, com o devido apoio técnico e social, e com um tratamento **indiferenciado** com relação aos outros beneficiários, o que contribuiu para reduzir o estigma que geralmente carregam e também para fortalecer suas autoestimas e positivar suas expectativas com relação ao futuro, abrindo novos caminhos e **Ampliando Horizontes**.

Com a **mão na massa**, o projeto passou por frequentes e permanentes avaliações cujo propósito principal foi fomentar debates a respeito da relação entre o jovem e o nosso atual modelo de medidas socioeducativas. Isso foi feito de forma exploratória, nunca conclusiva, e criou espaços para repensar, pensar e aperfeiçoar a prática.



A criança que vive com o ridículo
aprende a ser tímida
A criança que vive com crítica
aprende a condenar
A criança que vive com suspeita
aprende a ser falsa
A criança que vive com antagonismo
aprende a ser hostil

A criança que vive com afeição aprende a amar
A criança que vive com estímulo aprende a confiar
A criança que vive com a verdade aprende a ser justa
A criança que vive com o elogio aprende a dar valor
A criança que vive com generosidade aprende a repartir

**A criança que vive com o saber
aprende a conhecer.
A criança que vive com paciência
aprende a tolerância.
A criança que vive com felicidade
conhecerá o amor e a beleza**

Ronald Russel





CAPÍTULO 3

DESCOBRINDO TALENTOS

Interessa-me o futuro
porque é lá que
eu vou passar o resto
da minha vida.
Woody Allen



3.1 fazendo arte

Oficina de Capoeira e Percussão

A capoeira é uma atividade física ímpar no sentido de contribuir para a formação **integral** do aluno. Ela atua de maneira direta nos aspectos **cognitivo, afetivo e psicomotor**. Existem diversas modalidades de capoeira. **Ampliando Horizontes** buscou trabalhar com aquela relacionada à dança e à arte. Esta última se faz presente na música, no canto, na percussão, na expressão corporal e na criatividade de movimentos. Já a dança, ou jogo, desenvolve o equilíbrio e a coordenação motora **[dentre outros benefícios]**.

Assim, a oficina de capoeira e percussão trabalhou com enfoque na temática dos limites e da cooperação, trazendo o debate sobre a cultura brasileira para a roda. Toda aula começava com uma preleção. O diálogo, antes do berimbau, foi a sua principal ferramenta de trabalho.

“Desde o início das aulas de capoeira vejo que houve uma mudança de comportamento, ele já fala em estudar, trabalhar. Mesmo com ele longe sei que agora ele pode se corrigir”

[depoimento do pai de um adolescente cumprindo medida socioeducativa]

Essa oficina representou um importante expoente da quebra de paradigmas dentro das unidades do DEGASE. Segundo **Mestre Berg**, educador de capoeira, a proposta desta oficina enfrentou forte resistência por parte de alguns agentes de disciplina que não compreendiam sua importância pedagógica, eventualmente percebendo-a como uma possível ameaça. Nas palavras do Mestre:



*“Inicialmente seria ensinar capoeira para menores em conflito com a lei. **Proposta inusitada.** Era um desafio mesmo para um Mestre como eu, com certa idade e experiência, apesar de conhecer aplicações bem sucedidas da capoeira em várias situações de risco social. O susto que os funcionários de unidades de internação tomaram foi indescritível. As reações mais variadas. Algumas agressivas, outras de estupefação. O prognóstico foi ruim. Manifestações como ‘onde já se viu isso?!’ e ‘agora mesmo é que eles tomam conta...’, etc. Mas muitos sabem que o **respeito**, apesar de tudo e do que os adolescentes fizeram, é fundamental na lida com eles. Respeito! Essa é a palavra-chave.”*

Uma vez vencidas as barreiras em razão das visíveis mudanças positivas no comportamento dos jovens participantes da oficina, os próprios agentes, antes resistentes e reticentes, quiseram também participar. Além disso, alguns jovens demonstraram o desejo de levar para as suas comunidades a prática da capoeira, continuando a se aperfeiçoar na arte mesmo fora das unidades de internação. Alexandre Marreiros, egresso do sistema, chegou a ter 49 alunos em uma academia que fundou na sua comunidade.

Em se tratando da proposta metodológica, toda roda de capoeira sempre começava com um belo **papo de resposta**. O Mestre e seus monitores conversavam com os ‘*meninos*’, questionavam algumas situações, perguntavam se eles gostavam daquela vida ali dentro, como se sentiam estando ali.

Em essência, o cerne da proposta metodológica consistiu na colaboração dos alunos que foram **incentivados** a participarem de todas as atividades. Considerando seu empenho e vontade, **de alunos eles poderiam virar monitores e até educadores da própria oficina**. E como objetivo geral, as aulas de capoeira pretendiam melhorar a sua **qualidade de vida**, visando promover a elevação da respectiva **autoestima**



e o aperfeiçoamento das habilidades inerentes a essa prática, desenvolvendo competências para que eles pudessem atuar como **multiplicadores** por época de sua reinserção social. Esse foi o caminho traçado por alguns. Nas palavras de Felipe e Jaime, integrantes do grupo Kina Mutembua [da ACB/RJ]⁶ e **monitores da oficina**:

“Aí, fomos desenvolver um trabalho, mas sempre houve resistências, né? Porque a gente tava trabalhando com pessoas em momento de dificuldade. Então por ter a mesma idade que a gente tem, eles acham que a gente vem aqui só pra brincar: ‘Ih, que nada, tem a mesma idade, deve tá lá fora, curtindo, tá vindo aqui dando uma palavra de bonzinho e só’. Depois de um tempo, a gente foi mostrando a realidade porque você pode ganhar dinheiro jogando capoeira, é só você investir em si mesmo. Ganhar dinheiro se divertindo, acredita?! Tem coisa melhor do que isso? Jogo capoeira há dez anos e ganho dinheiro com isso, é a melhor coisa que tem. Então, a gente tá mostrando esse lado pra eles, que na vida a gente tem o ônus e o bônus. Aqui a gente mostra a parte do bônus, que o ônus eles já conhecem bastante, né?”

A oficina de percussão e confecção de berimbau teve início nas unidades do Instituto Padre Severino, atual Instituto Dom Bosco, e no Educandário Santo Expedito (ESE), onde foi recebida com grande entusiasmo pelos jovens. A percussão foi ensinada com aulas de samba de roda, implementadas em quase todas as unidades, e as técnicas de confecção de instrumentos foram introduzidas para **promover e ampliar** as possibilidades de geração de renda para o adolescente e sua família.

⁶Cia de Dança Negra Contemporânea Kina Mutembua consiste numa iniciativa da ONG Ação Comunitária do Brasil do Rio de Janeiro selecionada por um edital da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República (SEPPIR). Foi um dos 05 projetos selecionados em todo o território nacional.





***“E o melhor de tudo:
a gente saber que tá levando alegria
pra uma pessoa que tá precisando, que
tá num momento de conflito, e isso é
gratificante. O dinheiro é essencial, mas
tem coisa que o dinheiro não paga, né?”***

Jaime, monitor da oficina

“Sempre iniciamos a aula conforme o interesse e a postura deles naquele dia, naquele momento. Por exemplo, se eles estão cantando ‘pagode’, juntamos a eles tocando pagode no berimbau... E, assim que eles permitem, com expressões como: ‘Aí Mestre, canta aquela cantiga...’, pergunto: ‘Qual cantiga?’. E eles respondem: ‘Aquele que fala dos muléqui lá da rua...’; ou então ‘Canta aquela de Luanda...’ e, desse modo, começamos a cantar, eles cantam juntos e rapidamente forma-se a ‘roda’ e a capoeira acontece. Todas essas cantigas são cantadas contando ‘histórias’ da África, do Brasil, de seus antepassados etc., conduzindo-os ao passado para tentarem encontrar referências pessoais, familiares, históricas, culturais, a fim de se reposicionarem no presente. Através da capoeira cantamos e conversamos sobre irmandade, família, etnia, ancestralidade, respeito, limitações, competências etc. No desenvolvimento de nossas atividades tratamos o adolescente como um ‘neófito’ na vida, com muitas dúvidas, perguntas, curiosidades e necessidades inerentes à condição ‘ser adolescente’ que, cabe ressaltar, não são poucas.”

[Mestre Berg]

Vale ressaltar que a maior importância cultural da capoeira no Brasil está no fato de ela traduzir-se em uma **arte viva** criada pelos **negros escravos**. Ela representa a memória da vitória dos africanos. Tem ricos fundamentos e tradições que estão pouco relatados nos livros de história, como por exemplo, a música Dona Isabel, do Mestre Toni Vargas:



Dona Isabel que história é essa
Dona Isabel que história é essa
de ter feito abolição
De ser princesa boazinha

que libertou a escravidão
To cansado de conversa,
to cansado de ilusão
Abolição se fez com sangue que
inundava este país
Que o negro transformou em luta,
Cansado de ser infeliz
Abolição se fez bem antes e ainda

há por se fazer agora
Com a verdade da favela,
E não com a mentira da escola
Dona Isabel chegou a hora
De se acabar com essa maldade
De se ensinar aos nossos filhos,
O quanto custa a liberdade
Viva Zumbi nosso rei negro,
Que fez-se herói lá em Palmares
Viva a cultura desse povo,
A liberdade verdadeira
Que já corria nos Quilombos,
E já jogava capoeira
lêêê viva Zumbi...

lêê Viva Zumbi Camará
lêêê Rei de Palmares
lêê Rei de Palmares Camará
lêê Libertador

lêê Libertador Camará
lêêê Viva Meu Mestre
lêê Viva Meu Mestre Camará
lêêê quem me ensinou

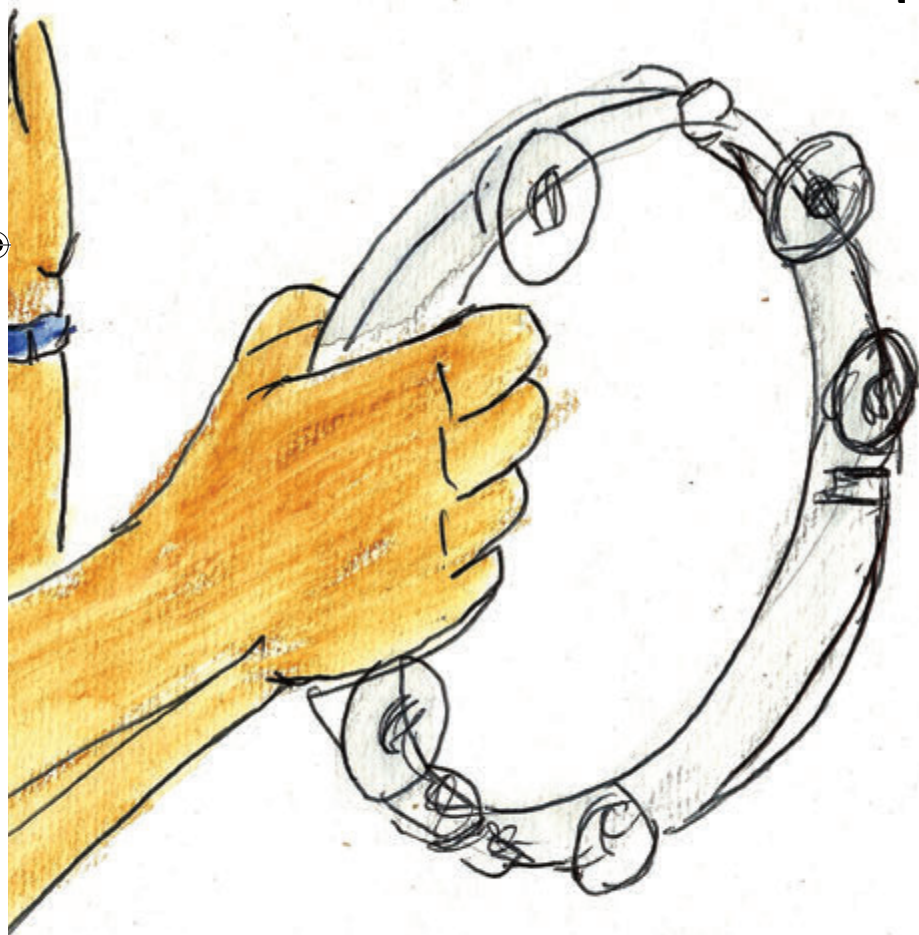
lêê quem me ensinou camará
lêêê a Capoeira
lêê a Capoeira Camará





"Meu grande segredo era esse; eu fustigava-os, eu os fazia falar o que cada um sentia e fazia o outro, que não queria ouvir ninguém, ouvir o que o outro tinha para dizer. Embora ele pudesse dizer que o outro era fraco, que o outro era isso, que o outro era aquilo, mas ele estava ouvindo e estava se identificando com o que ele tinha, mas tinha vergonha de verbalizar, esse era o maior segredo"

[Mestre Berg]





A palavra do DEGASE

"A gente vem buscando dar uma dinâmica nova de oportunidades a esses jovens, permitindo que eles entendam a importância de se ter um projeto de vida, de fazer escolhas. Queremos que tenham a percepção de que tendo vindo para cá eles fizeram alguma escolha, acertada ou não, mas a escolha foi feita. Essa possibilidade de você, dentro do universo da socioeducação estar trazendo para eles uma mudança ou a possibilidade de uma mudança de vida, trabalhando com eles diversos valores, conceitos de cidadania, trabalhando a questão da autoestima, fazendo com que eles se redescubram enquanto pessoas capazes de dar um rumo diferente à própria vida. A gente, nesse trabalho que eu costumo dizer que vai muito além da qualificação, procura apresentar e possibilitar a eles de lutar pelos seus interesses, pelas vocações, o autoconhecimento, e a preparação para o mundo do trabalho é o grande pulo do gato"

O bacana dessa parceria é exatamente a gente poder, a todo instante, estar avaliando nosso trabalho, e quando eu digo nosso, é nosso mesmo, são todos envolvidos buscando adequá-lo melhor, buscando escutar esse jovem e esse educando que aqui está, e saber o que de fato ele quer e se o que ele quer está sendo oferecido a contento. Hoje vivemos um momento onde se percebe claramente a mudança de foco no sentido de se trabalhar mais intensamente na inserção desse jovem no mercado de trabalho. Todavia a falta de oportunidades e de qualificação profissional para o jovem de baixa renda não é um problema exclusivo do DEGASE, mas de todo o nosso país"

Rosane Braga

Rosane Braga,
Diretora do Centro de
Capacitação Profissional
(CECAP)













Oficina de Cerâmica Negra

Cidadania é, essencialmente, consciência de direitos e deveres. Não há cidadania sem democracia embora possa haver exercício não democrático de cidadania. (GADOTTI, 2000)

A proposta da oficina de Cerâmica Negra foi a de contribuir para a formação de cidadãos (ãs) participantes social, econômica e politicamente, fomentando um debate profícuo sobre **cidadania, exclusão social, etnia, gênero e relações produtivas**, além de contribuir para incrementar a renda familiar. A produção de peças, no contexto dessa oficina, esteve vinculada também ao conhecimento e contato com a história e cultura negra. As técnicas foram ensinadas a partir de referências étnicas, tendo como pano de fundo, o encorajamento para o exercício da **criatividade e da autonomia**. Essa oficina foi implementada em duas unidades do DEGASE (CECAP e Cai-Baixada) e na sede da ACB/RJ na favela da Vila do João para egressos do sistema e moradores do Complexo da Maré.

Para além do ganho de autoestima e do acesso a uma prática de produção artística, **ampliando** suas oportunidades de trabalho e geração de renda, alunos da Oficina de Cerâmica Negra foram estimulados igualmente para atuar como **multiplicadores**, num trabalho de aprendizado contínuo. O grupo produtivo formado por pessoas que ali criaram raízes **[pelo talento, cooperação e/ou incremento de renda]** dedica-se ao estudo e aplicação de técnicas primitivas de produção de cerâmica artística decorativa e funcional. Ao fim de cada oficina do projeto **Ampliando Horizontes**, as peças produzidas eram expostas para a comunidade, **valorizando** o tempo dedicado e o valor agregado ao trabalho e o cuidado e talento exigidos na sua confecção.



Também como símbolo de reconhecimento do aprendizado e da capacidade profissional adquirida, cada oficina foi **"timbrada"** por uma cerimônia de formatura. A conclusão do curso certamente é a celebração de uma grande conquista. E esses símbolos se desdobram em possibilidades de novas qualidades nas relações, **re**construídas a partir de signos de positividade, empoderamento e **auto**valorização. Em um ambiente onde a atuação da criminalidade e das redes criadas têm atuado como elemento desestabilizador de padrões de sociabilidade, gerando quebras de conduta positiva e afetando os laços de solidariedade comunitária e familiar, **qualificar relações interpessoais**, com base na confiança, reciprocidade e solidariedade, acredita-se essencial para a obtenção de desenvolvimento local.

"Ensinar não é
transferir conhecimento, mas
criar as possibilidades para a
sua própria produção ou a sua
construção." Paulo Freire



Inclusão Social e Valorização da Mulher

O projeto Cerâmica Negra da Maré, desenvolvido pela Ação Comunitária do Brasil do Rio de Janeiro (ACB/RJ), é mais uma iniciativa de valorização de gênero da ONG. Formada por mulheres ceramistas da Vila do João, no Complexo da Maré, reúne um grupo que produz peças em argila bruta, manualmente trabalhada. Depois de passar por um intensivo processo de queima, em forno construído artesanalmente, as peças são comercializadas nos núcleos comunitários da ONG e ainda em sua sede institucional, no Centro do Rio. A qualidade, bom gosto e perfeição dessas fez com que fossem expostas em eventos importantes de moda e decoração do Rio de Janeiro como o Casa Cor, maior evento de decoração do país, o Fashion Business, além do Salão Prêt-a-Porter SO ETHIC, em Paris. O acabamento e design dos objetos foram reconhecidos através do prêmio TOP 100 de Artesanato do SEBRAE, em 2006 e em 2011. A técnica de tingimento primitivo resgata valores e tradições.



Para tirar dúvidas sobre o projeto e inscricoes nos cursos, o telefone é 22...

em muita arte

heres da comunidade a faturar com artesanato em argila

FOTOS THIAGO RIPPER DIVULGAÇÃO

...araré, onde passam
...peças para a comer-
...recebendo um salário
...Optamos pela cerâmi-
...como forma da comuni-
...idade cultural da angola-
...e, porque há muitos resgatar-
...s e descendentes que moram
...a, explica a coordenadora.
...Ex-aluna e atual educadora do
...projeto, Nilde Baldez, de 34
...anos, tem orgulho de ajudar ou-

**! TÉCNICA
É FÁCIL,
MAS EXIGE
PACIÊNCIA**

o gra
t no
aturar
O a R\$
nês.
coorde-
da ONG
asil,

...a ter sua própria
...elas podem
...so precisam





Oficinas de MODA & Beleza

Cuidar dos cabelos é antes de tudo, cuidar da cabeça, um espaço profundamente simbólico. É, por extensão, cuidar da pessoa. Pentear os cabelos é um momento ritualizado de viver tudo o que a cabeça representa para a pessoa e para seu grupo.
(LODY, 2004)

O Núcleo de Moda e Beleza, aglutinando as oficinas de **costura, serigrafia, bordado, customização batik e tie dye e cabelo Afro literalmente** fizeram a cabeça daqueles que por ali passaram, ampliando horizontes através de diversos debates e diálogos sobre questões de gênero e raça, permitindo uma maior tomada de consciência e elevação da autoestima.

Como uma espécie de anexo ao núcleo, os integrantes da oficina participaram do Salão Comunitário nas sedes da ACB/RJ na Maré e em Cidade Alta, que é um nicho irradiador da **"negritude fashion"** contribuindo para a valorização e o resgate cultural. Ali as pessoas se encontram para traçar linhas da vida e projetar futuros baseadas numa autoconfiança, senso estético apurado, cumplicidade e solidariedade.

O incentivo a uma prática de trabalho participativa, através de vivências cotidianas associadas à cooperação e integração foi ingrediente fundamental para contribuir com a busca de autonomia por parte dos alunos no projeto **Ampliando Horizontes**. No caso específico desse núcleo, essa cooperação se deu da seguinte forma: de posse dos fotolitos⁷ (negativos), as telas e estamparias dos tecidos eram criadas na oficina de serigrafia, com o suporte da oficina de marcenaria, responsável pela confecção dos chassis⁸.

⁷Dicionário Online Michaelis: sm (foto1+lito1) Pedra ou, mais frequentemente, chapa de metal com imagem fotolitográfica, para impressão ou transporte.

⁸Dicionário Online Michaelis: sm (fr chassis) 4 Fot Caixilho em que se coloca a chapa sensível para ser transportada e impressionada.





Concomitantemente, as modelagens eram concebidas para que quando os tecidos estampados chegassem ao grupo de corte e costura e as peças fossem, afinal, confeccionadas. Ao todo, por volta de **50 profissionais** integravam essa cadeia produtiva. Técnicas de modelagem, corte, costura, bordado em pedraria, paetização, ponto de cruz, pespontado, ponto atrás, bordado com fitas, etc., serigrafia e estamparia foram pedaços de uma **engrenagem** que estimulou o aprendizado do fazer de modo **cooperativo**.

Dessa forma, **transformando as oficinas em um espaço privilegiado de vivência**, o núcleo de **Moda e Beleza** estava integrado à estratégia de inclusão social por meio do desenvolvimento de uma moda conceitual, unindo resgate histórico e tecnologia social **[nas oficinas de estamparia e bordado, por exemplo, o aluno aprendia também sobre seu contexto histórico]**, a partir do uso de técnicas artesanais para a confecção de peças de vestuário e acessórios. Nesse contexto, as oficinas foram focadas no ensino de técnicas artesanais **[customização, bordado, batik e tie dye]**, menos custosas em termos de materiais e equipamentos, mas capazes de agregar considerável valor ao produto. Além disso, a maior concentração de afrodescendentes na Vila do João, no complexo da Maré, fez com que o recorte temático inicial da produção estivesse focado na **cultura afro**, sobretudo de origem bantu, já que existia uma expressiva concentração de jovens angolanos nesse conjunto de favelas [do Complexo da Maré].

É digno de nota o esforço dos coordenadores e educadores para encaminhar alunos diretamente para o mercado de trabalho, sendo que alguns deles optaram pela prestação de serviços de maneira autônoma, individual ou associada. Nas palavras de Mônica Bastos, coordenadora do Projeto Pan Social:

“Realizamos uma pesquisa com o objetivo de saber onde os donos dos salões de beleza tinham se profissionalizado e, para nossa surpresa, aproximadamente 80% deles passaram pelo núcleo da Vila do João[...] Ela (fazendo referência a uma aluna em particular) participou do curso de Cabelo





Afro. Passava por muitos problemas, dentre eles a violência doméstica. Seu companheiro matou, por espancamento, sua filha de dois anos de idade. Quase não falava, era muito franzina, não tinha cuidado com a aparência e estava sempre com um semblante triste. Mas aqui no curso a gente trabalhava muito a questão da autoestima e ela se transformou. Passou a cuidar de si, do seu corpo, e começou a trabalhar nos eventos que realizávamos, trançando cabelos. Isso possibilitou geração de renda, o que melhorou muito a sua vida."

Em se tratando das oficinas de Cabelo Afro, ouviu-se diversas histórias sobre as mulheres negras que procuravam o Salão Comunitário da sede da ACB/RJ na Maré para alisar os cabelos, **[a maioria delas]!** Buscando reverter esse quadro e desmistificar estereótipos de beleza, o projeto buscou, metafórica e literalmente, fazer a cabeça de todos que passassem por esse Salão. A qualificação profissional estava focada na estética negra, valorizando e realçando os traços étnicos afrobrasileiros, através do resgate da cultura africana e sua importância para a construção da sociedade brasileira.

o Tie-dye

A técnica conhecida como tie-dye é uma tradução do inglês que significa amarrar (tie) e tingir (dye). Ao amarrar o tecido, fazemos uma reserva na área e assim a tinta não penetra, provocando desenhos e formas variadas. Alguns pesquisadores descobriram que em muitas e diferentes culturas usavam esta técnica como estampa não permitindo assim então uma origem única. Entre as comprovações encontradas temos a China da dinastia Tang e no Japão. Em alguns povos indígenas também encontraram-se vestígios. No Sudeste da Ásia, Indonésia, Índia e no Peru na América do Sul. Na África é forte a presença do tie-dye conhecido como Batik Africano. O tie-dye popularizou-se na moda principalmente nos anos 60 e 70 no movimento da contracultura conhecido como Hippie. Para fazer amarra-se a peça com barbante e depois tinge-se. Para cada forma cria-se um amarrado diferente...



“O uso das tranças pelos negros, além de carregar toda uma simbologia originada de uma matriz africana ressignificada no Brasil, é, também, um dos primeiros penteados usados pela negra e privilegiados pela família. Fazer as tranças, na infância, constitui um verdadeiro ritual para esta família. Elaborar tranças é uma tarefa apreendida e desenvolvida pelas mulheres negras.” [Gomes, 2003]

[Cristiane Alves, ex-aluna e educadora da oficina de Cabelo Afro]

“Vou fazer 34 anos, fiz o ensino médio, agora vou tentar o ENEM para buscar uma vaga na faculdade, Serviço Social, Pedagogia ou Psicologia. Já fui aluna da Ação Comunitária, cheguei na Maré em 1995 e comecei a frequentar cursos em 1997 e, em 2003, entrei na área da beleza. Antes disso fiquei fazendo vários cursos aqui dentro: de maquiagem e penteado afro. Conheci meu marido nesse meio tempo, ele é angolano, e durante a oficina eu me interessei pelas tranças. Tinha uma amiga que era professora, e depois morou uma angolana na minha casa e eu também aprendi com ela. Aí fui convidada para atuar na oficina de penteado afro. Comecei como monitora e agora sou educadora. Hoje eu sou o que sou graças a esses projetos. O PAN Social foi uma coisa muito boa. Na época, como eu era aluna e voluntária, eu não tinha muito acesso porque o curso só acontecia nas unidades do DEGASE.



Hoje eles voltaram para os núcleos da Ação Comunitária onde estiveram no passado. O Ampliando Horizontes veio para o núcleo e eu não fazia parte porque eu trabalhava fora. Então, tinham outros profissionais, mas o que eu entendo hoje, de estar dando aula lá dentro [DEGASE], é que foi uma coisa que muitos aproveitaram, mudou muito a vida de muita gente. Não só do adolescente, mas da família inteira. 'Ah, mas têm uns que voltaram a traficar, outros morreram...', mas isso acontece mesmo: têm pessoas que aproveitam, se agarram à oportunidade. Têm outros que não. Têm várias histórias que eu conheço de pessoas que participaram de outras oficinas e que hoje se pode dizer que têm uma vida boa, têm dignidade, estão evoluindo, estão progredindo. O projeto ajudou muito".

Como produto final, **além de peças de vestuário, acessórios e penteados**, essas oficinas do Núcleo de Moda & Beleza buscaram levar para a vitrine da vida um pouco mais de dignidade e perspectiva.

...Fazer a cabeça das pessoas pode transformar a aparência, o cabelo, o pensamento, a vida e até o mundo, porque quando a gente muda, o mundo muda com a gente...





3.2 *fazendo acontecer*

:

Oficina de Marcenaria

Buscando ampliar as possibilidades de inserção no mercado de trabalho de moradores das comunidades e de reinserção social de jovens em conflito com a lei cumprindo medidas socioeducativas, o projeto Ampliando Horizontes agregou em seu escopo de trabalho a Oficina de Marcenaria. Esta oficina aconteceu no CECAP (DEGASE) e na sede da Ação Comunitária em Cidade Alta, no bairro de Cordovil. Partindo do pressuposto de que o **compromisso com uma educação vinculada ao trabalho** está relacionado com a proposta de uma **educação continuada e permanente**, a vivência dentro da sala de aula incluiu debates relativos à educação para a **cidadania, organização comunitária, associativismo, questões de relação interpessoal e de sociabilidade** com foco na inserção no mundo do trabalho.

Marcenaria é o trabalho de transformar um pedaço de madeira em um objeto útil e/ou **decorativo**. O trabalho do marceneiro evoluiu da carpintaria, prezando mais pela qualidade e delicadeza do acabamento. Enquanto a primeira preza pela aparência, a segunda está focada na funcionalidade, como o emadeiramento interno do telhado de uma casa, por exemplo. O marceneiro trabalha com a criatividade e precisa saber ou ter alguma ideia de como desenhar em perspectiva, além do cuidado no manuseio de ferramentas e materiais. O uso de máquinas [**serra circular ou de fita, tupia, formão, desempenadeira**] exige cautela primordial, pois qualquer acidente pode ser irreversível. A marcenaria abrange o fabrico de móveis, mas está mais ligada ao trabalho artesanal do que ao trabalho industrial. Apesar de o marceneiro contemporâneo fazer uso de máquinas, grande parte de seu trabalho, ainda é artesanal.



Na prática, o projeto ensinou aos adolescentes diversas técnicas e o uso correto das ferramentas, técnicas de acabamento e a confecção de utensílios em madeira para o uso cotidiano.

Da madeira à arte, a marcenaria transforma toras em peças que duram décadas e, muitas vezes, encantam por sua sofisticação. Do aparente caos do seu espaço de trabalho, onde quase tudo parece ter a mesma cor, com exceção do verde do maquinário e do azul do macacão dos marceneiros, nascem peças de artesanato, decorativas ou funcionais, através da oportunidade de se ter um ofício e do des-cobrir diversos talentos. Aqui aprende-se que a transformação acontece através do aprendizado [é preciso saber as técnicas], do cuidado [deve-se ter cautela ao manusear as máquinas e ferramentas] e da prática, a ação diária que em si mesma contém trabalho.

“Você tem que deixar eles à vontade e conversar com eles independente do porquê deles terem vindo pra cá. Acho que o que falta é compreensão e diálogo. Tem vezes que o cara mora sozinho, tem vezes que ele mora com a mãe e o pai, só que eles não dão atenção. A mãe não tem tempo porque trabalha, então o cara começa a ficar sozinho sem ter com quem conversar e muitas vezes acaba indo pela conversa dos outros. Só depois de muito diálogo é que ele descobre que pode criar com a marcenaria. Que pode se manifestar através do que ele produz e que pode crescer.” [Eduardo William, educador da oficina]



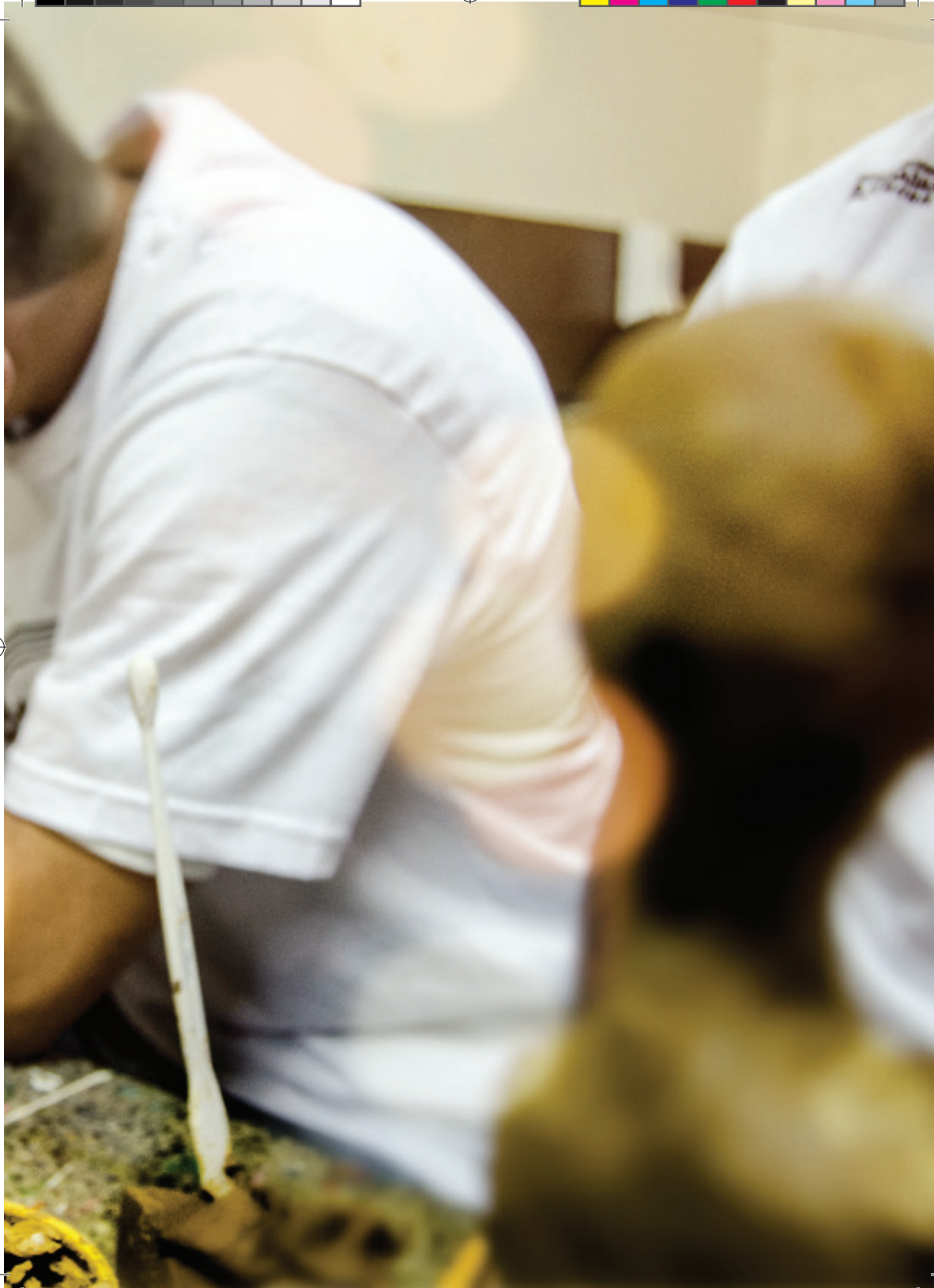
"Um dos saberes primeiros, indispensáveis a quem, chegando a favelas ou a realidades marcadas pela traição a nosso direito de ser, pretende que sua presença se vá tornando convivência, que seu estar no contexto vá virando estar com ele, é o saber do futuro como problema e não como inextorabilidade. É o saber da história como possibilidade e não determinação."

Paulo Freire

A palavra do DEGASE

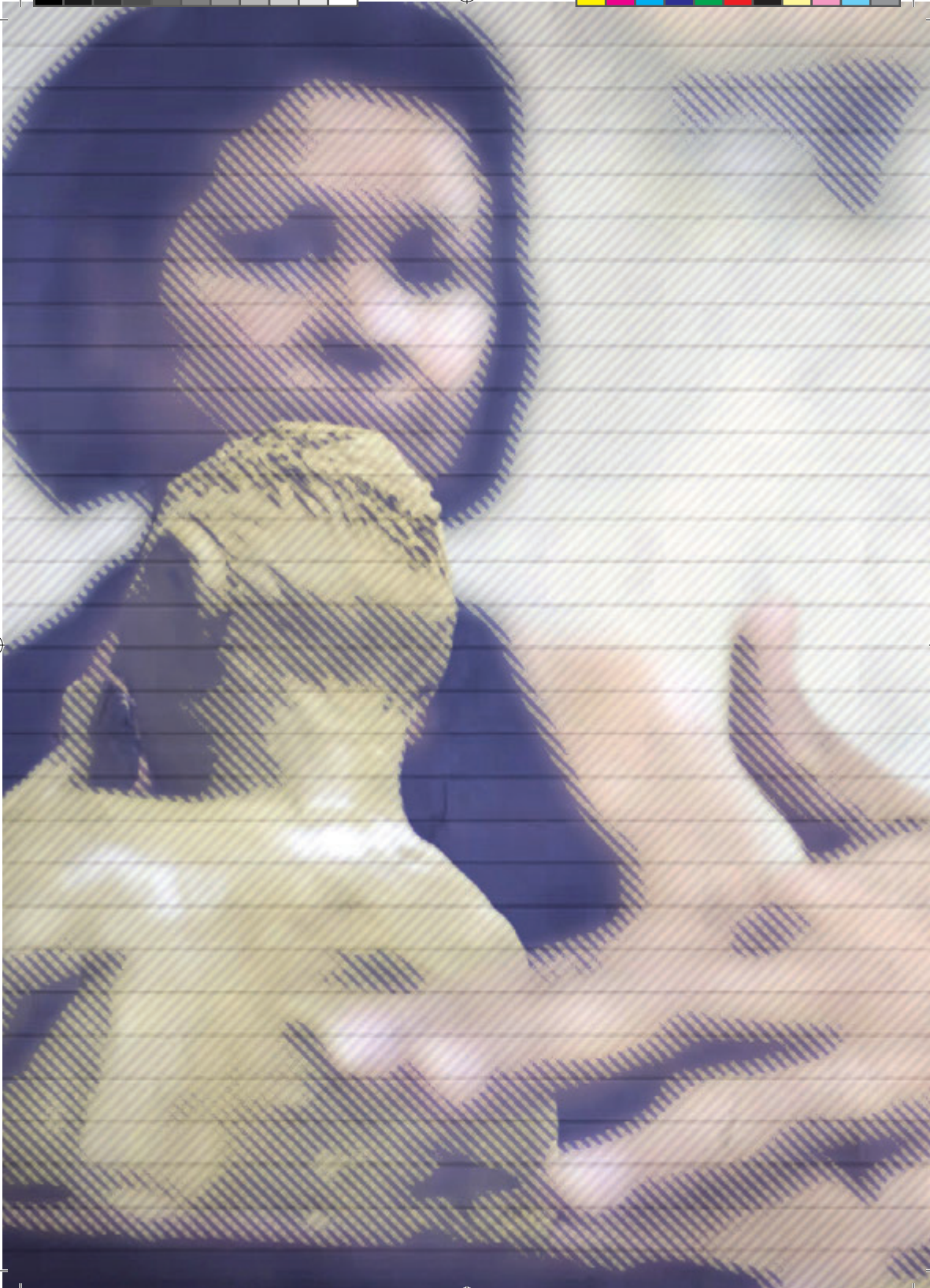
"A nossa missão é fazer com que os adolescentes que cumprem medidas socioeducativas aqui, possam ser inseridos no mercado de trabalho de uma forma competitiva e plena. A grande contribuição é fazer com esses adolescentes sejam pessoas um pouco mais generosas, tenham facilidade de interação, comunicação, de lidar e conhecer o outro. Acho que o sucesso da Ação Comunitária é exatamente esse: ela tem esses três eixos. Realiza o trabalho da educação profissional, geração de renda e a questão da cidadania... Isso que é importante." George Fox, coordenador do Centro de Educação, Cultural, Esporte e Lazer (CECEL)















Oficina de Telemarketing, Auxiliar de Escritório e Almoxarifado

Digitar cartas, relatórios, memorandos, atas de reunião e outros documentos. Preparar apresentações e planilhas. Organizar reuniões, apresentações, jantares e outros eventos. Organizar viagens. Solicitar móveis, papéis, formulários e outros materiais usados no escritório, etc. Para muitos, essas tarefas podem parecer simples e corriqueiras. Para tantos outros, **significam a possibilidade de conquista de um trabalho com dignidade**. As **Oficinas de Telemarketing e Auxiliar de Escritório** foram ministradas no Centro de Capacitação Profissional do DEGASE, no núcleo da ACB/RJ em Cidade Alta e na Vila do João.

[O pessoal da comunidade já vem com aquela coisa: 'eu quero fazer, eu preciso fazer!' Quando chega no final do curso eles ficam ainda mais animados, saem muito mais empolgados, com menos receio. Na oficina a gente trabalha muito a questão de falar em público, então eles saem com menos receio, eu sinto que mais confiantes para um processo seletivo, uma entrevista de emprego. Já os adolescentes que estão cumprindo medida, eles acabam se descobrindo em alguns aspectos. O vocabulário deles não é muito rico, é o vocabulário que a gente aprende na rua, e aqui eles acabam tentando substituir essas palavras tortas que as vezes aprendemos por palavras que eu falo durante a aula. Aí eles perguntam o que significa, perguntam se eles podem mudar a palavra, as vezes eles têm dificuldade de falar alguma palavra e perguntam, 'pô professor, qual é a melhor palavra aqui, eu não sei'. Certamente eles saem mais falantes.] *Fabiano Motta, educador da Oficina de Telemarketing*

Como estratégia pedagógica, essas oficinas buscaram desenvolver competências e habilidades para manuseio das novas tecnologias, estimulando o trabalho em equipe através de simulações de situações do cotidiano de trabalho, problematizadas e mediadas





pelo educador. No desenvolvimento dos módulos foram propostas atividades de análise e solução de problemas, visitas técnicas, estudos em sala de aula, laboratórios de informática, realização de projetos e outros meios de organização da aprendizagem, focados na integração dos conhecimentos e habilidades dentro do contexto das transformações do setor produtivo. Como pano de fundo, **a proposta socioeducativa de autonomia e emancipação cidadã**, privilegiando a autoconfiança que nasce do descobrir-se '**sangue bom**'!













Oficinas de Gastronomia e de Garçom

Quer aprender matemática? Então faça a Oficina de Gastronomia da Maré, na Vila do João. **Pode soar incoerente, mas não é.** Mas nem cozinheiros, nem matemáticos: o projeto procurou formar cidadãos que, além de saber cozinhar, fossem também capazes de se posicionarem no mercado de trabalho como possíveis chefes de cozinha. Essa oficina da Ação Comunitária, foi ministrada na sede da ONG na Vila do João, no Complexo de Favelas conhecido pelo nome de Maré, e em Cidade Alta, no bairro de Cordovil, com ênfase no **aproveitamento integral de alimentos, na panificação e produção de salgados.**

Vivian da Silva Santos, educadora da Oficina de Gastronomia, tem 32 anos, é nutricionista e começou sua atuação na Ação Comunitária como assistente pedagógica em um projeto na área de alimentação. Em 2012 foi convidada para dirigir esta oficina dentro do projeto **Ampliando Horizontes.**

“A gente ia aprimorando diariamente para que as pessoas pudessem entrar no mercado de trabalho ou encarar sozinhas esse desafio, sendo capazes de competir com quem já está lá algum tempo. As meninas fazem eventos, trabalham com fornecimento de lanches para os próprios projetos da Ação Comunitária, entre outras demandas. Isso já é uma renda fixa que elas têm; um dinheiro com o qual elas podem contar.” [Vivian]

Essa oficina começava sempre com uma preleção: **falava-se sobre educação, postura profissional, higiene pessoal e do alimento, riscos para a saúde por causa de alimentos contaminados, qualidade dos insumos escolhidos, estética do produto final, disciplina, etc.** Essa pitada de informação, muitas vezes, servia



também como um estimulante para abrir o apetite.

Agregaram-se também ao Projeto, oficinas de **Garçom para Eventos**. A partir de vivências, simulações de serviços e situações de atendimento, conversas sobre postura profissional e apresentação pessoal, os alunos aprenderam conhecimentos fundamentais desta prática: tipos de comanda, esterilização de materiais, *mise en place* [termo francês que significa pôr em ordem, fazer a disposição da mesa], recepção e acomodação do cliente, dobras de guardanapo, serviços com alicate e recolhimento de pratos com tripé, etc.

“Como muitos alunos que chegam aqui e pararam de estudar por causa dos filhos, a Cris [Cristiane Alves hoje é educadora na Oficina de Cabelo Afro e estuda na Cultura Inglesa], como ela mesma falou pra você, passava o dia inteiro na porta de casa. É claro que ela se permitiu, abriu a cabeça dela porque não adianta só a gente dar oportunidade... A pessoa tem que querer, tem de vir de dentro da gente. A gente estimula, orienta, mas tem que partir dela. E a Cris, depois que chegou aqui, fez supletivo e terminou o segundo grau, agora quer fazer faculdade, quer melhorar. Ela é um exemplo disso, mas têm outras pessoas que, infelizmente, não aproveitam a oportunidade. Ah!, e tem também a Débora, que é do grupo produtivo. Mesma história, ela tinha parado de estudar quando chegou aqui. A gente foi incentivando: falamos uma vez, duas e ficou por aí. Até que um belo dia, ela foi pro colégio e agora que terminou o segundo grau tá por aí dizendo que vai fazer faculdade” [Vivian]

Nas aulas, a educadora ponderava: para conseguir um trabalho na área de gastronomia, ou em qualquer outra, e também para entrar na faculdade, é preciso ter cursado o Ensino Médio. Sua orientação é, a um só tempo, pertinente e estimulante. E na hora de usar a balança, as limitações e particularidades pessoais de cada aluno têm menor peso do que a sua força de vontade de aprender. E essa



balança é sempre posta à mesa. Nas palavras de Vivian:

"Tem uma aluna que veio fazer gastronomia e no meio do curso engravidou. Aí ela teve o bebê, mas ela nunca parou, sempre trabalhou, sempre conseguiu ajustar o horário dela. Toda aula ela chegava um pouquinho atrasada e a gente acolhia. Hoje ela abriu uma empresa individual, é microempreendedora, trabalha com encomendas daqueles docinhos 'bem casados'. Ela só não ficou aqui no grupo de produção porque tem um trabalho com carteira assinada. Ela é funcionária de um Laboratório. Mesmo antes de começar o curso ela trabalhava lá, mas ela é apaixonada por gastronomia e tá sempre em contato com a gente aqui."

Assim como o sal, ingrediente presente em praticamente todas as receitas, o baixo nível de escolaridade também foi citado pela educadora como um dos principais desafios durante as suas aulas. Vivian nos contou como se dava, e se desenrolava, na prática, essa questão:

"Semana passada mesmo, elas vieram me perguntar quanto deveriam cobrar por uma encomenda. Elas já tinham começado a treinar essa coisa de sair pra fazer supermercado, anotar os gastos com passagem, anotar o preço dos produtos, montar o custo e projetar o preço de venda. Mas elas têm muita dificuldade com a matemática básica. Às vezes elas têm dificuldade até para começar a fazer uma conta, imagina então montar o custo de uma encomenda? Às vezes elas perdem dinheiro por cobrar pouco e às vezes elas perdem a oportunidade por cobrar muito. Até o final do ano passado quem fazia isso era eu: orçamento, compras, contato com o cliente, etc. E aí eu comecei a inseri-las nesse processo. A gente montava uma receita e eu falava: agora vocês vão ao supermercado ver quanto custa cada coisa, eu não vou dar o preço pra vocês. Depois a gente transformava essas receitas todas em gramatura para que elas pudessem calcular. Às vezes era uma aula inteira só para fazer isso, mas a pessoa precisa aprender qual é o custo do produto dela, né? Fora os outros custos que não são do produto, mas que incidem ali: gás, água, transporte para fazer as compras... Eu tenho uma aluna



que estava vendendo o cento do salgado a R\$ 15,00. Aí eu perguntei: você sabe qual o custo do cento do salgado? Ela respondeu: 'Não'. Então você vai calcular o custo do seu salgado. Calculamos e descobrimos que ela ganhava R\$ 5,00 no cento do salgado. Imagina o trabalho? Fazer a massa, o recheio, modelar, enformar, embalar...

Outro desafio apontado pela educadora refere-se ao orçamento do Projeto **versus** a estrutura adequada para a realização da oficina. Mais uma vez ela pondera: os equipamentos sofrem depreciação. *“Os utensílios acabam, as panelas acabam, as facas, e aí a gente precisa que eles sejam repostos para não prejudicar a qualidade do trabalho”*. E foi no exercício permanente de avaliações, item rabiscado na metodologia desse projeto, no poder falar e principalmente no poder ser ouvido **[diálogo]**, assim como no compartilhamento de responsabilidades gerando sentimentos de **pertencimento, de capacidade e de autoconfiança**, que este se **desenrolou**.

O **papo de resposta** com a Vivian terminou com boas previsões e algumas visões de realidades já concretizadas. Enquanto alguns alunos encararam o mercado de trabalho, outros se juntaram e consolidaram o grupo **produtivo de gastronomia** da ACB/RJ no complexo de favelas da Maré.

“A gente quando deu essa repaginada na gastronomia, levantou uma bandeira e foi uma coisa que deu muito certo: o Bufê Mareação, de aproveitamento integral de alimentos. Não sei se você já ouviu falar, a gente trabalha criando receitas com as partes dos alimentos que usualmente jogamos fora: talos, folhas, casca, semente. E depois dessa repaginada, a gente ganhou muito mercado e o grupo se fortaleceu muito através dessa questão do aproveitamento integral. E isso que você falou de – ‘o que ficou para as pessoas depois da oficina?’ – acho que o mais importante foi isso: a mudança de mentalidade! Tivemos muitos avanços nesse sentido. Conseguimos tirar esse mito de que ‘isso aí é lixo!’ e essa consciência ambiental reflete diretamente na economia doméstica, sem falar da questão nutricional. Trabalhando em cima desses pilares, conseguimos dar uma mudada na mentalidade das pessoas. O projeto fez o Bufê se fortalecer mais e ganhar mercado.” [Vivian]















AÇÃO COMUNITÁRIA DO BRASIL/RJ

e o Núcleo de Gastronomia ou Segurança Alimentar e Nutricional

A Ação Comunitária do Brasil tem como missão promover os direitos de cidadania de brasileiros que vivem à margem do desenvolvimento social, econômico e cultural do país. O foco da instituição está nas iniciativas na área de qualificação profissional que buscam promover a conquista da autonomia e a inserção social através do estímulo ao empreendedorismo e ao acesso e gestão democrática do trabalho e da renda, tendo como norte os princípios da economia solidária, a ética e solidariedade nas relações. Diante de um mercado de trabalho que caminha cada vez mais em direção à informalização e a outras formas de contrato não convencionais, que acabam por fragilizar as relações de trabalho e acentuar desigualdades sociais, torna-se um grande desafio o acesso mais igualitário ao trabalho e à renda.

Cabe ressaltar que a instituição desenvolve seus projetos essencialmente em dois núcleos, Vila do João e Cidade Alta, situados em comunidades de baixa renda da cidade do Rio de Janeiro, fator que torna o desafio ainda maior, uma vez que o público atendido é marcado por uma trajetória de preconceitos e estigmas sociais. A ACB/RJ busca ainda estabelecer parcerias que contribuam para o fortalecimento e efetividade das ações empreendidas no âmbito da qualificação profissional, cabendo destacar os laços de cooperação com órgãos dos setores público e privado, que permitem uma

atuação mais incisiva, por intermédio da articulação de políticas públicas e tecnologias sociais, no que concerne à inclusão social e ao vislumbre de novas perspectivas de vida, via mundo do trabalho, por parte de segmentos populacionais em situação de exclusão.

Dentro desse contexto está inserido o Núcleo de Segurança Alimentar e Nutricional da ONG, com oficinas voltadas para a área de gastronomia. Inicialmente, estas surgiram como uma estratégia institucional em potencializar as possibilidades de inserção dos participantes no mercado levando em consideração a abrangência do setor e seu constante crescimento, em postos formais e informais de emprego. Paulatinamente aconteceu um amadurecimento da proposta rumo às oficinas produtivas, de forma a adequá-las, de forma ainda mais precisa, ao empreendimento solidário. Com esse propósito, em meados de 2000, ocorreu uma profunda reestruturação nesse Núcleo, como da ACB/RJ como um todo (mudança de orientação, entrada de nova superintendência) através da inclusão de dois elementos fundamentais: uma pauta especial voltada à culinária étnica e o próprio projeto educacional de formação integral (realizado durante a etapa de qualificação profissional, pautado na educação para a cidadania).

Entendendo que a alimentação não é somente um ato biológico, mas é também um ato social e cultural, sendo, portanto, um fator de diferenciação, percebeu-se que através dela era possível identificar tradições não ditas. A alimentação, também como memória opera muito fortemente no imaginário coletivo e está associada aos sentidos: odor, a visão, o sabor e até a audição. Além disso, destaca as diferenças, as semelhanças, as crenças e a classe social por carregar as marcas de uma determinada cultura e modus vivendis. Houve, desta forma, uma preocupação em agregar um valor simbólico às atividades realizadas no Núcleo em questão em resgatar/valorizar signos da cultura afro que se manifestam tanto através de formas alternativas de alimentação, quanto pelo modo de preparar alimentos. Para tanto, imprimiu-se um considerável esforço para a criação de centros de produção e debate sobre elementos da cultura afro, com ênfase na gastronomia, em espaços próprios de estudo e pesquisa da instituição, tal como o Bonde das



Letras (Biblioteca Comunitária para Jovens e Adultos) e priorizou-se o emprego da culinária africana na produção da Oficina de Gastronomia, de modo a aliar a possibilidade de geração de renda com a elevação da autoestima, além do estímulo da reflexão crítica e cidadania ativa, por meio do fomento ao debate sobre o papel da cultura afro na constituição da identidade cultural brasileira.

O grupo de produção denominado **“Arte e Gula”** tem como principal objetivo atender a demanda da comunidade por salgados, doces outros tipos de alimentos de consumo rápido a preços populares, através de pontos de venda dentro dos núcleos da ACB/RJ. A outra vertente produtiva do núcleo, denominada Buffet Mareação, consiste na linha prestadora de serviço do núcleo, cujo diferencial residia em promover o resgate e a valorização da cultura afrobrasileira através do serviço de Buffet, como também a busca pela sustentabilidade financeira da iniciativa, com lucros destinados à sustentabilidade do núcleo e geração de renda dos participantes.

Tais inovações nas oficinas de gastronomia, além de possibilitar maior visibilidade aos empreendimentos e, conseqüentemente, o estabelecimento de mais parcerias com a iniciativa privada, por exemplo, com renomados hotéis tais como o Copacabana Palace, e instituições de outros segmentos, mostrou-se fundamental para garantir ao participante uma capacitação mais ampla e sólida, em virtude da abordagem maciça de temáticas ligadas a etnia, gênero e responsabilidade ambiental, este último presente através da introdução do programa de ‘Aproveitamento Integral de Alimentos’. Esse programa é dividido nos seguintes módulos:

- ◉ Higiene na Manipulação dos Alimentos;
- ◉ Princípios de Aproveitamento Integral de Alimentos;
- ◉ Receitas para Alimentação Alternativa;
- ◉ Organização, Controle e Armazenamento de Alimento;
- ◉ Higiene e Comportamento Pessoal.

Além disto, são realizados workshops abertos à comunidade, onde são apresentados alimentos preparados por educandos, realizados

palestras com consultores e convidados e distribuídas cartilhas (folders) explicativas com informações e receitas. Estes eventos são chamados de “Mostra de Alimentação Alternativa” e tem por objetivo a disseminação dos princípios e potencialidades do uso integral de alimentos.

Assim, as atividades práticas e teóricas passaram a ser totalmente integradas: procurou-se estimular de forma mais enfática o participante, no sentido de associar o aprendizado de sala de aula com a realidade do mercado de trabalho, desde o layout do espaço de aula, passando pela postura profissional e cuidado com seu material de curso, atitude, higiene, conhecimento dos diferentes tipos de pratos, objetivando a formação de um cardápio diferenciado, ornamentação em geral, planejamento de orçamento para eventos, até a responsabilidade com os horários e com as atividades extraclasse.

Essas últimas e o atendimento à comunidade no âmbito das oficinas da ACB/RJ são utilizados na área de gastronomia como vivência profissional para os educandos em formação. Deste modo, promove-se a integração interdisciplinar e a interação social com a comunidade, além de aumentar a autoestima e grau de segurança profissional do educando, no que concerne ao futuro ingresso no mercado de trabalho. Vale ressaltar que comumente os educandos que se destacam na etapa de qualificação profissional passam a fazer parte do grupo produtivo de gastronomia da instituição, na condição de participantes e em total igualdade de direitos e deveres.

A TERCEIRA MARGEM DO RIO,

Guimarães Rosa

"Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a ideia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxe, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!" Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez em jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: "Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?" Ele só



retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu de indo a sobra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa [...]"





CAPÍTULO 4

DO TRIGO ao Pão

Pai Nosso, pão nosso – são refrões da oração ensinada por Jesus. Só podemos chamar Deus de “Pai Nosso” se nos esforçarmos para que o pão-símbolo dos bens da vida seja de todos. “Eu sou o pão da vida”, disse Jesus. E nos revelou que quem reparte o pão partilha Deus. Este é um texto de oração destinado a saciar as nossas fomes de pão e beleza.
(Frei Betto)







Segundo a Organização Mundial da Saúde [OMS] é recomendado o consumo de **50kg** de pão por pessoa, por ano. No Brasil foi registrado, há alguns anos, um consumo médio de **29kg** pão/pessoa/ano, **o equivalente a metade da porção recomendada** pela OMS. Pão é sobrevivência. O que é válido para transformar o trigo e fazer a massa, no contexto criado por ela, também é válido para iniciativas de ressignificar vidas, fazendo-as saudáveis e nutritivas a um só tempo. **Ampliando Horizontes** nasceu com o propósito de aperfeiçoar as condições de reinserção social e profissional de jovens em conflito com a lei de modo a diminuir o hiato criado por sua condição peculiar de exclusão. Um esforço para que o pão-símbolo dos bens da vida seja distribuído a todos.

Como primeira característica inovadora, pode-se explicar o projeto à luz da metáfora do **continente**. Em detrimento deste, representado pelos grandes sistemas de ensino, hoje insuficientes conquanto grande seja o seu tamanho, escolheu-se a imagem do **arquipélago**, representada pela ligação entre pequenas ilhas, identificando o esforço que importa realizar. Dentro da perspectiva de conectar e cuidar, tendo em vista reflexões globais para atuações locais, reuniu-se diferentes atores envolvidos com a temática do menor infrator [**sociedade civil organizada (Ação Comunitária), governo (DEGASE) e setor privado (Petrobras)**] para **dialogar** sobre políticas públicas e sua efetiva aplicação, tal como preconizadas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Como primeiro produto deste diálogo, depois da publicação referente ao projeto Pan Social [**Razão por que fiz?**], livro que parafraseou Guimarães Rosa, optou-se por ficar, **Razão porque fiquei**, e aperfeiçoar a anterior e bem-sucedida experiência do Pan Social.

Percebeu-se, no decorrer do projeto, que é possível o entendimento entre atores sociais com lógicas distintas de atuação, **mas com objetivos comuns**, sem que isso implique em perda de identidades ou desvio de funções institucionais específicas. Dessa forma, os esforços devem estar concentrados na formação de arranjos cooperativos entre as partes, a despeito das diferenças e conflitos eventualmente existentes entre diferentes lógicas ou racionalidades.

Compartilhando entendimentos e percepções entre os atores envolvidos no projeto, acredita-se que suas oficinas foram





inovadoras, concebidas como atividades criativas, potencializadoras de talentos **descobertos**. Através de algumas dessas, os adolescentes foram instrumentalizados a realizar trabalhos de maneira artística-artesanal, a partir de um recorte étnico e com técnicas que pudessem ser executadas em suas próprias moradias, envolvendo familiares e comunidade em situações específicas. Como inovação técnica foram acrescentadas aulas de confecção de instrumentos de percussão na oficina de capoeira, técnicas de batik e tie-dye⁹ na oficina de estamparia e técnicas de apliques ao bordado. A ideia aqui foi motivar a transformação, no futuro, das oficinas em cadeias produtivas, convertendo o produto do trabalho em renda e agregando valor simbólico ao que era produzido.

Merecem destaque especial as oficinas da Cerâmica Negra, de Gastronomia e de Capoeira. Com relação à esta última, é importante registrar o interesse dos agentes de disciplina em participar das aulas. Não é segredo a relação conflituosa que muitas vezes se estabelece entre agentes e os internos. Nesse sentido, assim como do trigo faz-se o pão, procurou-se também contribuir para **transformar** essas relações de tensão em relações cordiais, pautadas em novos horizontes.

mas como isso foi possível?

Foi possível porque os '**contrários**' encontraram um equilíbrio, assim como o arco e a lira: tensão demais e a corda se rompe, demasiado frouxo e não produz música. Aqui o **equilíbrio** foi encontrado a partir da união desses contrários, aproximados pela roda de capoeira e pelo toque do berimbau construído pelos mesmos jovens que, outrora, praticaram algum ato infracional.

É importante ressaltar que existe um mal-estar na relação entre os agentes de disciplina e os adolescentes que não será eliminado. Esses jovens estão cumprindo uma medida socioeducativa porque praticaram um ato infracional e os agentes, no exercício de sua função, são aqueles que os

⁹Tie-dye ou tie and dye (em inglês, 'amarrar e tingir') é uma técnica de tingimento artístico de tecidos, tradicionalmente utilizada por várias culturas no mundo, especialmente asiáticas e africanas.





farão cumprir a lei. Mas é possível trabalhar esse aspecto para que os agentes não fiquem confundidos com a função que exercem e que façam valer a lei, sem se confundir com ela, podendo, assim, ter uma intervenção que não precisa ser no registro da violência. (ZEITOUNE, 2010)

Outro aspecto inovador foi aquele que a experiência revela ser um dos pontos **nevrálgicos** do trabalho com menores em cumprimento de medidas socioeducativas: **o suporte e o acompanhamento dos egressos**. Isto se deu por meio da realização das oficinas no Centro de Capacitação do Novo DEGASE (CECAP) e nos núcleos de educação e cidadania da ACB/RJ na Cidade Alta e na Vila do João. Estes buscaram oferecer, além da qualificação profissional, atendimento psicossocial, opções de cultura e lazer, inclusão produtiva e como diferencial, tentam facilitar **intermediação para o mercado de trabalho**. Ainda engatinhando nesse processo de intermediação, essa ação merece destaque pelo seu caráter desafiador. Já o acolhimento da **família** convergiu com as avaliações feitas pela equipe da ONG Ação Comunitária e as sugestões da coordenação e equipe do Novo DEGASE, **os quais tiveram a percepção unânime de que a falta de oportunidades efetivas de inserção social para os egressos das unidades socioeducativas impede o vislumbre e a consequente realização de seus projetos de vida, levando-os, muitas vezes, a cometer novas infrações**. Dessa forma, pode-se citar a continuidade do processo de qualificação profissional e social, assegurado pela integração da família e da comunidade, como um dos aspectos mais importantes do projeto.

“A família é também um elemento vital que define muito a trajetória destes jovens. Grande parte das vezes ela é lembrada durante as oficinas: ‘vou fazer uma blusa dessas pra dar pra minha mãe’. As peças produzidas durante o curso às vezes viram presentes que vão ser o motivo de alegria no dia da visita e um ponto a favor muito importante no dia de ver o juiz. Um elemento concreto que simboliza que o jovem realmente está trabalhando para sua mudança.” Luciane Meirelles, responsável pelo Monitoramento e Avaliação do Ampliando Horizontes





No decorrer do projeto, foram frequentes os comentários dos agentes de disciplina, servidores do DEGASE e profissionais das escolas referentes às mudanças no comportamento dos jovens internos envolvidos com as oficinas. **Segundo relatos, eles se mostravam mais disciplinados e confiantes.** O relacionamento dos jovens entre si também havia mudado, **diziam.** Como exemplo, contaram que antes do início de cada jogo de capoeira, os adolescentes, numa espécie de ritual, começaram a se dar as mãos e que nas oficinas de beleza as meninas passaram a cooperar umas com as outras, a trançar os seus cabelos, ajudando umas às outras no cuidado de si. Os familiares também discorreram sobre a mudança que **atentamente** observavam no comportamento de seus filhos. A cada evento realizado era perceptível a melhoria na qualidade da relação entre os internos, suas respectivas famílias e os profissionais do DEGASE. Em Julho/2013, o grupo de capoeira coordenado pelo professor Alberto Calado, apresentou no dia da Festa Junina, uma peça de teatro construída por ele e pelos alunos da oficina em parceria com o IPAB (Instituto Plano e Ação Brasileiro). O espetáculo contava a história da chegada dos escravos no Brasil. Familiares, agentes e servidores aplaudiram de pé!

De maneira sucinta e pontual, pode-se listar resultados quantitativos e qualitativos do projeto, **extrapolando o resultado principal**, que é a constatação de que a mudança de trajetória de vida é possível quando acompanhada pela oportunidade de amadurecimento pessoal e profissional e da vontade de fazê-la.

quantitativos:

Cerca de 2.400 participantes [entre internos, adolescentes em regime de semiliberdade, egressos, respectivos familiares e moradores de comunidades envolvidas com o Projeto Ampliando Horizontes] Produto final: duas mil e quatrocentas pessoas mais cientes e conscientes dos seus direitos e deveres cidadãos, aptas a mudarem suas trajetórias e transformarem suas histórias de vida]









qualitativos:

- ☒ *Maior visibilidade para a problemática enfrentada pelos jovens em conflito com a lei e respectivos familiares, através da veiculação de reportagens na mídia e de eventos comemorativos e exposições dos produtos criados nas oficinas;*
- ☒ *Elevação da autoestima dos jovens e reconhecimento e valorização de suas habilidades;*
- ☒ *Jovens capacitados para entrar no mundo do trabalho e jovens inseridos diretamente ou indiretamente pelo projeto. Pode-se citar vários casos de sucesso: alunos das oficinas que se tornam monitores após a progressão de medida, adolescentes que procuram a ACB/RJ dizendo que conseguiram trabalho através dos conhecimentos adquiridos nas oficinas, jovens que seguem trabalhando com o grupo de capoeira e gastronomia;*
- ☒ *Melhor convívio entre esses jovens e seus familiares, DEGASE, comunidade, e entre os próprios internos;*
- ☒ *Mudança no comportamento com a diminuição do nível de ansiedade e estresse, maior senso de responsabilidade, interesse em elaborar um plano de vida e perceptível vontade de construir uma vida melhor;*
- ☒ *Referência para o desenho de novos projetos e programas similares à esse, estendendo seus resultados e impactos.*

Ainda assim, vale considerar que a profundidade da problemática tratada no projeto requer sua **ampliação/continuidade** para que se





consolide todo o esforço e investimento já realizado. Dentro dessa perspectiva, **Ampliando Horizontes** corrobora o posicionamento do Conselho Federal de Psicologia¹⁰, o qual não legitima o paradigma tutelar correccional e punitivo que desconsidera a complexidade do desenvolvimento humano e a situação peculiar em que se encontram diversas crianças e adolescentes no nosso país. Quanto se pode esperar de um jovem de baixa renda, desprovido de uma educação de qualidade e por esta condição, excluído do mercado de trabalho, com referências diárias de violência [inclusive doméstica], e cercado pelo tráfico de drogas e pela corrupção?

O medo é real, mas medíocre.
Ao contrário do que se pensa, a
educação pelo medo nos adapta
à morte, não à vida.
Paulo Freire

A proposta desta publicação é subsidiar uma reflexão mais qualificada sobre a temática do jovem em conflito com a lei e a redução da maioridade penal, entre outras correlatas. Se um adolescente falhou, o quanto a sociedade, a família e o Estado também falharam? Se este último não é capaz de oferecer condições para que os jovens em geral, sobretudo favelados e pobres, tenham um futuro digno, que consequências estarão implicadas no endurecimento de punições aplicadas aqueles infratores? O que aconteceria se o Estado comesçasse a tratar a problemática do uso de drogas, por exemplo, como uma questão de saúde ao invés de segurança pública? Se adotasse uma política com relação à juventude brasileira, ao invés de uma série de iniciativas fragmentadas, sem a organicidade necessária e fundamental entre si?

Cabe ao Estado disseminar o reconhecimento pela igualdade de oportunidades, pautado na ética das relações humanas, com

¹⁰Parecer do Conselho Federal de Psicologia (CFP) sobre a Proposta de Emenda Constitucional 33/2012, de autoria do senador Aloysio Nunes (PSDB-SP), que altera a redação dos Arts. 129 e 228 da Constituição Federal, acrescentando um parágrafo único para prever a possibilidade de desconsideração da imputabilidade penal de maiores de 16 anos e menores de 18 anos por lei complementar. Parecer contrário à aprovação.



todo respeito e propriedade. Cabe ao Estado prover ao seu povo subsídios para que ele possa pagar seu encarecido pão de cada dia. O amanhã não quer ser outro nome do hoje. É preciso ampliar horizontes...

"Se você me der um peixe, você terá me alimentado por um dia. Se você me ensinar a pescar, então você terá me alimentado até que o rio esteja contaminado ou sua margem tenha sido ocupada pelo desenvolvimento. Mas se você me ensinar a me organizar, então, qualquer que seja o desafio, eu poderei me unir a meus pares e, juntos, inventaremos a nossa própria solução"

BAREFOOT GUIDE



Razão porque fiquei



Razão porque fiquei

109





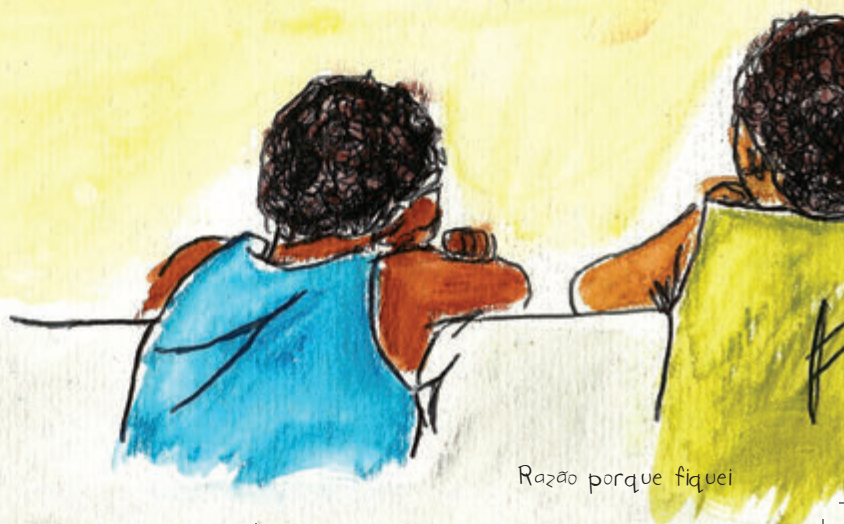
CAPÍTULO 5

papo de resposta



"Toda dor pode
ser suportada
se sobre ela
puder ser
contada
uma história."

Hannah Arendt





Razão porque fiquei

113

me conta a sua HISTÓRIA, entrevista com aLEXANDRE marREIROS [monitor da oficina de capoeira]

Ampliando Horizontes: *Me conta a sua história Alexandre...*

Alexandre Marreiros: *Comecei a praticar capoeira aos oito anos de idade. Aos nove, comecei a me envolver no tráfico. Parei com a capoeira, ficava no tráfico, mas se eu visse uma roda, voltava a jogar. Às vezes saía do trabalho [tráfico] para jogar e o pessoal me dava até esporro. Só que eu comecei a fazer várias besteiras. Foi passando o tempo, fui crescendo e com 15 anos me chamaram para invadir uma comunidade. Eu fui. Foi quando fui preso e fiquei no DEGASE um ano e onze meses.*

AH: E como foram esses 23 meses?

AM: *Lá dentro do DEGASE eu comecei a praticar capoeira, em 2009. Quando eu ainda estava lá no CAI Baixada, o Mestre Berg [educador da oficina de capoeira] me perguntou o que é que eu ia fazer depois que eu saísse do DEGASE. Eu falei pra ele que eu ia voltar a 'traficar'. Mas quando a gente ligava a televisão, eu via vários amigos mortos, a notícia vinha, fulano foi preso, ciclano morreu. Decidi sair dessa vida. Só que eu tive um problema no CRIAAD [unidade de semiliberdade] porque um agente queria me bater. Então eu pulei o muro e fugi. Quando o Mestre Berg chegou lá, o pessoal foi me chamar, mas eu não estava mais lá, tinha fugido. Aí o diretor de lá foi na comunidade me buscar. Quando voltei, o ele [Mestre Berg] estava lá me esperando e me colocou no projeto recebendo uma bolsa de R\$ 200,00. Aí eu comecei a treinar capoeira com ele. Na outra semana ele me fez a mesma pergunta: 'e aí menino, o que você vai fazer quando sair daqui?' Eu pensei. Depois respondi: 'poxa, Mestre, vou parar com isso, quero vida nova'. E ele me deu o número do telefone dele e me chamou para trabalhar com ele aqui fora. Foi passando o tempo, me formei professor de capoeira.*

AH: Hoje você é professor de capoeira?

AM: Hoje eu me sustento com isso, tenho carteira assinada, trabalho dentro do DEGASE para mostrar aos adolescentes que a vida não é fácil como eles pensam e querem. Converso com eles



direto, falo que isso [tráfico] não é vida. Uma vez eu perguntei pra eles: ‘Vocês pensam em mudar de vida?’ Um aluno respondeu: ‘Quando eu sair daqui vou assaltar gringo na praia’. Aí eu perguntei pra ele: ‘Quantos anos você tem, cara?’ Ele respondeu, ‘15 anos’. Eu disse assim: ‘quando eu tinha 15 anos eu falava a mesma coisa, mas hoje estou aqui, sou professor de capoeira’. Me lembro bem desse dia... Nunca mais vi esse moleque. Hoje eu tenho até diploma de capoeira. Tenho um filho, sustento ele com a capoeira, tenho minha academia na Ilha do Governador.

AH: Você tem uma academia?

AM: Tenho. Agora ela tá um pouco parada. Comecei com um aluno, lá na Ilha *[Ilha do Governador]*. Eu nem imaginava que um dia seria professor, ainda era monitor... Aí um moleque me perguntou: ‘*Você é professor?*’ ‘*Não sou monitor!*’ ‘*Então você me dá aula?*’. Marquei com ele aqui na praça às três horas da tarde. Ele veio. Marcamos outro dia e ele trouxe três amigos. Depois quatro. E foi crescendo... Teve uma época que eu ‘tava’ com quarenta e nove alunos. Mas aí me falaram que não podia dar aula na praça, que tinha que pedir permissão...

AH: E como foi quando você chegou ao DEGASE?

AM: Quando eu cheguei logo vi o Mestre Berg... Ele tava lá no pátio, com aquele jeitão todo diferente de andar, de se vestir. Eu me lembro bem, era sábado, eu ‘tava’ descendo para ir à igreja e ele falou: ‘E aí, meu filho, vai fazer capoeira?’ Eu respondi, ‘Aqui já tem igreja, agora tem macumba também?’ Os moleques ficaram tudo rindo. ‘Hoje eu não vou fazer capoeira não!’ Era muito marrento na época. No outro sábado desci de novo. Cheguei lá todo marrento, botando maior ‘bronzão’...

AH: Por que você era marrento? Não é mais? Como você mudou?

AM: Não sei por que eu era marrento. Talvez para me proteger. Mudei por causa da capoeira e também por causa da minha atitude, da minha vontade de mudar. Na capoeira as pessoas começaram a acreditar em mim. O Mestre Berg acreditava em mim. Antes, desde cedo, só escutava os outros falarem de mim, que ‘*pau que nasce*



torto, morre torto'. Eu ouvia, ficava olhando com arma na mão, e me dava vontade de dar tiro. O tempo passou e hoje eu estou aqui. Quer dizer, então tem como desentortar... Hoje algumas pessoas ainda olham para mim com aquele olhar de medo. Eu não quero. Não quero que tenham medo, não gosto disso. Eu quero respeito. Já fiz muita besteira? Fiz. Mas eu mudei.

AH: Alexandre, você acha que a capoeira foi essencial para mudar sua vida?

AM: Bastante. Tinha dia que eu estava *'boladão'*. A primeira vez que eu cheguei aqui, eu *'tava'* chorando de ódio, lembrando que o juiz não queria me soltar. Cheguei aqui chorando e falei: *'Mestre, vou descumprir!'* E ele falou, *'Não faz isso não, meu filho'*. Hoje ele me conta que achou que eu fosse abandoná-lo. Mas eu fiquei. Fui treinar capoeira. E hoje eu estou aqui dando aula no mesmo lugar onde eu treinava. Fui aluno e agora sou professor. Não gosto quando as pessoas falam que sou exemplo. Mas fazer o quê se eu sou mesmo? Só que tem muita gente que fala: *'Como você mudou!'*, e pelas costas falam mal também. Uma vez cismaram que eu tinha vendido droga para um aluno, dentro do DEGASE. Eles não são de fazer revista, mas quando acabou a capoeira, fizeram. Naquela época ainda tinha um pouco de desconfiança de mim. Agora *'tá'* mais tranquilo. Hoje eu sinto que eles me respeitam. Antigamente eu não podia dar aula sozinho. Hoje eu posso.

AH: Como foi sua trajetória de aluno a professor?

AM: Eu entrei no DEGASE no começo de 2009 e saí no final de 2010. Fui para o CRIAAD [*unidade de semiliberdade*], mas continuei fazendo aula. Treinava toda semana, virei monitor e quando foi em 2012 eu me formei, dia 20 de maio. Aí virei professor.

AH: O que você sente quando está jogando capoeira?

AM: Eu esqueço de tudo. Tem dias, quando eu estou jogando, que o Mestre fala, e ele fala *'pra caramba'* no meu ouvido, mas eu nem escuto. Fico concentrado, continuo jogando. E ele continua falando... A capoeira tem dois tipos que eu aprendi: a que educa e a



que é mais dura. Então, você entra na roda, está jogando tranquilo e sempre chega um valentão. O que eu ensino é a capoeira que educa. Capoeira educacional e cultural, não a de dar porrada nos outros. Antigamente, no tempo da escravidão, a capoeira surgiu para quê? Para o negro se defender do capitão do mato. Eles se defendiam e fugiam. Capoeira era isso. Mas a capoeira educa. Já foi *'arma'* de resistência e defesa contra a escravidão. Hoje é educação.

AH: Essa história de quando os negros eram escravos você aprendeu durante as oficinas dentro do DEGASE?

AM: Foi. Eu aprendi nas oficinas, com o Mestre Berg, nas suas *'preleções'*. A gente sempre tem que aprender, né? A mesma coisa de você querer aprender a fazer peças de cerâmica. O curso não é só fazer as peças, tem que saber como surgiu, saber toda a história da cerâmica. Com a capoeira é a mesma coisa. Se você quer aprender capoeira, não é só gingar e dar pernada nos outros. Tem que saber a cultura, como surgiu, de onde veio, etc. É uma história bonita. Uma história de conquista.

AH: Você chegou a fazer algum outro curso no tempo em que esteve no DEGASE?

AM: Fiz quase todos os cursos. Fiz informática, gastronomia, quase tudo mesmo... Foram quase dois anos, deu para fazer muita coisa.

AH: E como foram esses cursos?

AM: Ah!, o curso de gastronomia, por exemplo, eu fazia mais para poder comer. Nas unidades a comida era ruim, nas aulas eu aproveitava e fazia a comida que eu queria comer, era muito melhor. Hoje sou eu quem faz tudo, sou dono de casa, moro sozinho. Lavo roupa, passo. Aprendi tudo. E só sei fazer tudo isso por causa dos cursos.

AH: Você decidiu que queria aprender, estudar, fazer os cursos... O Mestre Berg te pôs como monitor porque provavelmente percebeu essa tua vontade, ele viu que podia confiar em você. Mas alguns jovens, mesmo tendo a oportunidade de mudar o seu rumo de vida, acabam não mudando. O que você acha que faz a diferença?

O que você acha que se pode fazer além, dentro do próprio projeto **[Ampliando Horizontes]**, por exemplo, para contribuir para uma mudança efetiva?

AM: Não adianta nada você oferecer oportunidade se a pessoa não estiver disposta a mudar. E depende muito, cada história é uma história. Mas comigo foi assim. Eu mudei por quê? Porque juntei oportunidade e vontade. Se você tiver a oportunidade e não quiser mudar, não muda. Se você quiser mudar e não tiver oportunidade, não muda também. As oficinas ajudaram muito na minha recuperação. Me ajudou a enxergar e criar algumas possibilidades.

AH: Então não basta só oportunidade?

AM: Não basta, tem que querer também. Já vi gente assim: o cara estava de gerente **[do tráfico]**, era conhecido *‘pra caramba’*, aí passou um pessoal da igreja e o pastor falou com ele: *‘Meu filho, todo mundo na sua família está no caminho certo e você envolvido com isso? Teu pai e tua mãe são da igreja, sua família todinha, só você no caminho errado. Vem ‘pra’ igreja com a gente, não traz vergonha para sua família não’*. O cara parou, pensou e respondeu: *‘Minha vida é essa aqui mesmo!’* Mas foi só o pastor virar as costas e o cara largou tudo, mochila, colete. Eu tomei um susto! *‘Qual é maluco, vai pra onde?’* Ele respondeu: *‘Vou para igreja!’ ‘Ih, vai abandonar, vai peidar agora?’ ‘Avisa o patrão que eu saí!’* E até hoje ele *‘tá’* na igreja, tranqüilão. Então, o importante é fazer a pessoa enxergar que aquilo não é vida. Muitas pessoas estão ali porque são cegas delas mesmas, precisam de uma luz.

AH: Além dos cursos, o que você acha importante oferecer?

AM: Para os internos fazerem algum curso lá dentro tem que ser algo que agrade. Muitas vezes eles não descem para as aulas por causa do agente. Tem dia que os agentes não querem levar *‘os meninos’* para o curso porque eles fizeram alguma coisa que o agente não gostou, e aí o agente fala que o aluno está passando mal, ou que *‘tá’* com dor de cabeça, que não quer descer. Isso acontece muitas vezes. Então eu penso que não adianta nada você chegar lá, ter a oportunidade de fazer curso e os caras fazerem isso. Parece que



tem uma parede invisível que divide. Tem que tirar essa parede. Muitos agentes falam contigo na boa, tranquilo, mas tem uns que batem nos internos. Teve um dia que eles bateram num moleque lá. Aí *‘os moleques’* ficaram revoltados e combinaram de fazer uma rebelião para pegar os agentes... Só que eles não queriam fazer essa rebelião antes da aula de capoeira porque senão iam perder a aula...

AH: Como é hoje a relação entre interno e agente?

AM: Eu lembro uma vez quando era pequeno, meu primo passou pelo Padre Severino [atual Centro de Socioeducação Dom Bosco, unidade de internação provisória] e chegou em casa todo roxo de tanto apanhar. Isso deveria mudar. Quando eu entrei, não tinha curso nenhum. O ESE em Bangu, era osso duro. [ESE é o Educandário Santo Expedito, unidade de internação destinada a adolescentes em conflito com a lei de 16 anos até 21 anos oriundos da capital do Estado do Rio de Janeiro]. O curso que tinha lá era a escola, e só depois veio a capoeira com o Mestre Berg. E quem é que quer dar aula dentro de cadeia? O Mestre dava, e ainda ficava com a gente no banho de sol. Os caras trancavam o cadeado, o Mestre ficava junto com os caras. Isso em 2007 [projeto Pan Social]. Na época era superlotação. Num lugar onde cabiam 30 pessoas, os caras colocavam 50, 60, era muito cheio. *‘O pau comia’...*

AH: Atualmente, em quais lugares você dá aula?

AM: Dou aula aqui na Maré e no DEGASE. As aulas na Maré acontecem na sede da Ação Comunitária do Brasil [Vila do João], segunda, quinta e sextas-feiras à tarde. Dou aula também no Padre Severino [atual Dom Bosco], na Escola João Luiz Alves [EJLA], no CAI Baixada e no ESE [Educandário Santo Expedito], em Bangu.

AH: Você falou que no começo não podia dar aula sozinho. Você sente que ainda sofre algum preconceito?

AM: Preconceito sempre tem. No tráfico mesmo. Tem dia que subo o morro para ver minha avó e o pessoal fala: *‘Volta, mané!’* E eu sempre respondo que *‘não quero mais saber disso’*. Aí eles provocam: *‘Teu bagulho agora é pular que nem macaco, né?! Não adianta, tu vai voltar, vai ficar de gerente do morro de novo’*. Às vezes,



quando volto sem dinheiro para casa, bate um negócio de querer fazer alguma coisa, mas eu me seguro, penso melhor e, graças a Deus, depois que saí de lá não cometi nenhum ato infracional. Não quero fazer. Tenho orgulho do que estou fazendo agora.

AH: Como você se vê daqui uns 20 anos? Vai continuar trabalhando como professor de capoeira?

AM: Daqui a 20 anos eu serei contramestre de capoeira. Também quero retomar a minha academia. As aulas eram gratuitas. Ainda são. Hoje eu tenho sete alunos, mas o espaço não é adequado. Mas está bom assim. O importante é disseminar e divulgar a cultura, a capoeira, como instrumento de educação e transformação. Fico feliz por fazer parte disso.



me conta a sua HISTÓRIA, entrevista com
evelyn picanço [educanda da oficina de fotografia, do projeto Pan Social e atual monitora da oficina de marcenaria. Responsável por algumas fotografias deste livro]

Ampliando Horizontes: Muitos estão no DEGASE por causa de envolvimento com o tráfico. A maioria. Em sua opinião, o que leva o jovem para o tráfico?

Evelyn Picanço: É muito difícil ter um curso gratuito na favela como de marcenaria, de serigrafia e os demais cursos que temos no DEGASE. Então, o que os jovens tem como opção? O tráfico. É mais fácil. *‘Ah, eu não tenho dinheiro, meu filho está precisando de uma fraude, meu irmão está doente, minha mãe está com problema de pressão e não tem dinheiro para comprar o remédio, a comida está faltando’...* Então, o que ele vai fazer? Ele vai para a boca de fumo, vai assaltar o cara que está com dinheiro, que está ali com um iphone. Ele *‘tá’* passando fome, vê o cara passando com um tênis de marca, vai logo partir pro crime. Acho que o Estado deveria dar mais condições, oferecer mais cursos gratuitos para os jovens que estão na rua, que moram nas favelas, nas periferias. Tá certo que algumas vezes, alguns jovens gostam mesmo, roubam por hobby, e falam sem vergonha nenhuma: *‘eu gosto, essa é minha profissão’*. Eu já vi isso acontecer, já ouvi muito garoto falando várias besteiras... Tento conversar, chego na maior mansidão do mundo falo que *‘não é assim, a vida não é essa, isso não vale a pena’*. Aí eu conto a minha história para ele, e com o tempo eles vão mudando de opinião. Têm uns que continuam naquela, *‘que nada, a minha vida é essa mesmo, essa é a minha profissão, eu gosto do que faço’*. Com esses aí eu não posso fazer nada, porque foi uma escolha dele, ele não está aberto para me ouvir.

AH: O que faz alguns adolescentes mudarem e outros não? Hoje, trabalhando como monitora você compreende essa dinâmica?

EP: Eu consigo ver isso sim. O que faz eles mudarem é, primeiramente, o apoio da família. É muito bom você fazer uma peça [aqui ela faz referência ao seu trabalho na marcenaria] e receber um elogio. É muito bom



você estar fazendo as coisas e ser reconhecido pelo que está fazendo. Quando você e não tem ninguém vendo, nossa, é muito ruim. Falta de atenção, de carinho, falta dos pais mesmo. Mas também tem aquela coisa de querer ou não querer. Tem uns que querem mudar, outros não. Quando eu quis mudar, eu tive o apoio da minha família. Quando eu percebi que aquela vida que eu levava não era favorável a mim, que dessa maneira eu chegaria muito longe, até porque eu perdi muitas coisas fazendo isso.

AH: O que você perdeu?

EP: Ah!, se eu tivesse escolhido o caminho certo, hoje eu já estaria formada, trabalhando na minha profissão. Eu entrei no DEGASE em 2008. Tinha 17 anos. Morava com o pai da minha filha e fazia as paradas erradas, estava com uma pessoa errada também. Apaixonada, adolescente, normal, né? Me envolvi com ele e acabei sendo presa junto com ele, mas eu também era bem levada, andava por todos esses morros do Rio de Janeiro, mas sempre fui cismada com as pessoas e com as coisas.

AH: De lá pra cá, o que você acha que mudou?

EP: Ah!, desde quando eu entrei, muitas coisas mudaram. O Santos Dumont [atual PACGC] foi o local onde eu passei um mês e 16 dias. Antigamente aquilo era um verdadeiro lixão, as paredes todas sujas com marcas, alojamento, unidade, direção, tudo muito ruim. Quando eu entrei, eu só enxergava o crime, só enxergava as facções, quem era e quem não era então dali... Aí eu consegui *habeas corpus*, fiquei um tempo fora, depois eu voltei porque o promotor recorreu e fui 'pro' CRIAAD [unidade de semiliberdade], lá em Ricardo de Albuquerque. Chegando lá fiquei sabendo do curso de fotografia, mas a gente não tinha esse curso. O CRIAAD é uma unidade semiaberta, um monte de mulher junta acaba dando muita confusão. Achamos importante ter oficinas lá também...

AH: E como você fez a oficina de fotografia?

EP: Então, a gente deu a ideia de levarem os cursos pra lá também. 'Por que vocês não trazem os cursos para cá?' Aí pedimos o curso



de fotografia, pra gente poder ver a nossa imagem. A gente não aguentava mais ficar de cabelo para o alto sem ver nada, porque dentro do DEGASE não pode ter espelho pra evitar confusão... Conseguimos trazer o curso e para *'pra'* mim foi uma maravilha. Foi aí que eu comecei a interagir com o pessoal da alta sociedade. Comecei a conhecer a fotografia, aprendi sobre a história da fotografia, comecei ter outro olhar diante das pessoas e diante do todo que me cercava. Quem era o DEGASE, quem era eu e quem eram aquelas meninas que estavam me cercando, o que elas faziam? Comecei a comparar essas coisas e percebi que vivendo como elas eu não ia ganhar nada em troca. Comecei a interagir mais com as pessoas, com os agentes, com os diretores. Queria conversar, saber como era o DEGASE. Foi aí que eu comecei a mudar.

AH: A vontade de mudar nasceu então com o curso de fotografia?

EP: Foi no curso de fotografia. Eu fui destacada como uma das melhores alunas, até ganhei uma máquina fotográfica. Mas não estou trabalhando muito porque falta equipamento. Não adianta um fotógrafo ter câmera e não ter computador, é um material incompleto. Aí eu fico quietinha na minha. Saí do CRIAM [atual CRIAAD, **Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente, unidade de semiliberdade**], cumpri toda a medida, depois eu fiz outro curso de fotografia no Observatório de Favelas durante nove meses, um curso super show. Depois do curso, eu voltei para o CRIAAD, mas aí dando aula de fotografia, como monitora. Isso para mim foi tudo, porque enquanto eu *'tava'* na unidade, muitos dos agentes olhavam para os jovens com um olhar como se ele fosse aquilo ali e acabou. Temos que dar sim uma chance para o outro mesmo que a gente pense que não vai dar certo. Todo mundo merece uma chance, todo mundo erra e peca. Mas muitos olhares eram de crítica, do tipo, *'você é incompetente'*, *'você não vai para frente'*... Com muitos, infelizmente, a gente sabe que vai acontecer isso por causa da atitude deles, mas com outros não. Eu acredito que é possível mudar. De mil, se mudar um já é uma vitória. Depois da oficina de fotografia, meu olhar mudou diante de tudo isso. Comecei a enxergar os meus erros e não queria mais repetir as atitudes, as palavras, até o meu jeito de falar, eu mudei.



AH: E como você se tornou monitora na oficina de marcenaria? A fotografia foi o primeiro despertar para a arte, para transformar? A marcenaria foi outra descoberta?

EP: A fotografia foi o que me ajudou a dar o primeiro passo. Até hoje tenho um olhar diferente. Observamos todos os detalhes, principalmente onde tem luz, porque onde tem luz eu sempre enxergo uma fotografia. Olho todos os detalhes. Às vezes meus amigos falam assim: *‘Nossa, Evelyn, você está olhando para o nada. O que houve?’* [risos] Mas é que eu fico olhando para todos os lados e buscando imagens, buscando luz. Já virou vício, por mais que eu não queira. A marcenaria eu descobri quando *‘tava’* em casa, desempregada. O projeto de fotografia já tinha acabado. Fiquei em casa dois anos sem trabalhar, só fazendo bico. Enfrentei uma vida muito difícil, passei uma fase bem complicada. Fazia de tudo, por causa da minha filha. Faxina, pizzaria, atendente, tudo o que podia fazer honestamente, eu fazia para arrumar um dinheiro para sustentar minha filha. Minha filha morava com minha irmã, era bem difícil. Para ganhar R\$ 20,00 eu trabalhava até a exaustão. Mas fazer o quê, né? Eu precisava para dar o sustento para minha filha, porque eu não tenho ajuda de ninguém. Aí postei lá no facebook *‘Estou desempregada, quero arrumar um trabalho’*. O Caon [atua hoje TV Novo DEGASE] viu a minha mensagem e falou: *‘Evelyn, vem para cá que vou arrumar uma entrevista no Jornal O Dia’*. Veio um repórter e me entrevistou e saiu uma matéria minha no jornal. Nem sei quando saiu. Só vi a matéria na internet. Têm várias matérias. Daí eu comecei a trabalhar com o Eduardo [educador responsável pela oficina de marcenaria] e a Ação Comunitária me recontratou, mais uma vez. Agora, estou como monitora de marcenaria, já que eu dou para a coisa. E está sendo uma ótima experiência. Sabe quando você sente que parece que é uma missão que você tem? Deus me chama sempre para cá, não consigo me desgarrar daqui, do DEGASE. Eu faço isso porque gosto. Eu falo mesmo, para todo mundo: *‘Não sei fazer outra coisa a não ser trabalhar com esses meninos, porque pode ser qualquer profissão que eu tenha aqui dentro, mas eu quero estar aqui, gosto de estar aqui me estressando com eles’*. [risos] *‘Para com isso, menino, isso é errado. Isso não é certo’*, *‘Oh, não vem me juntar lá fora não!’* Eu falo assim mesmo, na linguagem deles, mas sempre passando uma informação para um mundo melhor.



AH: Alguém já tinha olhado para você, acreditado em você? Como é essa coisa de você ter tido essa oportunidade?

EP: Olha, é uma tremenda responsabilidade. Mas é uma reponsabilidade que eu não tiro de mim. Não só por estar ensinando essa técnica [marcenaria] *'pros'* meninos, mas a responsabilidade de estar ali com eles todo o tempo, de estar junto, chegar junto. A marcenaria para mim foi uma das minhas melhores profissões. Primeiro a fotografia, mas depois a marcenaria, por causa desse vínculo com esses meninos. Trabalhar como educadora nesta oficina *'trouxe eles'* para mais perto de mim...

AH: Além da reponsabilidade, como você recebeu o convite par trabalhar no Projeto Ampliando Horizontes?

EP: Fiquei muito feliz, muito satisfeita. Primeiro pelo fato de estar desempregada, né? Eu *'tava'* precisando muito de um trabalho para poder sair da casa da minha irmã e alugar uma casa própria para mim. Em segundo lugar, pelo simples fato de estar trabalhando. Terceiro: voltar a trabalhar no local onde eu mudei minha vida. E eu também quero mostrar para esses jovens que é possível que isso aconteça. Não *'tem só eu'*, têm outras pessoas nas mesmas condições que também saíram do sistema depois de mim e eu servi de espelho para elas. Hoje têm meninas que falam: *'Caraca, Evelyn, me espelhei muito em você!'* Isso para mim é gratificante porque uma simples decisão minha fez com que várias outras pessoas também mudassem de vida. E eu escuto por aí coisas do tipo: *'Hoje sou uma pessoa muito melhor, Evelyn'*. Tem uma menina da TV Novo DEGASE que me ouve o tempo todo. Às vezes, eu não sei falar muito bem, mas dependendo do que a pessoa vem me perguntar, sai uma palavra do fundo do coração... Nem sei como foi que eu falei aquilo, de repente sai. Aí a pessoa vai e pega aquela palavra e segue adiante. Fico muito feliz com isso.

AH: Você fala muito bem, Evelyn. Portanto, vamos falar mais. Me conta um pouco da transformação aqui dentro do DEGASE. O que é esse Novo DEGASE?

EP: Conheço o DEGASE há 5 anos e posso afirmar que hoje está muito melhor do que quando eu entrei. Antes era um lixo isso aqui.



Era muito feio, parecia que não tinha dono, terrenos abandonados com um monte de desabrigados num canto. Hoje está muito melhor, mas acho que ainda pode melhorar. Principalmente a visão dos funcionários de como tratar os adolescentes. Não só os funcionários, mas também os adolescentes porque às vezes eles abusam. Então eu acho que tem que melhorar a relação entre os funcionários e os internos. Se 'tá' havendo muitas brigas nas unidades é por conta disso. Os adolescentes ficam nervosos por coisas que acontecem aqui dentro. Eles já estão ali sem visita, sem pai nem mãe, cheios de problemas na cabeça, então qualquer problema com um funcionário é motivo para fazer rebelião. Uma discussão acaba virando uma guerra. E se houvesse um pouco mais de diálogo entre eles?! Mesmo assim, do meu ponto de vista, acho que o DEGASE melhorou muito. Espero que continue assim... Bastante educação, que a educação e disciplina mudam vidas.

AH: Nesse tempo em que você passou dificuldades, que não conseguia trabalho depois que saiu do DEGASE, que 'tava' sem dinheiro, em algum momento você pensou em voltar?

EP: Nunca pensei em voltar porque o meu tesouro maior, minha filha, depende muito de mim. Nunca mais, nem por uma necessidade, prefiro bater lá na gerência geral e pedir ao Major: '*Estou precisando de ajuda*'. Não tenho vergonha de pedir. Eu nunca tive essa visão. Eu '*vim*' de uma família muito humilde, então família humilde você sabe, '*é*' dificuldade para tudo. Morei numa casa muito pequena, minha mãe criou quatro filhos. Quatro mulheres sozinhas, '*teve*' aquele esforço... Você não ter pai, não ter ninguém para ajudar, então a vida foi bem difícil desde a infância. Tive que parar de estudar para tomar conta de sobrinhos que hoje, infelizmente, também estão dando trabalho. Converso com eles, falo da minha experiência, porque quero que eles agarrem essa oportunidade, quero fazer '*eles verem*' que a vida não é essa. É muito mais fácil você lutar por uma vida honesta do que por uma vida desonesta. A vida desonesta é fácil no início, mas no meio, no final, é difícil para caramba. Você encontra muitos obstáculos. E a vida honesta pode parecer difícil no começo, mas depois fica suave. Parece que no início tudo dá errado só para você parar, desistir...



AH: Quando você começou a trabalhar como educadora, monitora na oficina de marcenaria, você sentiu algum preconceito por parte dos alunos por ser egressa do sistema?

EP: Teve vários internos que saíram do sistema, trabalharam, ganharam dinheiro honestamente, mas não deram certo e voltaram de novo para o lado do crime. Isso fez com que eles pensassem que, *‘a Evelyn vai ser mais um deles’*... O preconceito foi grande, falei muitas coisas que as pessoas não queriam ouvir e também ouvi muita coisa que não queria ouvir, mas apesar de tudo hoje estou aqui. Inclusive hoje mesmo encontrei com uma pessoa que quando estava internada no Santos Dumont, eu pedi uma coisa *‘pra’* ela e ela falou que não ia dar, me tratou como um lixo. Só te faço uma pergunta: ‘o que faz pensar você que um dia eu não posso estar no seu lugar ou até em uma posição mais alta? Eu falei isso *‘pra’* ela naquele dia, só isso, e nunca mais nos vimos.... Isso foi em 2008, faz cinco anos. Hoje encontrei ela aqui por acaso. A pessoa que estava ao lado dela falou: *‘Oi Evelyn, tudo bem? Como você está bonita!’* E eu respondi: *‘Estou bem, graças a Deus, trabalhando muito’*. Aí veio ela: *‘Oi, Evelyn, nem lembra de mim, né?’* E eu respondi: *‘Claro que lembro, eu nunca vou me esquecer de você!’* Ela engraçado porque ela não se esqueceu de mim e nem eu me esqueci dela. Mas eu sei que muitos aqui ainda pensam que eu posso desistir, muitos pensam que o meu trabalho é brincadeira. Meu trabalho não é brincadeira, é sério.

AH: O que você escuta pelos corredores do DEGASE? O que os seus alunos falam sobre as oficinas?

EP: As oficinas são uma grande mudança na rotina dos meninos. Estar num cubículo fechado, lotado, com um monte de menino, é horrível. Eles se sentem satisfeitos de virem, gostam, mas nos primeiros dias eles são super resistentes. Aí, no terceiro e no quarto encontro eles vão baixando a guarda. Acho que o projeto não pode acabar. Eles têm que continuar resgatando vidas, cultivando os sonhos das pessoas, ajudando-os a sonhar e até a criar os sonhos delas e ajudar a colocar esses sonhos em prática. Muitos dos internos têm algum sonho, mas não têm oportunidade. E quando a gente sonha e não tem oportunidade, o sonho fica tão longe que a desiste... E aí a gente vai para o lado mais fácil. Acaba se prejudicando porque foi pelo



caminho mais fácil e o mais fácil nem sempre o melhor. O mais difícil é sempre o melhor porque você vai aprender com o não, e é o não que ensina. O sim é muito fácil, já ganhei. Agora o não você tem que conquistar. E aí você dá mais valor.

AH: Dentro do DEGASE você chegou a conviver com alguma menina que tenha vindo de uma classe social alta?

EP: Sim. Ela hoje tem três filhas, também estava presa comigo. Ela é toda tatuada... E aí fica de um lado a favela e do outro a Zona Sul. Então era uma guerra dentro daquele local porque a *'patricinha'* que era cheia de costume ficava de graça: *'Isso aqui é só meu'*. Quando a pessoa é favelada, humilde, sabe da dificuldade de se conseguir cada coisa, então ela divide. Agora, patricinha não, está acostumada a *'tudo é meu, tudo é meu'*. Ela era muito egoísta, mas então esse egoísmo foi quebrado ali, porque a pessoa não pode ser egoísta nesse meio, não pode porque senão entra na porrada mesmo. As meninas eram muito malvadas. A reação dela mudou completamente. Não sei como está hoje. Ela fez o curso de fotografia comigo dentro da unidade, eu acho que ela buscou o melhor. Às vezes a gente se fala pelo facebook. Ela até me falou que estava com um neném, mas não sei como está a vida pessoal. Sei que está casada, parece que *'tá'* bem. Ao menos não está no tráfico, menos mal. É isso...



me conta a sua HISTÓRIA, entrevista com *maria michele* [egressa e técnica da TV Novo DEGASE]

Maria Michele: Me chamo Maria Michele Felix de Souza, tenho 21 anos. Conheci os cursos quando estava no período de internação no Santos Dumont [atual Centro de Educação Dom Bosco], e o senhor Alcheimar [coordenador da unidade de internação feminina] explicou que toda adolescente que está em medida de internação tem direito a fazer cursos dentro e fora da unidade. Como ainda não tinha a confiança deles para fazer o curso fora da unidade, fiz todos os cursos possíveis aqui dentro mesmo para poder ficar longe das grades, me qualificar e experimentar um mundo diferente. Neles eu conheci professores maravilhosos da **Ação Comunitária** como o Adriano, da serigrafia; a Josi, de bordado, fotografia, que me deram novas oportunidades.

Ampliando Horizontes: Conta um pouquinho como foram os primeiros cursos...

MM: Acho que o primeiro curso foi o de bordado. Teve até um desfile de moda, no Fashion Rio, imagina? E que foi muito bacana. Acho que foi a primeira vez que participei de um evento desse porte. 'Me abriu' os olhos para novas possibilidades. Me ajudou a tirar um pouco essa timidez que eu tinha de falar e de andar perto das outras pessoas. Cada adolescente passando na passarela foi um foco para mim, e sentir isso foi bem diferente. Eu já gostava de artesanato antes mesmo de entrar no sistema, mas depois de entrar, eu consegui trabalhar mais essa parte artística e fui gostando cada vez mais...

AH: Como foi lá no **Fashion Rio**? O que você fez lá?

MM: Foi muito bacana. Vi os meus desenhos estampados em outras camisas e todo mundo estava adorando. Achei o máximo, né? Eu fiz vários desenhos, pinte. Foi espetacular. Me senti bem demais. Nem sei explicar.



AH: Você consegue identificar quando foi que você começou a mudar a trajetória da sua vida? Como foi?

MM: Eu já fazia artesanato e já vendia algumas coisas que eu fazia no trabalho. Aí quando eu entrei no bordado, eu pensei: *‘Agora posso aumentar minha produtividade’*. Depois fui fazer fotografia, e quando vi estava trabalhando na TV DEGASE... Acho que posso usar isso na parte profissional, um dia posso virar repórter, fotógrafa, posso ensinar as pessoas em minha volta para que elas possam se profissionalizar também. Não num curso técnico como eu fiz. Não é bem técnico, mas eu fiz um curso, e a partir do meu aprendizado, eu posso levar esse aprendizado para outras pessoas também, mostrar que existe um outro caminho, uma outra forma de vida.

AH: Fala um pouco sobre a Michele antes e depois dos cursos...

MM: Antes eu tinha uma mente muito fechada, tudo tinha que ser muito certinho. Mas depois que a gente faz vários cursos e conhece várias pessoas diferentes, de culturas diferentes, você expande sua visão, seu modo de ver a sociedade e também o mundo em que você vive. Hoje eu posso dizer que os cursos fortaleceram o meu caráter e mudaram a minha forma de ver o mundo.

AH: E o que você acha que foi fundamental para essa mudança?

MM: Foi fundamental o contato com os professores porque eu não tinha muita visita de família, só tinha minha mãe e ela vinha uma vez na vida e outra na morte. Meus professores eram, tecnicamente, a minha família. O professor Adriano [oficina de serigrafia e batik tie-dye] dava conselhos, era como *‘se fosse um pai’*. A Josi [quem?] era como se fosse uma mãe, falava que eu ia fazer diferente, que eu era uma menina de ouro. Falava assim, ó: *‘Quero ver você lá fora trabalhando, estudando e transformando o mundo em sua volta’*. Isso foi fundamental, me ajudou muito, me deu uma força que não tinha antes. É fundamental estar perto desse tipo de pessoa. Por causa das oficinas eu conheci pessoas mais humanas, que não veem o adolescente como um simples marginal, sendo julgado o tempo todo pela sociedade. Conheci pessoas que acreditaram e acreditam

que a gente pode mudar, que ajuda exatamente a construir um novo caráter, uma nova forma de vida. Sou grata a todas elas.

AH: O que você está planejando para o seu futuro?

MM: Eu pretendo terminar os estudos. Faltam 34 provas para eu terminar o supletivo. Ano que vem, farei prova para Jornalismo, quero continuar fazendo comunicação. As pessoas falam que eu mando bem, então, vou continuar né? Com relação à fotografia, pretendo fotografar eventos. Trabalharemos como uma microempresa, com filmagem, edição de vídeo e fotografia para casamentos, festas, eventos em geral. Foram coisas que eu aprendi aqui e sei fazer bem.

AH: Como era o dia a dia quando você estava aqui cumprindo medida?

MM: Antes de eu começar a fazer os cursos as meninas sempre falavam: *‘Poxa, Michele, você tem que fazer o curso de bordado porque a professora é muito maneira. Tem que fazer o curso de estampa, porque o professor é muito legal, o curso é muito interessante, depois você vai conseguir fazer alguma coisa lá fora, se você não conseguir um emprego direitinho, pode vender os produtos’*. As meninas mandaram super bem, me deram a maior força, e hoje eu posso dizer que a Paloma está bem com a filhinha dela por causa do curso de bordado. Além disso, foi ela mesma quem fez todo o enxoval do bebê dela.

AH: Você conseguiu multiplicar o que você aprendeu aqui dentro para outras pessoas?

MM: Eu posso dizer que ajudei bastante gente depois que eu saí do DEGASE. Procurei ajudar todas as pessoas em minha volta. Minha mãe ganhava R\$ 100,00 por mês e eu comecei a ensinar algumas coisas de artesanato *‘pra’* ela. Aí ela começou a vender esses produtos e aumentou a renda dela. Fiz isso com algumas colegas também. Acho que isso motiva a pessoa a pegar seu conhecimento e distribuir entre os seus a sua volta. Acho que a sociedade pode melhorar muito mais com ações assim de solidariedade. Mas é preciso primeiro ter a oportunidade de aprender.

AH: Alguma coisa que eu não tenha perguntado e você queira falar?

MM: Eu estou tentando montar um projeto *'de República'*. Quando eu saí do sistema, por mais conhecimento que eu tivesse, não tinha uma base suficiente, então tive que recomeçar. Além disso, eu não podia voltar para minha família para não cometer o mesmo erro. Quando você muda de local com o conhecimento que você tem, você muda tudo a sua volta. Eu vou montar um projeto de República para tirar as meninas que estão saindo, já se profissionalizaram, para que elas possam trabalhar e seguir suas vidas. Tem que ter mais pessoas engajadas no sentido de ajudar os meninos, ver que eles são pessoas diferentes, são crianças que estão precisando aprender, precisam de oportunidade e quando você dá, consegue ver as mudanças.

Depois que eu saí do DEGASE, acabei indo para casa de um amigo e era complicado, porque ele era mais velho, casado, tem filhos, e o preconceito por ter passado pelo sistema é muito grande por mais que esse meu amigo não tivesse, a família dele toda tinha. *'Poxa, vai trazer uma marginal aqui para casa, vai roubar tudo, vai fazer alguma coisa'*... O medo era muito grande e para mim era mais difícil, porque imagina, eu tinha acabado de sair, precisava de ajuda, de apoio e a pessoa estava sendo preconceituosa comigo, uma pessoa que nem me conhecia direito. Aí eu pensava: *'tenho que sair daqui e me fortalecer'*. Não podia voltar para a casa da minha mãe porque ela tem problema psicológico. Não podia voltar para a comunidade onde morava, porque a influência dos amigos prejudica muito o adolescente nessa etapa, fica mais difícil reconstruir sua vida com isso. Então, com mais uma amiga e um amigo, alugamos uma casa por R\$ 400,00. Eu era monitora e ele também, era pouquinho dinheiro, mas a gente conseguiu dividir tudo certinho e pagar. Cada um tinha seu espaço, a gente tinha geladeira, tudo de segunda mão, né? Mas foi assim que conseguimos recomeçar.

AH: Ele era monitor? Vocês dois fizeram o mesmo curso? Onde foi esse curso, aqui?

MM: A gente fez o curso de TV e conseguimos a vaga de monitoria. A menina não estava trabalhando, mas ajudamos ela a conseguir um emprego para ela poder morar com a gente e dividir as contas.

AH: Ela também é egressa?

MM: Ela cumpriu medida junto comigo. A gente ficou super amigas e resolvemos morar todos juntos. Tinha até mais gente para morar, só que a casa era pequena, não dava para todo mundo. Isso foi em 2011 para 2012. Eu já tinha feito o curso na TV Degase, desde 2010. Por ter me destacado dos demais, consegui a vaga. O rapaz também. Eu acho muito importante quando um adolescente sai do sistema e tem o apoio de alguém, não só da família, mas de um órgão, alguém que consiga ver que aquele garoto(a) tem capacidade e o profissionalize. Tendo um curso profissionalizante, o jovem tem uma oportunidade de emprego, aí quando ele sai, pode ter certeza que ele vai mudar. Mas se ele sai e não tem emprego, a família está com fome, certamente ele vai voltar *‘pro’* crime, vai voltar para o sistema, ou pior, para o sistema prisional. Isso é muito triste e posso afirmar que não é o desejo da maioria.

AH: Conta um pouquinho mais desse seu projeto, do que consiste exatamente? Tem alguma parceria? Quais são as pessoas envolvidas, como é que ele nasceu? O que você quer dizer com *‘projeto de República’*?

MM: Este projeto ainda está apenas no plano das ideias. Eu preciso sentar para escrever e depois buscar apoio do governo ou de alguém que possa ajudar a concretizar isso. É um espaço físico que tenha cozinha, vários quartos, banheiro comunitário, para quando a pessoa sair do sistema ter um lugar para morar e que esse lugar não seja na comunidade onde ela cometeu o erro. Quando ele entrar lá tem que estar empregado e estudando, essa é a regra, senão a pessoa não muda. Além dessa regra, vai ter também as regras de convivência: limpar o espaço, lavar louca, etc. Vai ter que ter disciplina e colaboração, como há em uma família, *‘vai ter’* direitos e deveres como deveria ter em toda sociedade. É isso aí.



me conta a sua HISTÓRIA, entrevista **com GEORGE FOX** [coordenador do CEGEL, Centro de Cultura, Esporte e Lazer]

George Fox: Tenho 45 anos, sou formado em administração, pós-graduado em Gestão de Pessoas e entrei no DEGASE em 1998, trabalhando como Agente socioeducativo. Minha primeira unidade foi o CRIAAD [*Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente, unidade de semiliberdade*], que na época chamava-se CRIAM e ficava lá em São Gonçalo. Ali trabalhei como Agente e depois de um determinado período fui convidado a assumir a coordenação de plantão dessa unidade. Não era uma unidade fácil porque o governo não entendia a socioeducação como uma política relevante, não tínhamos nenhuma política específica. Não era fácil nem trabalhar como Agente, na verdade não era fácil trabalhar no DEGASE naquela época... A gente tinha muitas dificuldades, isso era muito ruim.

Ampliando Horizontes: Quando é que as coisas começaram a mudar? E o que motivou a(s) mudança(s)?

GF: Acho que o momento de mudança se deu com o SINASE e aqui com a Dra. Adriana Ancelmo, esposa do governador. Ela fez uma visita ao DEGASE, não gostou do que viu e comprou a ideia de apoiar as ações de socioeducação e foi aí que começaram os investimentos. Na verdade, a primeira questão que se fazia necessária era um investimento financeiro, uma nova estrutura porque a que existia era toda defasada e não atendia a demanda. Tudo era muito antigo, arcaico, ultrapassado, não tinha uma valorização do espaço, das pessoas.

AH: Me conta sobre o projeto PAN Social da ONG Ação Comunitária...

GF: O PAN Social eu conheço através de ações no CRIAAD Ilha do Governador. Eu era diretor daquela unidade e a Ação Comunitária executava o PAN Social lá. Era um projeto na área esportiva e na questão da fotografia também. O projeto contribuiu muito porque você começa a ter uma intervenção de fora mais específica, um



olhar um pouco mais profissional para o trabalho, geração de renda, atividades culturais, esporte e lazer e isso começa a ajudar muito o nosso trabalho. Na verdade, foi um recomeço para nós. Eram ações que não conhecíamos e a Ação Comunitária foi a primeira instituição a contribuir com o DEGASE. Não tenho certeza, mas acho que foi a primeira instituição a fazer parte desse novo momento além da RioSolidário.

AH: Você falou que entrou para o DEGASE trabalhando como agente. Hoje, como coordenador, como você enxerga essas ações, essas oficinas do **Ampliando Horizontes**?

GF: Aqui no nosso centro, que é o CECAP [**Centro de capacitação Profissional**], nós temos um conjunto de oficinas para atender as unidades mais próximas, tanto as de internações como as unidades de semiliberdade, além de familiares e comunidade. A Ação Comunitária tem oficinas importantes que são acessadas pela família do adolescente. Parte de bordado, cabelo afro... É uma quantidade significativa de oficinas. Eu acho que a missão do **Ampliando Horizontes** é fazer com que os jovens que cumprem medida aqui, possam ser inseridos no mercado de forma competitiva. Além disso, tem que ser plenamente inseridos na sociedade, mas acho que a grande contribuição que todos os parceiros e a Ação Comunitária trazem é fazer com esses adolescentes sejam pessoas mais generosas, tenham alguma facilidade de interação, comunicação, saibam lidar com o outro. Acho que o que faz o sucesso da Ação Comunitária é que ela tem esses três eixos. Faz o trabalho da educação profissional, geração de renda e a questão da cidadania... Isso que é importante. Acho que nesses três eixos a Ação Comunitária contribuiu muito com a gente.

AH: Por isso que ela ficou no DEGASE? Esta é a *Razão porque fiquei*?

GF: Sem dúvida. Por isso que a gente sempre luta pela renovação desse projeto. Também é um parceiro muito próximo. A nossa comunicação é muito rápida, eles estão sempre presentes, interessados. Sabe se colocar e também sabem escutar e atuam em quase todas as unidades de internação do DEGASE.



AH: Fala um pouco sobre antes e depois da entrada desses projetos...

GF: Como gestor eu já peguei o CECAP num momento um pouco mais propício. Já tinha um investimento do Estado, a Ação Comunitária já se fazia presente, mas antes de ser gestor não tínhamos atuação de nenhuma outra instituição, as coisas eram bem mais difíceis, as atividades eram concebidas por pura e boa vontade do servidor e aí a gente tem um limite muito grande porque não tinha infraestrutura adequada. Aquilo que você dominava você podia contribuir, mas de uma forma muito limitada, não atingia o resultado esperado, era tudo baseado na boa vontade. Na verdade o DEGASE sempre foi um órgão muito político, os diretores, os cargos de gestão, os cargos 'chave' eram de políticos, os servidores não tinham acesso a esses cargos. Isso era muito ruim porque nem todos tinham o comprometimento e o preparo necessário e muitas vezes inviabilizava o trabalho e desmotivava... A partir da gestão do Eduardo Gameleiro a gente começa a vivenciar uma nova prática, uma valorização dos servidores que começam a ascender para cargos de gestão, de diretores de unidade, coordenação, diretor de divisão. Isso é muito bacana porque você começa a se comprometer e traz a sua experiência de vida de anos de trabalho dentro da instituição. Isso facilita e acho que foi uma grande e importante mudança. Contribuiu muito para o avanço do departamento e hoje acho que 90% dos cargos são ocupados por servidores do DEGASE. E depois da entrada desses projetos, eu percebo o quanto a relação com os adolescentes e entre eles também melhorou.

AH: Você já esteve dos dois lados. Foi Agente e agora é coordenador do CECAP. O que é que muda?

GF: Na verdade eu nem divido os dois lados porque mesmo trabalhando num cargo de gestão em nenhum momento você deixa de ter o olhar de Agente, então só acrescenta outros olhares. Então você acaba tendo uma visão mais ampliada, mais macro. A questão não é onde você está. Hoje eu sou gestor, mas eu continuo sendo Agente, porque eu carrego e sempre vou carregar a minha experiência de quando atuei como Agente. Essa é a grande vantagem de ser do departamento e poder galgar outras posições. Você já vivenciou determinadas questões, e quando você precisa tomar





alguma decisão, você consegue enxergar mais variáveis que estão relacionadas àquele problema, àquela tomada de decisão. Você conhece o trabalho do serviço social, do psicólogo, do pedagogo, do agente, do professor, então isso facilita no planejamento. Diferente de pessoas que não são do departamento, que não conhecem a nossa rotina, não conhecem as dificuldades, as possibilidades. Hoje o dimensionamento do problema muda porque, quando você está trabalhando diretamente com o adolescente, ninguém espera que você pense de uma forma mais macro. Mas quando você trabalha em alguma unidade como agente, técnico ou professor, você cuida dos problemas, mas apenas dentro do seu próprio espaço. Já quando você se torna gestor, você olha precisa olhar o todo. O cumprimento da nossa missão passa pelas unidades, então você tem um olhar mais integrado, muda o parâmetro nesse sentido. Quando você é agente, quando está trabalhando na ponta do problema, ele se resume nas questões locais do dia a dia, que não são poucas. Mas quando você assume um cargo de gestão, as questões se ampliam, você percebe que tem que buscar parceiros públicos, tem que se aproximar para ampliar as possibilidades e desenvolver um trabalho melhor, mais qualificado.

AH: Com relação às metodologias que são aplicadas nas oficinas da Ação Comunitária, o que você acha que ainda pode ser feito para melhorar? Qual é o grande desafio desse projeto?

GF: Hoje o desafio que se tem é que a gente tem que ficar muito atento ao movimento do mercado e ao perfil dos adolescentes. De repente determinada oficina não atende mais a uma demanda de mercado. Temos que ficar atentos, sempre atualizando nosso portfólio, adequando a novas possibilidades. Todos os parceiros que trabalham aqui, o AfroReggae, a Firjan, o RioSolidário, a Ação, eu entendo como colaboradores; não consigo entender como um parceiro de fora, é um parceiro de dentro. Por isso espero dele a entrega de um produto de qualidade. O que eu percebo hoje das instituições que trabalham aqui é que eles comprem essa ideia, se identificam, percebem que têm que contribuir para que o DEGASE cumpra sua missão tanto na questão de geração de renda, de trabalho, como na questão de cidadania e na formação integral do ser humano, no processo de ressocialização. Isso é positivo. É claro



que o DEGASE está em evolução, tem muito caminho a percorrer, mas sinceramente... De 1998 para 2013 percorreu muita estrada. A gente pode dizer que o DEGASE está se tornando uma referência nacional em medidas socioeducativas. O progresso é bem claro e é visível a olho nu, é reconhecido. E quando a gente fala que há um sucesso reconhecido, passa muito pelas instituições que trabalham aqui com a gente. Tudo tem sido uma conquista diária. Um processo que está em andamento. Ainda há muito por fazer.

AH: Ontem eu conversei com um egresso e me emocionei ao ouvir ele contar a história dele. Você conhece alguma história legal para contar?

GF: Eu tenho vinte anos de DEGASE, já ouvi muita história. Você percebe que o garoto teve uma trajetória e aquela oportunidade que você criou aqui foi capaz de escrever um novo rumo. Você consegue ressocializá-lo, mas eu também sei de histórias que não são tão motivadoras. Você percebe claramente que o garoto está com a cabeça já feita quando ele fala *'fiz mesmo e vou fazer de novo!'*. Aí você começa a se perguntar, *'qual seria a melhor medida socioeducativa para esse garoto?'* Como reverter suas atitudes, mudar seu comportamento? Qual pedagogia é a mais apropriada? Então eu penso que temos que ter uma medida diferenciada para adolescentes que demonstram que precisam de um atendimento especial... Não acho justo que todos estejam no mesmo lugar. Eu sei que se eu trabalhar *'este aqui'* ele vai mudar de vida, mas sei que *'esse outro'*, pelo número de reincidências, pelos delitos cometidos, *'esse'* vai precisar de uma intervenção diferenciada. O problema é que, como hoje todos estão no mesmo espaço, eu não sei se a gente consegue fazer essa distinção de maneira eficiente. Acho que deveriam ter medidas diferenciadas e não se trata de ser mais ou menos punitiva. Tem haver com a sua qualidade diferenciada e singular, uma ação educativa feita única e exclusivamente para este jovem em particular. A gente tem que ter uma atenção especial na área psicológica, por exemplo. O problema é que eu não posso tratar todos os internos da mesma maneira, mas no final das contas é isso que acaba acontecendo. Temos que trabalhar para mudar esta situação... Esse é outro grande desafio.



AH: Eu percebo uma tentativa por parte de vocês de melhorar o tratamento psicopedagógico. Como é feito esse trabalho entre o DEGASE e as oficinas?

GF: A gente está desenvolvendo agora o PIA, Plano Individual de Atendimento, que valoriza muito o ser humano como um ser único, não tem outra cópia igual. Cada profissional, atendendo cada adolescente na sua especificidade. Neste plano, a gente não faz a escolha pelo adolescente, é ele quem faz a escolha individualmente com relação àquilo que acha que é melhor para ele. Que medida cabe em determinadas situações? Todo mundo tem direito ao mesmo tratamento, mas eu acho que uma unidade com uma medida diferenciada talvez fosse mais interessante para cuidar dos casos mais complexos.

AH: O que significa 'Novo DEGASE'?

GF: Esse 'Novo DEGASE' significa mudanças, a gente não pode deixar isso de lado. A estrutura é primordial. Não dá para você conceber um trabalho e não ter novas unidades, com novos formatos, valorizando a pessoa, o servidor, os adolescentes, o trabalho em equipe, o coletivo. Quando a gente fala em Novo DEGASE também tem que pensar em novas estruturas. As novas unidades têm novas estruturas. Novos processos de trabalho também compõem novas estruturas. Só que a gente não pode achar que a estrutura física não contribui porque ela contribui, ela é primordial para o sucesso da missão institucional. Quando você percebe, por exemplo, que tem que garantir um alojamento confortável, você está contribuindo com a socioeducação. Esta é a mensagem que o departamento procura passar tanto para os servidores quanto para os adolescentes que cumprem medida aqui. Quando ele chega numa unidade limpa, bem estruturada, pintura nova na parede, um espaço que oferece todos os equipamentos necessários, subjetivamente você está falando para ele: *'Eu vou te tratar dessa forma, com esse cuidado, esse carinho'*. O Novo DEGASE também é uma nova escola de gestão, são novas criações da coordenadoria de Recursos Humanos numa visão de valorização da pessoa humana, dos servidores e dos internos. Estamos apostando na mudança ainda que saibamos que ela não acontece do dia para a noite. É um desafio permanente.



O ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente] e o SINASE [Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo] contribuem no momento em que eles dão as orientações básicas necessárias. É o SINASE quem determina como deve ser uma unidade de medidas socioeducativas. Há uma relação muito clara e saudável entre o Novo DEGASE, o ECA e o SINASE.

AH: No 'Novo DEGASE' os agentes são capacitados de que forma?

GF: Lembra que no início eu falei que eu era do concurso de 1998? Naquela época o DEGASE era um órgão totalmente politizado, não havia um trabalho contundente de reinserção do adolescente, não havia investimento. Então você acaba criando uma cultura de trabalho com recursos escassos e quando você propõe uma nova forma, um novo conceito de socioeducação, é claro que vai precisar fazer os ajustes, seja na infraestrutura física ou melhorar a qualificação de pessoal. Mas essa capacitação profissional não é um processo que se dá de uma hora para outra, como eu já pontuei. É um trabalho de longo prazo, de conscientização da importância de se fazer um novo concurso público, por exemplo. Isso é muito bacana porque você oxigena o departamento com novas ideias, com pessoas mais jovens, com pessoas que chegam sem uma cultura estabelecida, não estão cheias de vícios.

AH: Do ato infracional até o cumprimento da medida por onde o adolescente passa?

GF: Quando ele comete o ato infracional é atendido pela Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente [DPCA] e de lá é encaminhado ao CENSE-GCA [Centro de Socioeducação Professor Gelson de Carvalho Amaral] que é a nossa porta de entrada. Ali ele recebe o primeiro acolhimento dentro do complexo socioeducativo da Ilha do Governador. No CENSE você chama os responsáveis, faz o primeiro encaminhamento para o Ministério Público, e a partir desse momento o adolescente vai para a internação provisória no Dom Bosco [Centro de Socioeducação Dom Bosco, antigo Padre Severino] onde ele fica aguardando a decisão da medida judicial que deverá cumprir. Até esse momento ele está sendo ouvido, o





poder judiciário está atuando e a partir da medida adotada, ele é encaminhado para a unidade específica.

AH: Como são essas instalações físicas enquanto ele fica aguardando a tomada de decisão?

GF: Essas duas unidades, tanto o CENSE-GCA que é a primeira porta de entrada como o CENSE-Dom Bosco, são unidades novas. É lá que você diz para o adolescente e para a família o que se espera dele. Então, nesse departamento o garoto faz o seu primeiro contato com o sistema. O CENSE-GCA foi a primeira unidade inaugurada no Novo DEGASE. É uma unidade que tem um trabalho diferenciado.

AH: O adolescente vem pra cá antes ou depois da decisão do juiz?

GF: Ele entra antes e fica no Dom Bosco que é uma unidade de internação provisória. Ele fica ali aguardando a medida judicial e pode até ser que dali ele volte *'pra'* casa. Só depois que o juiz decreta a medida, é que o adolescente é encaminhado para outra unidade. Aí ele pode ir para uma unidade de internação, de semiliberdade ou de liberdade assistida. E é o próprio Centro de Socioeducação Dom Bosco quem faz esse tipo de encaminhamento.

AH: E qual é o caminho entre o cumprimento da medida e a liberdade?

GF: Não existe um caminho obrigatório. Isso vai depender do relatório técnico do DEGASE e também da decisão do juiz. Ele pode ser encaminhado para uma unidade de semiliberdade e depois para a liberdade assistida, mas ele também pode ir direto para a liberdade assistida.

AH: Mas então pela liberdade assistida ele sempre terá que passar?

GF: Pode ser que não. Ele pode receber uma extinção de medida quando, por exemplo, faz 18 anos e alega que a medida socioeducativa não é mais cabível. Só que a liberdade assistida tem um lado positivo porque durante aquele período você também atende aos responsáveis daquele adolescente, então você faz um



acompanhamento, sabe se ele está inserido na escola, se está trabalhando ou atuando em algum projeto. A liberdade assistida hoje está municipalizada. Como o garoto retorna ao seu município de origem, ele é atendido lá. Então, perceba: quando ele está cumprindo medida tudo se dá de uma forma muito fácil. Na verdade ele está sendo atendido pela escola do DEGASE, pelas oficinas do DEGASE, ele tem atendimento médico, odontológico, psiquiátrico, social e pedagógico ofertados pelo DEGASE. Quando ele sai, ele *'perde'* essa retaguarda. E se você corta esse vínculo de uma forma muito abrupta, pode gerar danos. Então a liberdade assistida acaba fazendo essa mediação.

AH: Qual é o perfil dos internos? A maioria é negra? E a classe social?

GF: Eu ainda não tenho essa estatística... A gente ainda não faz essa análise, mas vamos ter que começar a trabalhar com isso. Eu acredito que o DEGASE ainda seja um lugar predominantemente de pobres e negros. O que não significa que os jovens brancos e ricos não cometam atos infracionais.

AH: Me conta uma história?

GF: Vou contar a história do William, hoje ele é maior de idade, por isso posso citar o nome dele. Nós tínhamos um projeto no CRIAAD Ilha do Governador. Nós temos muitas histórias, mas essa é marcante porque ele conseguiu superar os próprios limites, e ele não acreditava nessa possibilidade. Nós tínhamos um projeto que capacitava os adolescentes para concurso público. Tínhamos aulas de português e de matemática dentro do CRIAAD Ilha do Governador [***Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente, unidade de semiliberdade***], esta era uma ação específica dos próprios servidores que, voluntariamente, davam as aulas. Então, identificávamos o perfil de cada servidor entre aqueles que queriam participar do projeto. Era um projeto só nosso, interno mesmo.

AH: Era um projeto de alfabetização?

GF: Não, eram aulas preparatórias para concurso público. Todo dia tinha uma turminha que participava desse preparatório e a gente





ficava monitorando o mercado com relação às possibilidades de concurso. Quando identificávamos alguma oportunidade, a gente inseria o adolescente no processo de seleção e bancávamos isso. O DEGASE pagava a inscrição e a gente, os servidores, preparávamos o adolescente. É aí que começa a história do William. Ele foi aprovado no concurso dos Fuzileiros Navais e foi muito legal ver um garoto que estava cumprindo medida socioeducativa passar num concurso público da magnitude que é o concurso dos Fuzileiros Navais, extremamente disputado, com um salário muito bom, vários benefícios... Acho que para os outros meninos também foi bacana porque quando o William foi aprovado, o juiz decretou extinção da medida para que ele pudesse fazer o período de treinamento dos Fuzileiros e ele sempre volta ao DEGASE para contar a sua história, dar o seu testemunho. Ele chega aqui todo fardado... É muito bacana.

AH: A história do DEGASE é a história de um sistema de punição, correção ou de um sistema de prevenção?

GF: Com o ECA [*Estatuto da Criança e do Adolescente*] o DEGASE se viu obrigado a mudar a forma de atuar. Então, hoje o trabalho é estritamente de socioeducação. Temos que compreender que a disciplina faz parte das medidas socioeducativas, mas ela não se dá através do autoritarismo. A disciplina é apenas uma forma de convívio social. A mesma disciplina que eu preciso ter é a disciplina que o adolescente também precisa. O importante aqui é ensinar para eles que a gente não consegue fazer nada sem normas, sem regras. Mas o nosso foco hoje é a socioeducação.



me conta a sua HISTÓRIA, entrevista com ANTÔNIO ROSEMBERG, o mestre BERG [psicólogo, antropólogo e educador da oficina de capoeira]

Mestre Berg: Quando surgiu a capoeira no DEGASE, ninguém acreditava que pudesse dar certo. Ideia da ONG Ação Comunitária, da Marília [superintendente da ONG]. Mas nós começamos numa instalação complicada, já que a unidade antes era um presídio, o Muniz Sodré, que foi adaptado para se transformar, em 2007, em uma unidade de internação para adolescentes em conflito com a lei. Quando nós chegamos lá, as instalações ainda eram muito precárias. Inclusive, na nossa primeira reunião, a luz não estava ligada. Havia um processo muito complicado naquela unidade. As pessoas todas descrentes, os adolescentes eram tratados como bandidos muitas vezes. Havia conflitos, eles batiam de frente o tempo todo. Quando entrou a capoeira, fui advertido por agentes que chegaram a falar: *‘Pô, mas o senhor já é um homem de idade, vem aqui dentro para ensinar capoeira para bandido? Vou te falar um negócio, o dia que esses malucos cismarem de sair feito uns cavalos doidos e machucarem a gente, vou processar o senhor, escuta o que estou lhe dizendo, eu vou te processar’*. Havia uma descrença muito grande, mas mudaram as instalações, fizeram as obras. Nesse processo estava começando uma nova gestão, que abriu frentes lá no ESE [Educação Santos Expedito, unidade de internação]. De uma forma ou de outra, eles abriram diversas frentes para a gente, mas enfrentamos muitas resistências dos agentes de disciplina.

Ampliando Horizontes: Como você descobriu esse projeto?

MB: A Ação Comunitária estava preparando um espetáculo para apresentar no Fórum Mundial, em 2006. A gente veio, preparou esse espetáculo, nos apresentamos lá, depois veio esse projeto aprovado pela Petrobras. E quem vai? Tinha um monte de gente lá, mas fui eu, por uma questão de coerência. Lá fui eu com meus medos, minhas expectativas, com todos os meus temores, mas cheguei lá e comecei a ver qual era a história, as dificuldades. *‘Quer saber? Vamos lá’*. Mais



ou menos contemporâneo deles que é o Felipe e o Jaime, que na época tinha 17 para 18 anos, o Jaime, o Felipe tinham 19, não sei se era nessa faixa etária. Daí eles eram muito páreos deles e começou a ter identidade. Eles foram como monitores e eram de favela também. Tinham em mim a figura. Isso tudo eu conversava com eles e tocava isso, era sempre muita reflexão, forçava-os a pensar, a refletir. Era uma medida socioeducativa produtiva. Era isso que a gente ia demonstrando através de relatórios. O grau de complexidade disso é muito maior do que as pessoas imaginam. Primeiro, o aspecto inovador da Ação Comunitária em entrar e me botar nisso, dando oportunidade de colocar à prova os conhecimentos que eu adquiri ao longo do tempo. Foi um desafio para a Ação Comunitária, que se agarrou em mim também e eu aceitei o desafio. Vou fazer até porque quero ver do que sou capaz, mas tudo isso foi muito pioneiro, inovador e ousado. Mas essa é a característica principal da Ação: tentar, fazer, inovar.

Ampliando Horizontes: E para os internos? Como foi o começo do projeto para eles?

MB: No primeiro momento eles chegavam cheios de desconfiança e curiosidades: *‘Quero ver como que é isso’, ‘Isso não é coisa mandada da Direção não, né?’ ‘O senhor não é agente não?’*, *‘Essa aula de capoeira é verdade ou mentira?’*, *‘O senhor vai ensinar capoeira mesmo ou vai bater em nós?’* Era assim que eles falavam, acredita? Com o tempo, eles começaram a adquirir mais confiança, tanto que eles acabavam me contando muita coisa que eu, às vezes, para intervir, falava com a assistente social, com o psicólogo e a ajuda era mais efetiva. O nosso trabalho lá foi de gestão de conflito também. O tempo todo em que trabalhamos lá, a gente mediou conflito. A capoeira era a chave que abria a porta do universo daqueles adolescentes e, se eles quisessem aprender capoeira, nós a apresentávamos. Se ele quisesse tocar um instrumento, nós ensinávamos, e se ele não quisesse aprender nada, mas apenas encontrar um lugar onde tivesse uma identidade sadia com o grupo, se ele pudesse encontrar um pedacinho de céu dentro daquele contexto que era para ele um inferno, era só se juntar a nós. Depois começou a haver também uma profusão enorme de igrejas. Entrou igreja cristã e evangélica, então tinham muitos lá que viviam se torturando e se culpando porque, na verdade, eram de



outras religiões, eram espíritas, por exemplo, então ao invés de irem para a igreja eles acabavam ficando com a gente. Começou a haver uma interveniência nesse sentido, porque a igreja queria silêncio para fazer o culto e quando eles ficavam na capoeira, às vezes, nem jogávamos, mas fazíamos eles cantarem ou baterem palmas. No simples bater palma havia um senso entre eles de que representava um sinal de participação, de conexão. Bater palma em conjunto era interessante, tocar um berimbau era interessante, e acabava que as discussões eram em torno de posturas afirmativas, positivas. Então, quem entrar no DEGASE pensando em dar somente aula de capoeira, ou do que quer que seja; se não conciliar essa visão de interação, mostrar para eles uma opção verdadeira de se viver com dignidade, não será bem-sucedido.

AH: E quem é o Mestre Berg?

MB: Nesta história toda tem um detalhe muito interessante. Os alunos não sabem que minha formação básica é a psicologia. Eu fiz mestrado em Historiografia e doutorado em Antropologia Etnográfica, então eu boto tudo isso a serviço do meu trabalho. Eu não acho que seria legal minha atuação em consultório, clinicando... Também não foi legal como psicólogo, trabalhando em Recursos Humanos, não foi legal como professor de História. Eu queria estudar de perto os processos, participar deles. Como estão acontecendo? Quais as transformações? Como é o comer, o viver? Como é o dormir dentro das unidades? E eu tenho agora, se quiser, uma tese, um livro para escrever a respeito disso, mas a questão não é essa, a questão é como você consegue descobrir coisas que muitos daqueles que estão ali não descobrem, embora sejam muito competentes. Existem profissionais no DEGASE calejados por achar que, embora tenha uma aparência de mudança, continua sendo a mesma coisa. Mas eu digo para vocês que, de 2007 a 2013, as modificações que eu assisti foram muitas e muito significativas. Hoje tem gente muito competente dentro do DEGASE.

AH: E qual é o perfil desse jovem que chega aqui no DEGASE?

MB: Aqui eu conheci um garoto de 13 anos de idade que conta que quando ele estava dormindo, o padrasto entrou sem cueca e tentou abusar dele. Isso é o que ele diz, mas eu acho que o padrasto foi um





pouco além do tentar... É cada história! A maioria desses meninos é assim, vêm de um núcleo familiar desmontado. O pai é um cara que fez o filho e botou o pé na estrada e às vezes até mora na mesma comunidade que o garoto. O garoto tem irmão que nem sabe que é, de fato, seu irmão porque é filho do pai com outra mulher. Geralmente eles não têm a presença da figura paterna. Então eu passei a trabalhar isso com eles. Isso me permitiu o direito de ser um pai na autoridade, nos argumentos da ideia, mas não numa de ser cúmplice deles. Pelo contrário, na hora que eu percebia que eles estavam incorrendo num possível outro erro, de tentar fugir ou tentar bater no outro, por exemplo, eu falava duro. Hoje há um processo maior que muita gente não está prestando atenção, que é o adolescente que não é mais aquele filho de 17 anos que as pessoas imaginam...

Hoje eles são muito criados ao largo. O pai antigamente trabalhava e dizia: *'Mulher minha não trabalha, fica em casa cuidando dos filhos. Enquanto eu puder trabalhar, minha mulher vai ficar em casa educando as crianças'*. Mas isso tudo inverteu de modo que o pai e a mãe estão trabalhando, a criança fica sendo vigiada por uma avó, por uma tia, fica na creche ou com uma babá, enfim. Quando chega aos 12, 13 anos, já tem condições de ficar em casa sozinho e nesse ficar sozinho tem a internet como um novo referencial. Muitos adolescentes também estão presos 'em família'. Tem gente ali que o pai está preso em Bangu. Os garotos chamavam o ESE [Educandário Santo Expedito] de '*Bangu Zero*', porque era o primeiro da entrada no Complexo de Bangu, mas como eles ainda não eram bandidos, diziam que ali era um '*vestibulinho*' para tal. Eles falavam isso, que estavam em '*Bangu Zero*', porque na época ainda não era um educandário com a finalidade de atender um adolescente considerado um jovem em desenvolvimento. Nas preleções que eu fazia, eles ficavam todos sentados. Antes de entrarem para a aula, eu os fazia trocarem de roupa. Eu não deixava eles saírem com aquele short azul e branco para fazer minha aula. Fazia questão que eles trocassem de roupa, para que eles entendessem que essa troca significava uma mudança de postura. Neste ritual eles estariam saindo daquela vida de privação de liberdade e entrariam numa vida onde poderiam praticar capoeira, vivenciar outras expressões, tocar berimbau, dançar, brincar. Era essa a principal proposta da capoeira.



AH: A internet é um novo referencial bom ou ruim?

MB: A internet é, sem dúvida, um novo ícone que surgiu nesse processo e que passa informações inimagináveis, de modo que se você conversar com uma criança de dez anos hoje ela não vem mais com ‘gugu-dadá’... O menino com 10, 11, 12 anos já sabe um montão de coisa que você vai ficar embasbacado se ouvi-lo falar. Ter essa realidade em mente é muito importante porque é preciso trazer novas propostas. Então tem uma série de coisas que poderiam ser vistas no sentido de rever todos os condicionamentos a que os jovens vêm sendo induzidos... Nós, antropólogos, sabemos como é circunstancial, como uma pessoa pode ser facilmente condicionada a certos tipos de comportamento. Hoje o jovem está vivendo uma situação muito complicada, muito difícil. Um tênis hoje custa ‘seiscentos conto’. Você pega um telefone, o tal do S4, por exemplo, e os olhos dos garotos brilham: ‘Caraca professor, que telefone maneiro, hein?’ Os moleques todos já sabem e um telefone desse custa dois mil e seiscentos reais, dois mil e quinhentos reais, por aí. Um adolescente que acha que só vai ser um cara legal se tiver um tênis de ‘seiscentos conto’, de repente olha e vê você, ‘mocinha, bonitinha’, puxar o seu S4 no meio da rua, ele primeiro vai tentar passar por correndo e levar o celular, se você não entregar, ele vai levar sua bolsa, e se não deixar, ele levar a sua bolsa, pode ser que ele parta para a agressão. Com o celular na mão, ele vai levar para vendê-lo barato na boca, por mil reais para comprar o ‘bendito’ tênis que ele quer de seiscentos reais e ainda vai sobrar um trocado. E isso tá certo? Tá errado? A principal discussão aqui não é essa. O que acontece é, se ele conseguiu uma vez, ele vai tentar fazer de novo até que ele se lasque. Então é um jogo perde/perde, porque se ele continuar, ou ele vai parar no DEGASE ou, mais cedo ou mais tarde, ele morre. É simples assim.

AH: E qual era a proposta da oficina de capoeira?

MB: A aula nunca era dada direto, eu sempre contava uma história, fazia com que eles dialogassem e refletissem. A minha intenção era mostrar que dentro do DEGASE têm jovens que passaram pela mesma dificuldade e não se corromperam, como também têm jovens que passaram por uma dificuldade até menor,



mas escolheram o caminho errado. Então a nossa proposta era uma capoeira educacional, histórica, uma capoeira literalmente socioeducativa. Começamos dando aula dentro das galerias onde eles dormiam e eles se sentiam quase que felizes. Quando a gente levava para eles a capoeira, conversávamos, perguntávamos se gostavam daquela vida, como era estar ali dentro, internado. Enquanto um respondia, o outro que não queria falar nada, ouvia, mas com certeza tendo as mesmas dúvidas, os mesmos medos. Meu grande segredo era esse: eu fustigava-os, eu os fazia falar. Embora ele pudesse dizer que o outro era fraco por se expor, que era isso ou aquilo outro, ele estava ouvindo e muitas vezes se identificando com o que ele tinha vergonha de verbalizar. Colocávamos eles para tocar um instrumento, pegávamos o pandeiro e tocávamos música de igreja, samba, pagode, o outro pegava e começava a tocar berimbau. *‘Como que toca samba no berimbau?’* Eles olhavam para os instrumentos com muita curiosidade... O jogo da capoeira até ser ensinado demorou muito e foi ensinado com cuidado porque havia que se reprimir todos os golpes agressivos. Quando a gente percebia que um dos alunos estava descobrindo que podia dar um chute na cabeça do amigo, a gente afastava ele um tempo da roda dizendo que iria ficar responsável pelo ritmo, aí colocava ele para tocar, para dançar, para cantar, bater palma para incentivar os outros, tocar berimbau, etc. Ensinava para ele outras lidas até que retornasse a jogar mais calmo e mais equilibrado.

AH: Como é a relação educador vs aluno?

MB: Eles sempre me trataram com muito respeito. Tanto que eles têm uma lida gentil com os agentes de disciplina que os tratam com respeito. Embora sejam jovens em conflito com a lei, eles têm bastante consciência que fizeram coisa errada porque, mas eu acredito que fizeram porque não tiveram outra opção. Muitos deles queriam ter um tênis, mas sabiam que não podiam comprar. Muitos deles, por não ter a lida bandida, por não ter contato com armas, às aplicam o falso 157. O que é um falso 157? É botar a mão de baixo da camisa dando a impressão de que se está armado. Aí alguém descobria e esses meninos terminavam no Educandário Santo Expedito, que é uma unidade que concentrava adolescentes reincidentes, ou seja, aquelas que apresentavam maior índice de



‘periculosidade’. As outras unidades do DEGASE já eram mais ‘leves’, com períodos menores de internação, mas também tinha o João Luiz Alves [JLA], que era uma unidade onde ficavam os chamados ‘bebels’, que eram os adolescentes mais novinhos. Tem também o Instituto Padre Severino [atual Centro de Socioeducação Dom Bosco] que era o centralizador dos adolescentes antes da audiência com o juiz, porque eles são apreendidos na rua e levados para a Delegacia da Criança e do Adolescente [DPCA] e, enquanto não se decide o que vai ser feito com eles, eles ficam no Padre Severino. Os outros que cometiam delitos mais ‘pesados’, que a medida socioeducativa significava privação de liberdade, eram mandados para o Educandário Santo Expedito [ESE] ou para o CAI-Baixada, que é o Centro de Atendimento Intensivo Belford Roxo. O CAI-Baixada atendia mais o ‘*grande Rio*’, Volta Redonda, Friburgo, Petrópolis e Teresópolis. O Santo Expedito era complicado porque tinha muita rebelião... Quando chegamos lá, aquilo era muito complicado, o esgoto passava no meio das celas, era uma coisa horrível. Mudou muito.

AH: Mudou quando?

MB: Em 2007. De lá para cá, o DEGASE teve uma transformação que vocês não acreditam! De fato é um Novo DEGASE. Antes eram uns agentes truculentos. Era uma ideia de que os meninos eram bandidos, que tinham que ser maltratados ou esculachados como tal para que perdessem o que eles chamam de ‘arrogância’. Hoje o DEGASE funciona muito bem, especialmente agora, porque antes o pessoal não tinha recursos para trabalhar, o dentista não tinha cadeira para tratar o interno, o médico não tinha remédio para dar. Todo mundo tinha diarreia, era uma coisa muito comum. A sarna também era uma doença constante nas unidades de internação. Mas para você ver como que mudaram bastante as instalações do ESE, que até os episódios de sarna desapareceram. Hoje são muito raros. Eu mesmo já peguei sarna várias vezes, não aguentava mais. Tomava injeção e tudo...

AH: O que motivou esse Novo DEGASE?

MB: Tudo motivou, principalmente a proposta do projeto. Principalmente o pessoal técnico, os servidores, os educadores.



Todo mundo estava cansado desse negócio dos moleques entrarem lá dentro e ter só pancadaria. Eles não tinham atividades, só iam para a escola e da escola para a cela porque não tinha outro jeito. Em unidades de internação, ficam em celas como os bandidos adultos, confinados, por trás das grades, trancados. Antes, o Santo Exedito era um lúgubre, aquilo era horrível, um ambiente insuportável. A parede cheia de limo, o esgoto passava numa *'valinha'* dentro da cela deles, era aquele cheiro ruim o dia e a noite inteira. Sem falar da superlotação, tudo muito cheio. Quando cheguei ao ESE [Educandário Santos Exedito, unidade de internação] tinham uns 780 internos num espaço cuja lotação era para 200. Todas essas mudanças foram sendo construídas. Literalmente eles desconstruíram todo o ESE, quebraram tudo e construíram de novo.

AH: Qual é a relação entre o Novo DEGASE, o Pan Social e o Ampliando Horizontes?

MB: O PAN foi um processo inovador e o Ampliando representou a sua consolidação. Este último previa instalações aqui na Ação Comunitária para que esses adolescentes saíssem do DEGASE e viessem para cá, passassem por treinamento e aqueles que quisessem seriam aproveitados para a capoeira. Mas o ideal seria ter um outro espaço para profissionalizá-los, fora das unidades do DEGASE. Essa é uma das formas que eu acho que ajudaria o jovem a não reincidir. A maioria dos que estão envolvidos com o tráfico, foi envolvido na comunidade em que mora. A maioria dos que foram presos por assalto à mão armada, a quadrilha é de colegas dele da comunidade. De uma forma ou de outra é isso. E aqueles que querem fazer isso, não tem jeito. Eles falam: *'Professor estou fazendo isso com o senhor porque tu é responsa e eu estou aqui sem fazer nada, mas quer saber? Quando sair daqui vou voltar para a vida de crimes, porque a minha é essa'*. Aí eu digo: *'Menino, você não sabe do que está falando. Talvez até lá você mude de opinião...'* Por exemplo, tivemos um aluno que dava uma de bonzinho e dizia que queria participar da capoeira para largar essa vida. Então a gente deu uma oportunidade para ele, mas ele pulava o muro, chegava atrasado, era cheio de papo de fumar maconha. Ao invés de ir para o CRIAAD [Centros de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente], ia bater perna na rua. Percebe como a *'lida'* adolescente é muito



sofisticada? Tem adolescente lá só porque tentou conseguir um tênis, mas também tem adolescente que está porque gosta dessa vida, gosta de ter as coisas fáceis, não quer trabalhar para nada, enfim, tem adolescente de tudo que é jeito. Eu tento nesse processo mostrar que sempre existe possibilidade de transformação. Nesse sentido, acho que fomos muito bem recompensados, fomos felizes na nossa empreitada. O projeto deu muito certo.

AH: Mestre, com sua formação de psicólogo, depois em história e antropologia, o que o senhor acredita ser essencial para incrementar e melhorar as medidas socioeducativas hoje vigentes? Que ação pode conferir mais qualidade e menos reincidência, por exemplo?

MB: Prevenção é fundamental. Eu diria que teríamos que trabalhar com os adolescentes a partir dos 12 anos. Porque hoje o jovem, aos 10 anos, já está sendo cooptado, então, a gente tem que trabalhar desde cedo... Porque nesta idade você ainda consegue consolidar alguma coisa, porque ele ainda te escuta, ainda obedece pai e mãe... Ao menos de um modo geral. E desde cedo já introjetar valores saudáveis, do bem viver, da cooperação e, principalmente, do respeito. Com a maioria das crianças é assim. São largadas de pai e mãe. Vê, quando eu sento ali elas vêm tudo em cima de mim porque não recebem abraço, um afago, não recebem uma atenção de olhar... *'Vai sentar, menino. O que você está fazendo?'*, *'Olha para mim, não disfarça não, você está me enganando'*! E por aí vai... Quando você ouve, conversa, escuta, você começa a perceber quando os meninos estão meio agitados, por exemplo! *'Pera lá, tem alguma coisa acontecendo aí!'*, e pode agir de maneira preventiva. Também é preciso implementar medidas efetivas de conscientização dos jovens e de rápida profissionalização. E que seja dignamente rentável. Hoje em dia ninguém quer fazer um curso que dure muito tempo. O menino quer entrar hoje num curso de moto e amanhã já quer sair sabendo e a gente sabe isso é inviável, mas dentro desse novo contexto é importante abreviar isso o máximo possível e mostrar para ele que foi só um start, que é só a ponta de um longo processo de aprendizado. Hoje, por exemplo, é possível se viver de cultura popular. Mas qual é sua formação? Às vezes o cara tem experiência demais, mas não tem formação e dentro de uma escola é necessário que isso aconteça. É necessário que a pessoa tenha uma licenciatura ou outra para saber o que está fazendo, com quem



está fazendo e para que está fazendo. Acima de tudo é educação, é socialização do indivíduo, mas não é a socialização no sentido banalizado, é fazer o indivíduo viver mais em paz, fazer o indivíduo entender que ele não tem o tênis porque ele não pode ter ainda, mas que se ele trabalhar, ou ainda se ele vai conseguir ou não ter, isso não importa tanto. O importante é oferecer condições dignas para que ele não tenha uma vida breve, e que essas condições sejam a motivação da busca por uma vida longa... Em dois séculos, mudaram os estudantes, mudou a sociedade e mudou o mercado de trabalho. Quando mudará a escola? É o professor de matemática que entra numa sala de aula e quer dar aula, mas não é capaz de conversar matematicamente sem falar em contas num quadro sem sentido e todo rabiscado. Ele dá aula de música mostrando porque o teclado é isso, aquilo, aquilo outro... O teclado é assim, o teclado é preto, essa daqui é uma oitava, essa é uma nona. Por que o professor de matemática não pode dar aulas de fração com um piano musical? Se os profissionais não se adaptarem à modernidade, aos sinais do tempo onde o jovem está inserido... Não vai conseguir ensinar nada porque não tem nenhum apelo.

AH: Ampliando Horizontes é inovador por isso?

MB: A metodologia das oficinas é inovadora. A forma de você levar para eles velhos conhecimentos respeitando o seu ritmo e modos de aprender atual. E primeiro de tudo, respeitando o adolescente; depois mostrando para ele coisas que despertem o seu interesse; terceiro, mostrando uma profissionalização, uma forma dele ganhar dinheiro rápido, para que não fique prostrado ou se envolva com o tráfico, porque quem não precisa de dinheiro para viver? Talvez um ano seja um período razoável para se dar um curso e habilitar o adolescente numa condição técnica e junto com isso correr atrás de um trabalho para ele. E, melhor ainda, se durante a própria oficina ele começar a ganhar dinheiro, que o próprio DEGASE abra as suas portas para oferecer trabalho para os adolescentes, para a sua família e para as pessoas de sua comunidade, ou para qualquer um que estiver interessado em aprender e trabalhar. Ainda tem muita burocracia em muita coisa e essa burocracia acaba travando tudo. O processo é fácil desde que as pessoas estejam decididas a abrir mão de certas posturas políticas e a fazer, de fato, a diferença.



AH: O senhor acha que a violência deles está atrelada ao respeito que eles não têm?

MB: Não, pelo contrário. Quando entram no DEGASE, alguns chegam sem nenhum respeito porque nunca tiveram esse respeito lá fora. Então, você começa a dizer para eles o seguinte, olha como é o trabalho da conscientização... É uma questão de postura mesmo. Minha formação é africana, então quando um adulto mais velho fala, o outro fica ouvindo... Na lida com eles é assim. Então eu ensino coisas, por exemplo, como a importância de não andar pela rua sem camisa. Eu falo assim *'pra'* eles: entrar na casa de um amigo sem camisa é falta de respeito, sentar na mesa para comer sem camisa é falta de respeito. Se vocês querem respeito, têm que dar respeito. E eu exijo respeito. *'Todo mundo que está aí, coloque a camisa agora'*. E se você não for convincente assim, eles não vão te respeitar... E se eles não te respeitarem você não consegue mais nada. Não pode se deixar intimidar. Tem que educá-los, porque a maioria deles não tem esse tipo de educação, esses princípios nunca foram ensinados a eles. É nesse diálogo meio incisivo, meio acolhedor, que eles aprendem o que significa ter respeito...

AH: Para finalizar Mestre, conta uma história *'pra'* gente?

MB: Não vou falar o nome do adolescente, eu não posso. Mas ele foi preso e estava indignado. Na primeira vez ele foi preso por causa de um falso 157. Ficou preso e o pai e a mãe quando souberam, e só souberam muito depois, foram por acaso visitá-lo exatamente no dia que o filho estava sendo formado em capoeira e, coincidência maior, o pai dele era professor de capoeira, mas nunca tinha conseguido convencer o filho a praticar. O registro que eu tenho guardado na minha memória é a imagem dos dois jogando... Eu tenho quatro fotos. O pai está de calça azul e branca e ele está com o uniforme branco e amarelo, da capoeira. Foi muito emocionante aquele dia. Mas têm outras histórias, na verdade têm muitas histórias.... Tem uma situação de uma mãe que reencontrou o filho... Ele era lá de Friburgo, a família inteira estava atrás dele, todo mundo procurando, pensavam até que ele *'tava morto'* e de repente encontraram ele preso na cadeia. Porque o adolescente quando chega aqui ele não diz que tem família, justamente para



não avisarem o pai e mãe. Então ele some e muitas vezes os pais nem sabem que ele está envolvido com parada errada, e aí pensam que o filho morreu, ou que foi sequestrado. O garoto já 'tava' há dois anos lá dentro quando a mãe o encontrou. Acontece muita coisa curiosa dentro do DEGASE...



me conta a sua HISTÓRIA, entrevista com CHRISTIANE ZEITOUNE

[psicóloga e coordenadora do núcleo de
saúde integral do Novo DEGASE]

Ampliando Horizontes: Conta um pouquinho da sua história no DEGASE. Quando você entrou?

Christiane Zeitoune: Entrei no DEGASE pelo concurso público e comecei a trabalhar em 1998, e desde então a gente vem trabalhando muito para ver essa socioeducação acontecer. O DEGASE vem passando por muitas transformações, e eu vejo um esforço de todos os funcionários em fazer valer o que está na lei da execução da medida socioeducativa. Essas transformações começaram a ser muito significativas a partir de 2006. A gente vem se debruçando na construção do projeto político-pedagógico de cada unidade, a repensar nossa prática e então conseguir transformar. Inclusive a própria arquitetura das unidades começa a ser reformulada. E tem uma integração de todos os profissionais, percebemos uma transformação na prática.

AH: Fale um pouquinho mais dessa integração.

CZ: Trabalhamos com uma equipe multidisciplinar: psicólogo, assistente social, pedagogo e agente socioeducativo. A gente trabalha cada um na sua especificidade, na sua área, a partir do que está colocado no SINASE [Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo], no projeto político-pedagógico. O agente também começa a se envolver nessas ações, na construção dessas atividades com os adolescentes, nas diversas modalidades do atendimento, desde o psicólogo, até a assistência social e o pedagógico. O DEGASE começa a se abrir, a trazer estagiários para trabalhar e profissionais variados. Desta forma, começamos a oxigenar o trabalho de nós todos. Todos são incentivados a passar por uma capacitação dentro da área da socioeducação.

AH: E qual é o papel da coordenação de saúde?

CZ: Estou na coordenação há pouco tempo, entrei em janeiro deste ano [2013]. O trabalho tem várias frentes: desenvolve a biomédica,



coordena a psicologia, o serviço social, a farmácia e a enfermagem. Temos que promover a saúde integral do adolescente e a saúde do trabalhador servidor. Temos diversos profissionais trabalhando: o médico, o técnico de enfermagem, o dentista. Porém, trabalhamos dentro da lógica da incompletude institucional, também encaminhando parte do trabalho para a rede, pois o DEGASE não pode prover tudo, mesmo na internação. Isso está na lei. Quem tem que fazer a função de dentro do território, de prestar a atenção médica, é o município. Então fazemos parcerias com o Programa de Saúde da Família que tem dentro do território a responsabilidade de atender esse adolescente. Damos a primeira atenção básica, mas toda especialidade a gente procura no município. Estamos na pactuação do Plano Operativo Estadual que garante que o município seja realmente responsável para atuar com prioridade com esses adolescentes. Dentro do DEGASE nós oferecemos todo o atendimento básico, que começa no Centro GCA [Centro de Socioeducação Professor Gelso de Carvalho Amaral]. Ali temos um médico, um psicólogo e uma assistente social que identificam as primeiras atenções que o adolescente precisa e a situação de saúde dele.

AH: E como se dá o atendimento psicológico dos internos?

CZ: Como eu falei, cada unidade tem psicólogo, assistente social e pedagogo. O pedagogo gerencia, por exemplo, toda essa parte das oficinas que acontecem aqui dentro, inclusive todas as unidades possuem escola regular. Além disso, em paralelo, é importante ter essas atividades lúdicas ou que sejam de promoção da cidadania, de qualificação profissional, pois isto está previsto no ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente] e são atividades fundamentais. Incentivamos os parceiros a nos auxiliar. Temos aqui o pedagogo que faz essa articulação dos adolescentes com os atores que são convidados. De acordo com as habilidades do adolescente, ele verifica qual é a oficina que está mais adequada às suas características e/ou ao que ele deseja para si. O pedagogo estará junto com a equipe de psicólogos e assistentes sociais fazendo indicação e acompanhamento. Sabemos que existem muitos adolescentes com uma escolaridade muito baixa, isso também é importante para identificar qual é a oficina mais adequada ao seu nível. O psicólogo também sabe que alguns adolescentes são comprometidos com

o uso da droga, alguns têm transtornos, mas isso não pode ser um diferencial, não pode impedir que ele participe das diversas atividades educativas profissionalizantes. Então, a psicóloga dá esse suporte, o acompanhamento com os tratamentos necessários para que ele possa ser inserido nos cursos.

AH: Você coordena a área de saúde do DEGASE. Qual sua formação?

CZ: Psicologia. Trabalhei na ponta, acompanhando o adolescente na medida socioeducativa do CRIAAD Ilha. Já trabalhei na internação com a medida de liberdade assistida, agora elas foram municipalizadas. Até 2012, eu estava desenvolvendo um projeto chamado Diálogo que comecei no CRIAAD com os profissionais pelo viés da conversação, promovendo justamente a integração desses diversos atores que trabalham com adolescentes. O projeto Diálogo tem essa proposta de incluir o parceiro que não é funcionário, mas que trabalha com adolescentes. Tivemos esse espaço no CRIAAD Ilha. Envolvíamos os adolescentes, íamos para dentro do CRIAAD, chamávamos as pessoas do administrativo, agente, psicólogo, pedagogo para conversarmos sobre esse trabalho, e perguntávamos quais eram as dificuldades. Era muito bacana porque promovia a integração da equipe e nos ajudava a avançar nos impasses de forma preventiva. Por exemplo, trabalhando integrado, o adolescente conseguia ter um atendimento melhor nos diversos momentos. Às vezes, o agente que conhecia melhor esse adolescente podia contar ao psicólogo algumas situações que ele comentou em algum momento e não tinha a oportunidade de falar. Fiquei um ano só em função do projeto Diálogo. Eu ia no ESE, no Dom Bosco, nos CRIAADs para falar. Foi uma experiência enorme porque comecei a conhecer a realidade, as demandas, as dificuldades e, hoje, na coordenação de saúde, eu posso ter outro olhar sobre as demandas que existem.

AH: O que você espera? Quais são os próximos passos?

CZ: A gente pode avançar muito e estamos avançando. Primeiro com essa elaboração do Plano Operativo Estadual em que temos tido uma parceria muito boa com a Secretaria de Estado de Saúde e com o município. A gente quer implementar novas ações de

promoção da saúde do trabalhador em todas as unidades. Estou com alguns projetos nesse sentido, envolvendo toda a equipe de saúde em ações educativas, com palestras, dinâmicas, com roda de conversa, incentivando esses outros atores.

AH: E a família? Vocês trabalham com os familiares?

CZ: Os familiares também são contemplados com esse trabalho voltado para a profissionalização. Os assistentes sociais e os psicólogos que trabalham na ponta não têm como executar um trabalho sem envolver esses familiares. Temos um projeto que é um desafio na unidade, está nascendo em Campos, que é o de atender os familiares desses adolescentes. O familiar tem acesso ao atendimento básico de odontologia que a gente oferece. Como é um lugar que fica muito longe, não tem nada perto, esperamos que o médico possa ter esse olhar para o familiar. Temos também o desafio de implementar a visita íntima. Então, espero que a gente possa ter ações voltadas para o companheiro (a) desse adolescente ou dessa adolescente. É lei, mas ainda não está sendo executada na sua integralidade porque estamos fazendo o passo a passo. Têm alguns estados que estão fazendo, já é realidade. Ainda não estamos no Rio de Janeiro porque tem todo um trabalho que tem que ser feito primeiro. Trabalho com a equipe que tem que estar acompanhando, teremos que nos preparar para fazer adequadamente.

AH: Com relação ao Novo DEGASE e as oficinas que acontecem aqui, você acha que interferiram na construção desse Novo? Como é essa relação?

CZ: Vieram juntas. Não foi a oficina que transformou o DEGASE, nem foi o Novo DEGASE que possibilitou a oficina. São transformações que estão acontecendo em todo Brasil e que está se adequando à nova legislação. Eu acho que a gente vem realizando um trabalho pioneiro, mas têm várias realidades no Brasil. A gente vem trabalhando e buscando um trabalho integrado, respeitando o ECA. Está tendo muito investimento do Estado e a gente está vendo isso na prática. Eu acho que quando a gente abre para novos atores, oxigena nosso trabalho e faz com que a gente não se feche e possa abrir esse muro e realizar um trabalho socioeducativo como estabelece a lei. O novo tem todo esse sentido.

AH: Por que alguns jovens mudam e outros não? O que você, como psicóloga e com toda sua experiência no DEGASE, enxerga?

CZ: A gente tem que ver em todo adolescente uma aposta. Temos que ver nele uma possibilidade e trabalhar para isso, e perceber que essa transformação vai se dar a partir de uma intervenção de vários atores. Tem que ter investimento político, o trabalho subjetivo, o profissionalizante e o educativo. São várias ações acontecendo ao mesmo tempo, sem perder de vista que a medida socioeducativa tem que responsabilizar o adolescente. É pelo viés do cumprimento da medida que ele vai se responsabilizar pelo ato que cometeu e promover essa mudança, que também tem que ser subjetiva, e perceber que, para além da obrigatoriedade da escola ou da decisão de participar de um curso profissionalizante, por exemplo, ele não está fazendo porque o juiz mandou, mas porque aquilo tem toda uma perspectiva de futuro para ele. Então, quando o adolescente chega a ter esse olhar, ele se transforma. Ele não está estudando apenas porque o juiz mandou, porque está cumprindo uma medida, porque ele quer sair dali, quer diminuição da medida, mas porque aquilo ali pode ser significativo para a vida dele.

AH: O quanto você acha que a metodologia dessas oficinas contribui para isso?

CZ: Eu aposto muito numa metodologia lúdica através da arte. Isso possibilita trabalhar questões que são mais dramáticas no ser humano, a questão da violência. Essas questões paradoxais do ser humano, a questão da sexualidade, questão da morte. Muitas vezes os adolescentes se lançam sem perceber, sem ter consciência das consequências do ato que ele praticou e, muitas vezes, ele não tem noção, aquilo também é estranho para ele. Por que você fez isso? *"Não sei, estava lá..."* Ele não sabe, não tem nada a ver com aquilo, foi forçado, são coisas que acontecem. São adolescentes que possuem família, têm aqueles que estão na escola e não tinham o porquê fazer aquilo, mas fazem. Poder ter essa noção e poder elaborar o que está implicado naquele ato e se responsabilizar por aquilo, acho que somente tendo essas diversas intervenções. Acredito que a metodologia através da arte é a que melhor atinge e a que melhor possibilita esse trabalho subjetivo, que pode surtir



efeito em nível pessoal (uma mudança de posição) e possibilitar que ele tenha outras escolhas pelo viés do trabalho e não pelo mundo do crime, que muitas vezes ele vai buscar nessa coisa mais imediatista. Poder perceber que tem que projetar o futuro, que tem que ter um projeto de vida para transformar. Acho que é por aí e a gente tem boas práticas para contar.

AH: Fala um pouquinho sobre questões de violência e de classe social. No geral, qual é o perfil dos adolescentes em conflito com a lei?

CZ: A violência não existe só em um determinado tipo de classe social. Ela está presente em todas. O grande desafio é fazer valer a lei para todos. É uma questão cultural no Brasil o *‘você sabe com quem está falando?’*. Muitas vezes a pessoa que tem dinheiro acha que está acima da lei. A gente tem que fazer com que todos cumpram medidas e se responsabilizem por seus atos infracionais, independente da classe social e da etnia. É claro que têm outras questões envolvidas, mas a violência não está presente só na classe pobre e nem só entre os negros, está presente de uma maneira geral e isso a gente pode ver nos jornais. A gente vê um jovem branco de classe média queimando os mendigos, por exemplo, violentando prostitutas, etc.

AH: Os casos de grande mídia acabam vindo à tona, não é? O desafio é que não sejam só esses.

CZ: Esses grandes casos viram quase um grito de clamor na sociedade... Mas depois, a maioria se desembaraça por algum motivo e em algum lugar. Não sei se na delegacia, não sei o que acontece. Só sei que eles não chegam até aqui, mas a gente sabe que eles acontecem.

AH: Essa integração entre diversos profissionais que você citou começou junto com o Novo DEGASE, em 2006?

CZ: Isso. As transformações significativas se deram a partir dessa data porque tem toda uma conjuntura que confluiu para isso, mas sempre tiveram ações pontuais. Quem tinha uma habilidade trabalhava no reforço escolar (isso a gente sempre teve aqui). A questão é que hoje a gente vem trabalhando, mantendo o

profissional inserido de uma maneira mais macro e menos focado em ações individuais e pontuais.

AH: Por que ainda existe tanto conflito entre o agente e o interno?

CZ: Conflito sempre vai haver. No olhar do adolescente é esse agente que está ali para contê-lo, então tem um mal-estar que está colocado. O importante é a gente trabalhar com esse profissional que está ali na ponta, para que ele possa atuar a partir disso, perceber que esse confronto, que é da raiva, não está dirigido a ele, mas à posição, à função que ele ocupa. A própria equipe técnica acaba, muitas vezes, atuando como *'agente'* na intenção de conter aquele adolescente que é tão demandante, que sabe provocar. *'Olha, atende aquele menino que não está bem porque ele vai dar problema'*. A equipe técnica chega lá e contém o problema. Esse trabalho possibilita outras saídas. O adolescente está preso, não quer estar ali, por isso, vai confrontar. Vocês, que são atores externos, estão vendo o esforço de todos os profissionais para fazer um trabalho bacana. A gente busca um trabalho que dê, não só através do viés da repressão, mas que seja, de fato, socioeducativo. A gente acredita nisso e é por isso que a gente *'tá'* aqui. É importante você dar ênfase a isso. A importância do trabalho socioeducativo, dos profissionais e o quanto realmente a gente aposta em cada adolescente que está aqui. E não é vitimizar, porque eles não são coitadinhos, eles têm que se responsabilizar pelo ato que cometeram, mas essa responsabilização não pode acontecer pelo viés da violência. Neste sentido, o DEGASE vem investindo em humanizar mais essa relação, agente vs interno e humanizar mais esse trabalho. E nós estamos conseguindo.



me conta a sua HISTÓRIA, Lana azevedo,

[assistente social e educadora da oficina de auxiliar de escritório]

AH: Professora Lana, para você qual é o maior desafio das oficinas de capacitação e qualificação profissional do Ampliando Horizontes?

LA: O grande problema é a escolaridade dos internos ou, melhor dizendo, a falta de escolaridade. Não tem como você fazer um curso profissionalizante com meninos que mal sabem ler e escrever. A gente trabalha a questão da leitura, da escrita. Não tem como o profissional que atua como auxiliar de escritório não lidar com isso, não é? A gente se depara com essa questão diariamente, mas seguimos em frente e continuamos dando o conteúdo que temos que dar, não diminuimos o ritmo porque seria nivelar muito por baixo. É lógico que na nossa oficina não existe um produto concreto como na marcenaria, por exemplo, que tem o objeto que eles estão fazendo ou na cerâmica. Na oficina de auxiliar de escritório nosso produto é o conhecimento, e conhecimento não tem como ver nem pegar. É claro que fazemos avaliações, mas eles têm pouca tolerância. Acabam levando com eles as dificuldades que têm de escrita, por exemplo. Então nós trabalhamos comportamento o tempo todo e a questão do que é o mundo do trabalho. Eles falam assim: *‘Nós já temos trabalho’*. E eu respondo: *‘Ótimo, mas no trabalho, o que é que vocês fazem?’* *‘A gente trabalha no tráfico’*. Porque eles mesmos falam, *‘professora, eu não tenho escolaridade’*. E quando você começa a trabalhar com eles todas as possibilidades, quando você colocar ele para ler ou fazer conta, eles percebem suas dificuldades. *‘Ah, não tenho mais cabeça para isso!’* Mas a gente insiste e, de tanto colocá-los para ler, ao final de três meses, eles começam a ler com mais desenvoltura. Já para escrever, a gente tem que ficar soletrando. Muitas vezes eles fazem o texto e não conseguem entender o que está escrito. Então, você começa a decifrar com eles. Quando eles começam a perceber que escreveram errado, a gente já está no final do curso. Mas pelo menos você plantou uma semente, mesmo sem saber se ela vai vingar, porque a gente não sabe se o garoto vai voltar a estudar, se ele vai se valorizar. Trabalhamos muito essa questão da construção da autoestima, da recuperação da autoestima. Nossa oficina é um

desafio, passamos muitas dificuldades. Mas também é gratificante. Você sabe que o vínculo se formou quando eles vêm e te abraçam, quando todo dia passa e falam contigo, me mandam beijinho.

AH: Conta a história de algum interno...

LA: Tinha um interno que ia comigo tirar cópia, segurar o papel. Era hora de colocar em prática todas as boas maneiras que eu vinha falando na aula: bom dia, boa tarde, com licença, posso entrar? Toda aquela coisa de boas maneiras. Ai teve um dia que eu falei: *‘Quem vai tirar xerox comigo?’* Então, ele se levantou de prontidão, chegou lá na frente, falou bom dia, praticou sozinho tudo, tudo que a gente tinha passado em sala de aula sem eu precisar ficar orientando. Aí eu pensei: *‘Que bom! Pelo menos eles saem com a prática básica de arquivo’*. Aí você vê que alguma coisa acontece. Têm várias histórias... Tem a história de um garoto que o pai morreu cedo, foi assassinado, e ele herdou *‘a boca de fumo’* [lugar onde a droga é armazenada/comercializada] do pai. Acho que ele cumpriu o CRIAAD [Centro de Recursos Integrados de Atendimento ao Adolescente, unidade de semiliberdade], e sempre falava que perdeu o pai muito cedo. E eu tentava fazer ele refletir em cima dessa perda, dessa dor. *‘Cara, você também vai ter filho, quer formar família, e aí vai morrer cedo e seu filho vai ficar na mesma história que você? Não adianta pensar só em dinheiro’*. O papo que a gente tem com eles é reto: *‘O que você vai fazer da sua vida? Muitos respondem: ‘Eu não tenho vida longa não, professora’. E você ouvir isso de um garoto que tem 16 anos, choca. Mas é fato. Eles realmente têm poucas e às vezes até nenhuma oportunidade. Tem outra história também, essa é mais recente, eu estava na sala de aula e um deles passou e disse: ‘Professora, agora tomei jeito, estou trabalhando numa oficina mecânica lá em Jacarepaguá, é o que eu estou a fim de fazer’*. Ele estava bonito, sabe? Aí eu falei para ele: *‘Cara, você está muito bonito. O que houve com você, hein?’* Até a forma de andar, de falar, ele tinha mudado. E ele fez questão de vir até mim só para me dar satisfação. Quer dizer, alguma coisa rolou, alguma coisa ficou para ele, porque imagina, ele voltou só para contar o que aconteceu. Então eu penso que o importante é isso, trabalho. Quando eles conseguem essa coisa do emprego é ótimo porque eles sempre comparam: *‘No tráfico eu tiro não sei quanto por dia!’*

E eu retruco: *‘Mas você tem sossego? Você gostaria que seu filho seguisse essa profissão?’*

AH: As oficinas trazem novas perspectivas para eles?

LA: Acho que sim, porque trabalham com uma cadeia produtiva completa, e é uma coisa que eles podem fazer informalmente, em casa, montar seu próprio negócio porque não tem emprego para todo mundo, *‘né’?* Infelizmente não tem emprego formal para todos. E isso a gente também ensina: *‘Vocês podem ser empreendedores, mas para isso é preciso ter rotina, ter disciplina’*. Neste sentido nosso trabalho vai até o nível subjetivo, porque é importante desmistificar a questão do *‘eu sou preguiçoso’*. Então você trabalha a questão da responsabilidade, da legitimação das coisas deles, a gente não pode ir sempre contra eles. É preciso estimulá-los a acreditarem em si próprios: *‘Você é muito bom, você entendeu? A gente tem preguiça, é normal, todo mundo tem. É muito melhor passear, jogar bola, curtir a vida... Você acha que eu acho isso ruim? O lazer também faz parte e é muito importante para você se revigorar. Não tem nada de ruim nisso. Mas também é preciso trabalhar e ter disciplina e responsabilidade’*. E fazer esse exercício mental é muito importante porque eles acham que tudo o que eles fazem é ruim. Eles crescem ouvindo que não são bons, que são preguiçosos... A gente precisa desmistificar essa coisa.

AH: Como é a relação educador vs aluno nas oficinas?

LA: Geralmente nos primeiros dias a gente tem que bater de frente com todos eles. Mas os mais encapetados, os mais *‘brabinhos’*, são os que eu mais gosto porque eles são meu desafio. *‘Como você vai chegar até ele?’* Essa última turma do JLA [Escola João Luiz Alves, unidade de internação] foi muito *‘pesada’*, foi uma turma muito difícil da gente trabalhar, de quebrar o gelo. Eu me perguntava o tempo todo: *‘Será que a gente vai conseguir?’* Porque primeiro tem que criar o vínculo, quebrar o gelo, se não criar, não adianta nada. Mas aí teve um dia que tinha um garoto resmungando o tempo todo do meu lado e eu acho que perguntei para ele alguma coisa do tipo: *‘Cara, você está chupando bala?’* E acabou que foi tudo muito engraçado, ele olhou para mim com uma cara de criança! E aí todo mundo riu,

inclusive ele, e nesse momento o gelo derreteu. Também tem a questão de que, dentro da sala de aula, você tem que trabalhar em dupla, não pode trabalhar sozinho, não tem como, porque um tem que estar sempre tentando ver como pode derreter aquela geleira toda, quebrar o muro... Daí eles desarmam.

AH: Os internos falam da vida deles? Eles contam como chegaram ao DEGASE?

LA: A gente não estimula isso não. Às vezes, quando faço o currículo com eles, a gente trabalha muito, mas buscando compreender qual é o perfil dele, como ele é, quais são os seus pontos fracos, os pontos fortes. E aí a gente tem que explicar que ponto fraco não quer dizer que seja ruim... Todo mundo tem, você olhar para os seus pontos fracos para entender onde é que você precisa melhorar. Se for muito tímido, por exemplo, o que pode fazer para melhorar essa timidez? Mas quando a gente *'tá'* fazendo o currículo, muitas vezes eles acabam contado alguma coisa para mim. Nessa hora eles acabam falando alguma coisa. Teve um que falou: *'Sou bandido desde os 9 anos de idade, hoje eu tenho 18'*. E depois querem reduzir a maioridade penal. Daqui a pouco vai ter medida sendo cumprida na barriga da mãe. Na hora você tem que aguentar o tranco para saber o que responder. Geralmente a família deles é toda desestruturada. Na verdade eu nunca sei bem como eles vieram parar aqui, porque eu não me agarro à questão de *'como ele se meteu nisso'* e tento estimulá-lo para as questões relacionadas ao seu futuro. A gente sabe que no JLA [Escola João Luiz Alves, unidade de internação] há muitos casos... O garoto pode ter matado, roubado, eu não me envolvo nessas histórias porque percebo e entendo toda a fragilidade do contexto de vida deles.

AH: Professora, qual é a sua formação?

LA: Eu sou assistente social, com especialização em terapia familiar. Já trabalhei em empresas, em hospital psiquiátrico. Na verdade, eu não gosto de encarar hospital, não gosto de ficar vendo gente morrer. Mas na APAE, por exemplo, eu já lidava muito com essa questão da educação inclusiva e eu gosto muito dessa área. Depois fiz pós-graduação em educação e eu acabei vindo parar aqui no

DEGASE. Foi um desafio, desde 2011, quando começou o Projeto Ampliando Horizontes. A própria oficina de auxiliar de escritório foi um grande desafio, porque antes a gente não tinha oficinas deste tipo, voltadas diretamente para o mercado trabalho. A gente tinha oficina de cerâmica, marcenaria, costura...

AH: E com qual metodologia vocês trabalham? Como essa metodologia se dá na prática?

LA: A metodologia é baseada no método da educação libertadora do Paulo Freire. E por causa dessa liberdade, eu, por exemplo, guardo um pedaço da aula para trabalhar com um espelho e um cortador de unha. Porque não tem como trabalhar autoestima sem que eles se vejam, não é? Foi muito interessante a reação dos meninos quando eu introduzi o espelho em sala de aula. E muito diferente da reação das meninas. Os meninos são mais contidos. Trabalhar com os meninos é completamente diferente de trabalhar com as meninas. Os meninos se contêm mais, não são tão histéricos quanto são as meninas. Elas são mais problemáticas do que eles. São mais pegajosas. Os meninos, só depois que ganham intimidade, é que eles ficam mais carinhosos. E eu estimulo muito esse carinho: aperto de mão, bom dia, boa tarde, a gente fica na porta dando aperto de mão, um por um, quando eles vão embora. Meu caminho é através do afeto. Com as meninas é tudo questão de namorado e com os meninos é a questão da sobrevivência. Tinha uma menina que o marido era da 'boca', ele quem administrava. E ela foi presa por causa dele, porque estava junto. Agora a questão dos meninos é sair com a namorada. Eles falam: *'como é que você vai sair com a namorada se não tem dinheiro'*? Esse é o raciocínio deles. Mas eu penso que as meninas são mais complicadas porque tem a questão do filho, do filho estar com outra pessoa, delas estarem longe do filho, e isso é muito difícil. O contexto delas é mais complexo... Mas voltando à questão do espelho, a gente só usa no final da aula porque se a gente der um intervalo no meio, a gente não consegue recuperar. São 1h40 e depois a gente dá o final para falar o que quiserem, para cortar unha, pentear o cabelo. Mas desde o começo eu expliquei: *'Olha só, eu não vou ficar tomando conta do cortador de unha, vocês sabem que não podem levar nada lá para cima. Eu não vou ficar atrás de vocês. Quem pegou o cortador, se guardou ou não guardou,*

tem responsabilidade para isso. O cortador está aqui dentro dessa caixinha, e vocês vão pegar esse cortador, vão cortar a unha e depois vão coloca-lo de volta na caixinha e tchau. Não vou ficar atrás de vocês porque não sou babá de ninguém’. E o mais interessante é que ele nunca sumiu. É lógico que depois de toda aula eu vou lá conferir... Mas nesse momento a gente já está trabalhando a relação de confiança, respeito, postura, autoestima, etc.

AH: Qual é o perfil social dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas no DEGASE?

LA: Aqui quase não tem ninguém de classe mais alta. A maioria é pobre. Tive um aluno que era filho de pastor, e ele se destacava dos demais porque tinha uma organização muito boa. Uma organização interessantíssima porque, por exemplo, quando a gente conversava ele falava assim com os garotos: *‘Hoje eu já tenho meu carro. O que vocês construíram com esse dinheiro todo que vocês dizem que ganham? Eu trabalho de sete horas da manhã às sete horas da tarde. Esta hora eu fecho o meu negócio [tráfico] e vou para casa descansar. No sábado eu trabalho até às três horas da tarde. Domingo vou passear com minha família, minha esposa e com meu filho’.* Quase todos esses meninos também têm filhos. Outra coisa que este garoto fala, quando a gente discute sobre o futuro também denota uma organização incrível: *‘Eu tenho minha casa, estou guardando dinheiro para montar um supermercado e quando isso tiver pronto, aí sim eu vou sair dessa vida’.* Então veja bem, ele estava usando o tráfico, e tinha essa clareza, como escada de ascensão social. Sobre as classes sociais, eu tive uma aluna de classe alta, mas só uma, e foi entre as meninas.

AH: Fiquei sabendo que aqui dentro tem muito artista invisível. Você chegou a **descobrir** algum talento?

LA: Tem a história de um aluno que o professor Robson fala que eu *‘adotei’*. Ele fala que tem sempre um que eu *‘adoto’*. Esse menino estava com 16 anos quando passou pela nossa oficina. Veio ele e o cunhado. Os dois foram pegos juntos. Foram pegos. E aqui eu acabei descobrindo que este menino desenha fabulosamente bem. Aí eu tirei da internet um curso de desenho e fiquei incentivando para

que ele buscasse fazer esse ou outros cursos. Eu trouxe algumas reportagens, ele fazia alguns desenhos para mim e eu os colocava na parede. E eu percebi que nesse processo todo ele começou a melhorar os traços, ele me falou que lá dentro da unidade tinha outro colega que também fazia uns desenhos legais, aí ele começou a trazer os desenhos do amigo também... Acabou que criamos um cantinho da arte com esses desenhos que eles tinham feito. Este menino morava com um irmão de 18 anos que também era envolvido com o tráfico. O irmão dele estava em Bangu, ele veio *'pra'* cá. A irmã desse menino já estava grávida, e estava presa no Santos Dumont [atual Centro de Socioeducação Professor Antônio Carlos Gomes da Costa, PACGC -Unidade Feminina]... Ele, com 14 anos de idade, virou pai. Eles são pais muito cedo, sabe?

AH: Quando você recebeu a proposta de trabalhar com esses meninos, o que você imaginava? Qual era a sua expectativa?

LA: Você não pode partir da sua experiência, você tem que partir da realidade do outro, da experiência do outro. Eu imaginava uma coisa e quando cheguei aqui vi que era outra. Eu imaginava que fosse ser mais fácil. Eu tenho uma boa capacidade profissional de lidar com as frustrações, com as deficiências físicas ou de saúde mental. Mas aqui é complicado, o buraco é mais embaixo. Eu sabia que não ia ser fácil. Eu só não sabia que ia ser tão difícil. Porque você trabalha com muitas questões ao mesmo tempo. A questão da escolaridade é muito complicada e eles mesmos não valorizam, porque nunca ensinaram para eles a sua importância. Aqui no DEGASE tem até uma biblioteca que eu fiz, deixei livros para eles levarem, lerem, alguns se interessam, outros não... Trouxe revista, eu trazia muita coisa, cheguei a trazer jogo da velha, dominó. Às vezes eles levavam e não traziam de volta, aí eu trabalhava com a questão de pertencimento, *'o que é seu e o que é do outro?'*, de responsabilidade, de empréstimo e devolução. Se eu levo, eu tenho que trazer de volta para que o outro possa usar.

AH: O que você acha que é importante acrescentar nesse trabalho de socioeducação?

LA: O que poderia trazer *'pra'* cá é um estágio para que eles

pudessem colocar em prática o que aprenderam. Estágio e depois um encaminhamento ao mercado de trabalho, porque sem isso você não consegue ir muito adiante. A coisa fica vazia, partida. É preciso também dar um suporte ao adolescente depois que ele sai daqui, e eu penso que o trabalho é o melhor suporte.



me conta a sua história, entrevista com **mônica bastos** [coordenadora do Pan Social]

Ampliando Horizontes: Conta um pouquinho da sua história. Como você chegou até a coordenação do projeto Pan Social?

Mônica Bastos: Eu entrei no DEGASE em 2007, quando estava iniciando a ideia do 'Novo' DEGASE, junto com o PAN Social. A Ação Comunitária foi pioneira, uma das primeiras instituições a desenvolver um trabalho com eles. Quando a gente começou era completamente diferente de tudo que é o DEGASE hoje. A gente viu ali alojamentos ruins, unidades precárias, defeitos variados. A gente viveu esse processo de transformação. Eu fiz parte desse processo de mudança. Comecei como educadora. Trabalhava na ONG como Coordenadora do Núcleo de Beleza e Gênero; no DEGASE, eu trabalhava como educadora da oficina de maquiagem. Como fazia um bom trabalho na Ação Comunitária, quando teve a saída do primeiro coordenador do PAN Social, a Marília Pastuk me fez o convite para assumir a coordenação deste projeto. Eu entrei na ACB em 2003, como educadora voluntária de manicure e aí fiz um trabalho muito bacana também. Fui convidada a dar aula de cabeleireiro, depois a coordenar o Núcleo de Beleza, e as coisas foram evoluindo. Com a minha experiência dentro do DEGASE, a gente percebeu que algumas mudanças precisavam ser feitas e começamos a pensar nessas mudanças. O DEGASE, na época, estava vinculado à Secretaria de Direitos Humanos, depois passou para a Casa Civil e, finalmente, ficou sob a gerência da Secretaria de Educação. Foi aí que começaram a entender que a escola deveria desenvolver outras atividades além do esporte... Nessa época o DEGASE passou a ter piscina, quadra, uma estrutura melhor. Isso 'pra' gente foi ótimo, porque começamos a perceber que tínhamos e podíamos contribuir muito mais com esse adolescente.

AH: E como surgiram as oficinas de qualificação dentro do DEGASE?

Mônica: Começamos a focar, a diminuir a duração das oficinas, porque eram muito extensas e os alunos nunca conseguiam concluir, porque há uma rotatividade muito grande lá dentro. Pensamos

primeiro em diminuir a carga horária e aí começamos a pensar em curso de qualificação, mas muito mais voltado para geração de renda e o empreendedorismo porque a gente percebeu que existia um problema muito grande em relação à escolaridade. A maioria dos jovens é atraída por conta do tráfico, que oferece muito mais facilidade de conseguir dinheiro em pouco tempo, por isso a gente tinha que pensar em oficinas que pudessem possibilitar que ele tivesse um retorno financeiro mais rápido. Então a gente pensou nas oficinas de geração de renda que já existiam na Ação Comunitária, que tinham uma excelência. A oficina de Cerâmica, de Tie-dye não precisavam de investimento muito alto para serem desenvolvidas, a gente tinha que pensar nesse aspecto, que o jovem estava saindo dali sem nenhum recurso, como ele ia desenvolver uma atividade sem poder investir? A gente teve que pensar em oficinas que tinham um custo muito baixo, para que ele pudesse desenvolver, agregando também sua família nesse processo, porque na medida em que ele fosse para casa e começasse a replicar aquilo, poderia montar uma cadeia produtiva com a própria família, amigos, comunidade. Essa era a nossa intenção.

AH: Isso foi no PAN Social ou no Ampliando Horizontes?

Mônica: Isso foi na transição do PAN Social para o projeto Significando Vidas. O Ampliando Horizontes veio depois. Começamos a pensar nessas oficinas e a ofertá-las, o que deu muito certo. Tivemos a oficina de bordado, customização, tie-dye, cerâmica, marcenaria, todas voltadas para a questão de geração de renda e o envolvimento familiar. Precisávamos entender e conhecer a comunidade, a origem daquele jovem. Começamos a criar uma forma de trabalhar o jovem, a família e a comunidade. Começamos a levar as oficinas para o CECAP, porque até então o Significando Vidas era realizado dentro das unidades de internação e também nas de semiaberto, mas a maioria nas unidades de internação. Abrimos para o CECAP porque eles mesmos entenderam que era importante que pudessem sair dali, estar realizando atividades em outro espaço. Isso sempre foi conversado com eles, todas essas mudanças sempre foram construídas com o DEGASE. Tivemos sucesso, com certeza, em relação a isso, tínhamos sempre uma participação muito grande dos jovens dentro das nossas oficinas.

AH: E quem eram esses jovens? Conta um pouco sobre eles...

Mônica: Tem um menino, que era de Angra do Reis, e que fez a oficina de batik & tie-dye. Ele aprendeu a técnica de uma forma bem bacana e quando saiu do DEGASE voltou a morar na sua cidade, começou a desenvolver a atividade lá e a gerar renda a partir disso. Conseguimos atingir o nosso objetivo com ele. Também tem outras histórias. Uma história bem bacana pra contar é a própria história da oficina de capoeira, pois trabalha muito a questão da disciplina, da valorização do ser humano, a cooperação, a questão da etnia. No início, a gente tinha uma barreira muito grande com relação a essa oficina por conta da questão de se associar a capoeira à violência. E nós conseguimos desconstruir isso. E justamente essa oficina foi uma das que mais recuperou os jovens dentro do DEGASE. Temos histórias de meninos que fizeram parte da oficina e hoje estão trabalhando como professores. Tem muita história, vários outros casos que merecem ser contados, como a história da Evelyn, da Menithem, do Alexandre. O Alexandre ficou no DEGASE durante muito tempo. Os jovens não ficam muito tempo porque depende da medida, do ato infracional que ele cometeu, mas a medida nunca é muito extensa e a dele foi de dois anos. A gente conseguiu resgatar esse menino e hoje ele consegue planejar a vida dele de forma como se aquilo tivesse sido superado, e a gente acredita mesmo que foi. A maioria dos jovens tem uma ausência muito grande da família, na verdade muitos não têm família e os que têm, ou ela é muito ausente ou está toda desestruturada. A gente percebe que o grande X da questão tem a ver com o acolhimento familiar. Eles ficam muito soltos, são criados sem noção de limites dentro da comunidade e são facilmente atraídos pelo tráfico. E isso acontecer muito por causa dessa ausência de orientação familiar. Hoje tem muita família onde a mãe é a única provedora do lar, onde o pai ou o irmão já está envolvido com o tráfico... São muitos os aspectos que permeiam a entrada de um jovem no sistema socioeducativo. Então o caminho ideal seria trabalhar a prevenção de fora para dentro, ou seja, antes do adolescente entrar no sistema, e não de dentro para fora como acontece hoje. Eu vejo essas oficinas como um trabalho importantíssimo que jamais deveria parar, porque a gente realmente consegue que o jovem veja um horizonte diferente para a vida dele e para a sua coletividade como um todo.

AH: Como é a relação educador vs aluno dentro das oficinas?

Mônica: Os professores acabam sendo uma referência para eles. Existe um respeito muito grande aos meninos por parte deles, porque o mundo vira as costas para eles, então, quando alguém se dispõe a ajudá-los, eles abraçam e ficam realmente dispostos. Até aquele que no início tem mais resistência, com o tempo esse comportamento vai sendo modificado. Quando eles se deparam com a possibilidade de uma nova realidade, o pensamento e o comportamento deles também mudam. Então eles se identificam com o educador e isso é muito positivo porque cria uma possibilidade de você trazer aquele jovem para dentro daquela atividade e ele começa a se envolver de uma forma muito positiva e consistente. Existe sim uma reincidência muito grande, e aí eu vou chegar até o Ampliando Horizontes pensando justamente nessa reincidência e na maneira que a gente podia trabalhar o jovem, a partir do momento que ele saísse do DEGASE. Foi assim que pensamos no Ampliando Horizontes, porque, naquele momento, nem o próprio DEGASE conseguia dar conta dessa situação.

AH: Então o projeto Ampliando Horizontes começou a trabalhar com os egressos também?

Mônica: Naquele momento que a gente estava desenvolvendo o projeto Significando Vidas, depois do Pan Social, essa era uma questão muito forte porque eles não tinham nenhum controle sobre o adolescente depois que ele saía do sistema. O jovem está ali, você constrói todo um trabalho com ele, desenha com ele um futuro melhor, um novo rumo. Oferece suporte psicológico, de desenvolvimento cognitivo e, quando ele sai, cadê? Tudo se perde. Pensando no acompanhamento desse jovem, nasceu o Ampliando Horizontes, que tinha como objetivo trabalhar o egresso, que ele tivesse oportunidade de estar ali participando da oficina e quando saísse pudesse dar continuidade, porque muitas vezes eles acabam tendo que sair sem concluir o curso porque o tempo da sua medida socioeducativa acabou. E quanto a isso nós éramos muito rigorosos, nunca entregamos certificado para o jovem sem que ele tivesse participado de fato daquela oficina, isso sempre foi uma política

nossa, a gente não entregava mesmo. Tínhamos muitos conflitos com eles por causa disso, eles queriam receber e a gente não certificava e isso criava uma possibilidade de você chegar neles e falar: *‘Se você quer o certificado, então vai ter que concluir as aulas, tem que ir do início ao fim’*. A gente fazia vários eventos: feiras, exposições, mostras com o trabalho que eles faziam. Aliás, uma das formas que a gente identificou que seria bem legal de trabalhar, era sempre estar mostrando os resultados, eles tinham que produzir e, num determinado momento, a gente tinha que fazer uma exposição, fazer uma mostra do trabalho que estava sendo realizado por eles. E foi assim que começamos a pensar nesse trabalho de dar continuidade... Aí a gente sentou, conversou sobre essa questão com a Marília Pastuk e com o Vicente Pereira, da Ação Comunitária, e surgiu a possibilidade de escrever o Ampliando Horizontes, um projeto mais voltado para o egresso justamente para tentar essa continuidade, para que o jovem não se perdesse e o nosso trabalho ficasse partido ao meio.

AH: Foi no Ampliando que a Evelyn e o Alexandre começaram a trabalhar como educadores das oficinas?

Mônica: Sim, ambos. A Evelyn antes, porque começou no Significando Vidas como monitora e aí permaneceu depois no Ampliando. O Alexandre iniciou no Ampliando Horizontes. A gente tinha a possibilidade de uma outra pessoa também, mas ele saiu do DEGASE, porém continuou com a capoeira (ele também é um caso de sucesso). Ele saiu, foi trabalhar, e a última notícia que eu tive é que ele estava trabalhando como ajudante de pedreiro e fazendo a capoeira.

AH: Qual é o maior desafio do projeto?

Mônica: Sem dúvida, o maior desafio refere-se ao acompanhamento do egresso. Porque eu acho que se não tivermos um sucesso muito grande com relação a essa questão pode estragar todo o trabalho anterior. Não é só uma questão de gestão do projeto, é todo um processo que envolve o trabalho do egresso, até porque o próprio DEGASE não consegue dar conta desse acompanhamento de maneira eficaz, porque é complexo. Então a gente não pode puxar essa

responsabilidade, porque nossa intenção foi justamente dar o primeiro passo... Esse desafio deve ser cuidado pelo DEGASE e pela a Secretaria de Educação, com suporte das ONGS que trabalham em parceria. A pergunta que fica é: de que forma eu farei o acompanhamento desse jovem? De que maneira devemos trabalhar essa questão?

AH: Mônica, você acabou de citar a Secretaria de Educação. Qual é a responsabilidade do Estado para o cumprimento do Estatuto da Criança e do Adolescente que preconiza as medidas de caráter socioeducativo, ao invés de medidas de punição?

Mônica: O que a gente faz, na verdade não somos nós que deveríamos fazer, mas a gente sabe que não seria feito e que cabe ao Estado cuidar dessa questão. O que acontece na maioria das vezes é a reincidência, porque não havia nenhum tipo de acompanhamento do egresso. Então ele sai do DEGASE e vai fazer o quê? Ele volta para o tráfico... Então é importante tratar essa questão como um desafio que precisa ser superado.

AH: Conta mais um pouquinho a história da Menitem...

Mônica: Ela fez parte da oficina de fotografia, no Significando Vidas. Havia se envolvido com o tráfico e acabou cumprindo medida. Entrou na oficina e despontou junto com outra jovem nas atividades. A gente fez na época uma exposição que foi uma quebra de paradigma, porque levamos os meninos infratores para a Zona Sul do Rio de Janeiro, numa exposição de fotografia [Sonhos Velados] realizada na Casa de Cultura Laura Alvim. Foi um momento ímpar para a gente. Tivemos muitas respostas positivas, a gente conseguiu. A Ação Comunitária fez acontecer através desses projetos. Talvez a gente tenha sido *‘muito utópico’* em acreditar que pudesse estar realmente revolucionando. A vontade era muita grande em fazer acontecer. Agora é preciso unir forças com o Estado, com o DEGASE, com a Secretaria Municipal de Assistência Social e pensar de que forma poderíamos trabalhar integrados. Porque quando é tudo fracionado, todo mundo acaba perdendo...

AH: E como é o fato de ter que preservar a imagem deles e do quanto eles se envergonham de se exporem, de contar que são egressos?

Mônica: Eu sou completamente a favor dessa exposição. A questão é como a sociedade vê esse menino. A gente que está trabalhando com eles tem um olhar completamente diferente da sociedade. As pessoas pensam que todo o DEGASE é o antigo Padre Severino [atual Centro de Socioeducação Dom Bosco], que tem rebelião o tempo todo. Eu, várias vezes, quando pegava um táxi para ir para alguma unidade socioeducativa, eu escutava: *‘Esses meninos é um bando de marginal, tem mais é que morrer’, ‘O Estado fica gastando dinheiro com esses vândalos’*. E alguns funcionários do DEGASE, infelizmente ainda pensam dessa forma. Isso é muito complicado. A gente tem uma sociedade altamente excludente, essa é a nossa realidade, é assim que eles veem os adolescentes. A sociedade não entende todo o processo que leva o jovem a cometer aquele ato infracional. A maioria é por conta do tráfico de drogas. E o que leva o jovem ao tráfico? São várias questões, e a sociedade é culpada por isso, nós também somos os culpados por aqueles jovens estarem ali. Vivemos numa sociedade completamente desigual. Como podemos fazer esse tipo de apontamento? Qual a oportunidade que esse menino teve na vida? Onde ele nasceu? Como foi criado? Com quais valores ele cresceu?





CAPÍTULO 6



paLavra de protagonistas





Depoimento de 2 internos do EJLA [Escola João Luís Alves]

Adolescente A.

A: ‘Tô no’ DEGASE há um ano. Neste tempo já participei dos cursos de auxiliar de cozinha, auxiliar de escritório e informática; queria fazer um curso que pudesse me ajudar lá fora, principalmente para conseguir um emprego e ter um rumo na vida quando eu sair daqui. Eu acho que eles vão servir para me ajudar a conseguir qualquer trabalho, viver dignamente, sem medo e com segurança.

AH: Fala um pouco da sua experiência aqui dentro...

A: Ficar internado não é nada bom. A única parte boa para mim são os cursos, porque eu posso “ampliar meus horizontes”. Ficar preso, longe da minha família e das pessoas que eu gosto, não poder fazer as coisas simples da vida como pegar sol a qualquer hora, poder conversar com os amigos, ter um momento de lazer, então é muito ruim. Dá muito desespero. O que eu quero quando sair daqui é trabalhar em um lava jato no começo e depois, um sonho que eu já há alguns anos, é poder ter o meu próprio lava jato e melhorar de vida, melhorar a minha vida e a vida da minha família. Primeiro eu sei que vou ter que planejar, ver onde vai ser o espaço e os materiais que vou usar, como ter o lucro, como conseguir os clientes. Minha família vai trabalhar comigo, os amigos que eu tinha na rua não servem para nada, pelo contrário, quero outras companhias para mim. Quero ter uma vida calma e digna. Nada de viver perigosamente. Não quero voltar para cá nunca mais. Poxa, o sofrimento que a minha mãe e a minha família passa é muito grande. Minha família é presente, mas mora em outro município. Só tenho minha mãe e meu irmão e nem sempre consigo vê-los, porque eles nem sempre têm dinheiro da passagem para vir ‘pro’ Rio De Janeiro para me ver. Queria poder fazer minha mãe um



pouco mais feliz...

AH: Qual foi a oficina que você mais gostou?



A: A oficina que eu mais gostava foi a de auxiliar de escritório, principalmente da parte da leitura e interpretação de textos. Eu viajava nas palavras. Outro lance que me deixava feliz era a possibilidade de me ver no espelho, ver como que o meu cabelo estava, meus dentes, a minha aparência, poder me arrumar, cuidar de mim. A professora Lana guardava uma parte da oficina só *'pra'* gente fazer isso. A gente muda tanto aqui dentro! E se ver faz um bem danado. Dá um gás para a gente melhorar ainda mais. E mudar para melhor, graças a Deus. Isso ajudou na minha autoestima e no modo como eu vejo a vida e o meu futuro. Fora a escola, aqui dentro não tem nada para fazer além dos cursos e eles mudaram a minha mentalidade. Eu sei o sofrimento que minha mãe passou tendo que se virar para conseguir o dinheiro da passagem para vir para cá, que eu sei que é cara. Acho que vai ser melhor quando eu voltar para minha família, ajudar a minha família, planejar a minha vida junto com eles...

AH: Se você pudesse deixar um recado para os meninos da sua idade, que recado você deixaria para eles?



A: Eu falaria para eles nunca entrarem nessa vida nunca, porque às vezes pode ser um caminho sem volta. Muitos não têm uma segunda chance como eu estou tendo. Além disso, aquilo não é vida para ninguém; viver preso como um passarinho, não podendo ter o direito de ir e vir, ficar longe das pessoas que a gente ama. Isso só traz sofrimento para todo mundo, principalmente para as pessoas que amam a gente de verdade, como os nossos pais e irmãos, a nossa família, mesmo quando a sua família é uma tia, ou um amigo seu...



Adolescente B.

AH: Como você vê a sua vida antes e depois dos cursos? Mudou alguma coisa?

→ **B:** Até agora não mudou porque eu ainda estou preso, mas eu aprendi várias coisas com os professores... Aprendi a assinar cheque, aprendi como é que tem que ser a postura dentro do escritório, várias coisas. Também fiz a oficina de informática, gastronomia e agora 'tô' fazendo a de auxiliar de escritório e quando acabar quero fazer outras oficinas ainda...

AH: O que você esperava do curso de Auxiliar de Escritório?

→ **B:** Vi que é uma coisa que lá fora pode me dar acesso ao mercado de trabalho e com isso eu posso mudar de vida, construir uma nova história. Quando eu sair daqui, eu não quero voltar para essa vida não. Quero trabalhar, ter uma vida digna, dar uma vida melhor para minha mãe. Aprendi muita coisa aqui dentro com essas oficinas e principalmente com os professores. Eu tinha uns problemas para escrever, a professora Lana me ensinou. Robson me ensinou a preencher uma folha de cheque, escrever uma carta, receber contrato de mercadoria. Nunca faltei a nenhuma aula. Gosto de estar envolvido nas atividades, de aprender cada dia mais.

AH: Você começou falando que sua vida ainda não mudou porque você ainda está aqui, mas você está com um sorriso muito grande no rosto. Me explica o motivo desse sorriso...



B: Quando eu entrei aqui eu pensei: 'ah, quando eu sair, vou fazer tudo de novo'. Daí 'passou' seis, sete, onze meses e agora vai fazer um ano e, poxa, eu vejo que minha mãe batalha tanto para vir aqui, para ver como eu estou e ficar um pouco comigo. Então eu quero mudar e ter uma vida melhor. Minha mulher estava morando comigo. Depois que eu fui preso, depois de sete meses, ela foi morar na minha casa, agora já tem cinco meses que ela está morando com minha mãe. Minha irmã até me deu uma *kitnet* onde ela morava com marido dela, para eu morar lá e tentar uma vida melhor. Estou aqui há um ano. E tenho aprendido muito. Eu parei de estudar na sexta série. Lá na pista, eu parei na quinta série e aqui dentro eu completei até a sexta série. Inclusive, eu pretendo continuar estudando quando sair daqui, eu quero até tentar uma faculdade. Mas preciso ver como vai ser as oportunidades lá fora. Assim como os outros meninos, eu tinha muita resistência em escrever, mas depois que comecei a escrever no curso, eu fui indo muito bem. Agora já era, peguei o jeito e agora é só ir melhorando... Já aprendi a escrever carta, e-mails, um monte de coisa.

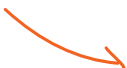
AH: Fiquei sabendo que na aula você também usa um espelho, como é isso?

B: Lá na unidade a gente não tem espelho, né? Não pode ter. Então tem uma parte da aula só 'pra' gente se ver, olhar para o nosso próprio rosto. Isso é muito bom 'pra' saber se a imagem da gente estava melhorando, se a gente estava se modificando para melhor, se está ficando bonito! [risos] A gente tá



em fase de mudança, de crescimento. E eu quero ser uma pessoa melhor.

AH: Se você fosse dar um conselho para um amigo seu aqui do DEGASE, que conselho você daria?

 **B:** Se conselho fosse bom ninguém dava, vendia, não é? Então, já que é de graça, aceita quem quer. Mas o que eu diria é para que eles mudem de vida. Já vi vários que saem daqui e passa uma, duas semanas e chega a notícia que morreram. Quero isso *'pra'* mim não e não desejo isso *'pra'* ninguém. Eu, quando sair daqui, vou arrumar uma coisa melhor para fazer, ainda mais agora que já sei fazer tanta coisa... Quero recomeçar minha vida. Não quero mais esse sofrimento. Minha mãe trabalha muito, deixa de comprar as coisas para ela para poder vir me ver. Sempre que ela vem lá de longe, ela fala *'pra'* caramba e eu sempre *digo* *'pra'* ela: pode deixar mãe, eu já aprendi a lição.



Razão porque fiquei

185



Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. Alguma poesia. Revista de Antropofagia, 1928.

BRITO, Fausto. A ruptura dos direitos humanos na filosofia política de Hannah Arendt. Departamento de Filosofia da UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais, MG, 2003.

COSTA, Cláudia Regina Brandão Sampaio Fernandes & Assis, Simome Gonçalves. Fatores protetivos a adolescentes em conflito com a lei no contexto socioeducativo. Psicologia & Sociedade; 18 (3): 74-81; set/dez. 2006.

FRANCISCHINII, Rosângela & Campos, Herculano Ricardo. Adolescente em conflito com a lei e medidas socioeducativas: Limites e (im)possibilidades. Psicologia & Sociedade, v. 36, n. 3, pp. 267-273, set./dez. 2005.

FREITAS, O. A. de; **RAMIRES**, J.C. de. Jovens infratores e políticas públicas: Reflexões acerca do Centro Socioeducativo de Uberlândia. OBSERVATORIUM: Revista Eletrônica de Geografia, v.2, n.5, p.02-20, nov. 2010.

NERI, Natasha Elbas; **CAMPOS**, Luiz Augusto. Crime, juventude e punição – a internação de jovens em conflito com a lei no Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA)/ UFRJ.

OLIVEIRA, Maria Cecília Rodrigues de. O processo de inclusão social na vida de adolescentes em conflito com a lei. Programa de Pós Graduação em Psicologia. Departamento de Psicologia. Universidade de São Paulo, SP, 2002.

SOUZA, R. de; **LIRA**, V. B. Caminhos para a municipalização do atendimento socioeducativo em meio aberto: liberdade assistida de serviços à comunidade. Rio de Janeiro: IBAM/DES; Brasília: SPDCA/SEDH, 2008.





ZEITOUNE, C. M. Ética, lei e responsabilidade. Considerações sobre atendimento clínico aos adolescentes em conflito com a lei. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação da profa. Dra. Tania Coelho dos Santos e com o financiamento da CAPES.

ZEITOUNE, C. M. A clínica psicanalítica do ato infracional. Os impasses da sexualização na adolescência. Tese de doutorado, orientada pela Profa. Dra. Tania Coelho dos Santos e defendida no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro em agosto de 2010.





Expediente:

COORDENAÇÕES RESPONSÁVEIS PELO
PROJETO AMPLIANDO HORIZONTES

Coordenação geral:

Marília Pastuk

Coordenação executiva:

Cícero Nogueira

Coordenação pedagógica:

Ana Paula Degani

Coordenação financeira:

Marco Antônio Silva Gomes

Monitoramento e avaliação:

Luciana Meireles

EQUIPE RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DO LIVRO

**RAZÃO PORQUE FIQUEI:
O PÃO NOSSO DE TODOS OS DIAS**

Marília Pastuk

Giovanna Barreto

Colaboração:

Ana Paula Degani

Cícero Nogueira

Luciana Meireles

Design gráfico e Ilustração:

Marcela Escobar

Fotografia:

Thiago Ripper

Evelyn Picanço





Uma Publicação da:



Ação Comunitária do Brasil
Rio de Janeiro

www.acaocomunitaria.org.br



www.curioeditora.com

Apoio:

Social de Verdade
www.socialdeverdade.com.br





Projeto:



Patrocínio:

PROGRAMA **PETROBRAS**
DESENVOLVIMENTO
& CIDADANIA



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

